J. KRISHNAMURTI

ABANDONANDO A ESCURIDÃO

J. KRISHNAMURTI

ABANDONANDO A ESCURIDÃO

Tradução revisada de

HUGO VELOSO

2ª edição revisada – 2014
Edição original - 1957

Nesta série de palestras, Krishnamurti nos convida a uma profunda investigação dos mecanismos de nossa mente, para compreendermos os aspectos que impedem o entendimento de seu funcionamento e as dificuldades que encontramos em nosso relacionamento com o mundo e com nós mesmos.

Essa viagem -- que deverá ser feita por cada um de nós -- em que não há condutor, guia, nenhuma espécie de autoridade, só poderá ser realizada se aceitarmos o fato de que estamos sozinhos para descobrir a verdade, deus ou o nome que se quiser dar a isso.

A grande dificuldade que encontramos, quando voltamos o olhar para o nosso interior, está em usar uma mente que se encontra confusa, cheia de ideias, crenças, esperanças, e ansiosa por ser guiada, residindo aí o maior obstáculo, pois são essas condições que oferecem resistência a qualquer coisa nova que a desafie.

Entretanto, ele nos alerta a respeito de nossos objetivos ao tentar tal empreitada, pois aqueles de nós que estão meramente buscando um entretenimento intelectual, uma distração ou apenas afiar sua mente para a disputa diária do ego, correm um perigo; ***Mas, se ouvis algo que é verdadeiro e não o deixais atuar sobre vós, essa coisa se torna venenosa, produzindo um estado de deterioração.***

As palavras de Krishnamurti nos oferecem uma oportunidade para investigar o desconhecido, aquilo que as próprias palavras não alcançam; portanto, elas podem nos ajudar a identificar a porta que nos mostrará uma nova vida, mas somente nós poderemos abri-la.

ICK

1ª PALESTRA

Creio que a maioria de nós está consciente da necessidade de uma modificação, não só em nossas vidas individuais, mas também em nossa existência como grupo, raça ou nação. Percebemos a importância de uma modificação radical, de uma transformação que nos traga uma esperança duradoura, uma segurança, uma certeza, dada, não pela mente, mas por algo que se acha acima e além da mente. Por certo, nós, — pelo menos, aqueles dentre nós que sentem verdadeiro interesse — percebemos a necessidade desta vital transformação dentro em nós mesmos. Mas, a transformação não pode ser produzida pela mente, porquanto a mente nunca foi capaz de resolver nenhum problema humano. Quanto mais investigamos o processo do pensamento e procuramos resolver os nossos problemas de acordo com as sanções da mente, tanto maiores são as complicações, tanto maior a degradação e o sofrimento; e tanto menos possível se torna a existência criadora. É, entretanto, bem evidente a necessidade de uma transformação vital e é sobre isso que desejo falar neste ciclo de palestras, isto é, sobre como operar não uma reforma superficial ou um fortuito ajustamento, porém, uma mudança, uma revolução, uma transformação radical que nos dê experiência direta de algo que é fundamental, que é eterno, que não pertence ao tempo e que se pode chamar a verdade, Deus, ou o que quiserdes. Para mim, este é o único estudo essencial, a única indagação fundamental, sobretudo em nosso atual estado de crise, tanto individual como histórica. É inútil esperarmos a transformação por influência de alguma filosofia, de algum mentor, de algum ideal ou exemplo, — ou analisarmos as nossas próprias complexidades e procurar

resolvê-las dentro dos limites da mente, dentro dos limites do tempo.

Vejamos, pois, se não nos é possível, nesta e nas palestras subsequentes, examinarmos com calma, com cautela, a fundo, o problema da transformação, de como operarmos dentro em nós mesmos uma revolução fundamental. É visível a importância, a necessidade, a urgência de tal modificação; porque a mera reforma, o superficial ajustamento a uma ideia, a um determinado fim, não representa transformação alguma. À maioria de nós só interessam as mudanças imediatas; não queremos examinar o problema mais a fundo, em sua essência. O nosso desejo de transformação resulta de um pensamento superficial, e nesse processo de modificação há sempre malefício em nossa ação. Estou certo de que este fato é bem evidente à maioria de nós e, entretanto, não encontramos um meio de superá-lo. Desejo que para cada um de nós — inclusive eu próprio — resulte destas palestras o descobrimento do meio pelo qual atingiremos aquela fonte que não está na mente, que não está no tempo, que não está em relação com nenhuma filosofia ou sistema político, nenhuma religião organizada, nenhum código de ética, nenhuma reforma social. Religião é o descobrimento daquilo a que se não pode dar nome algum; e, se pudermos experimentar diretamente essa realidade, e fazê-la operar, fazer dela a nossa força impulsora, ela operará a transformação tão necessária.

Peço licença para acrescentar que existe uma maneira correta de escutar. Não vindes aqui apenas para aceitar ou para rejeitar o que eu digo, mas sim com o desejo de fazer alguma descoberta, não é verdade? Esta é, sem dúvida, a razão por que vos achais aqui — pois não viestes com o fim de passar uma

tarde agradável, em companhia de amigos que provavelmente não vedes há muitos anos. Isso pode ficar para depois. Fizestes o sacrifício de vir; portanto, deveis sentir algum interesse. A arte de escutar não implica apenas uma atitude vaga e receptiva, mas sim o propósito de averiguar o que desejo transmitir. Juntos — na exata acepção do termo — juntos podemos descobri-lo, descobrir algo que não se acha só no nível verbal, algo que não é uma ideia a que se possa opor outra ideia, que não é mero conhecimento, algo que não se pode adquirir; mas que está ao nosso alcance experimentar diretamente, juntos; algo que representa o único valor transcendente, proporciona uma confiança extraordinária, confiança que nenhuma teoria, nenhum argumento político ou religioso é capaz de inspirar.

Estas palestras, portanto, não são meras preleções para vós escutardes e eu desenvolver; devem, antes, representar uma viagem que empreendemos juntos, com o fim de descobrir aquilo que não é criado pela mente. Posso inventar, fazer conjecturas, e vós podeis fazer a mesma coisa; posso aventar uma ideia, e vós lhe opordes outra ideia, um argumento diferente; mas, por certo, se desejo encontrar algo que não seja do tempo, que não seja da mente, que não represente mera reação a um determinado desafio; se desejo deveras fazer descobrimentos, preciso ultrapassar as simples reações fortuitas superficiais.

O escutar de maneira adequada, por conseguinte, é de suma importância. Como estamos conversando a respeito de problemas dificílimos e que desafiam a humanidade inteira, a todos os indivíduos, devemos acercar-nos deles com uma mente muito penetrante, meticulosa, inquiridora, uma mente capaz de aprofundar-se mais e mais, e não apenas chegar a uma

conclusão e a ela se apegar. Nessas condições, se me permitis sugerir, no fim de cada uma destas palestras, retirai-vos sozinhos cada um de vós, para meditar a respeito, em vez de vos pordes logo a conversar animadamente sobre o vosso último encontro, quando e onde ocorreu, etc. — vós bem sabeis as conversas superficiais que se travam nestas ocasiões.

O importante é descobrirmos de que maneira realizaremos uma transformação fundamental em nós mesmos. Não sei se isso constitui problema para vós. Talvez não, visto que a maioria de nós somos presa da inércia, do hábito, da tradição; entregamo-nos de corpo e alma a uma convicção política ou religiosa, e a seguimos, na esperança de que produza uma mudança duradoura, fundamental, uma transformação, uma revolução dentro em nós. Comprometendo-nos com certo padrão de pensamento, seguimo-lo anos e anos e pensamos que estamos nos modificando. Ora, nenhuma transformação fundamental pode ocorrer pela observância de um padrão de pensamento, por mais nobre que seja, nem pela submissão à tradição, nem pela aceitação de qualquer ideia, crença ou exemplo; o que se requer é uma transformação não produzida pela mente. Ouvi, pois, com atenção, sem confrontar imediatamente o que digo com o padrão a que estais habituado, seja de um livro que lestes, seja de uma determinada sociedade ou grupo religioso a que porventura pertençais. Ponhamos de parte todas essas coisas e pensemos no problema de maneira nova.

Pois bem, percebo a imensa importância de uma transformação fundamental em mim mesmo. Sou talvez ambicioso, ou ávido, ou mentiroso. De que maneira alterar essas coisas completamente? Vejo que a ambição é um processo

muito destrutivo, tanto individual como coletivamente; embora cada um deva ter o suficiente, o espírito de aquisição, a ambição de mais e mais e mais, os movimentos de defesa interesseira, que levam por fim à mentira, à burla, à ilusão — estas coisas estão causando verdadeira devastação no mundo. Percebendo os padrões, as reações, a tolice, a vaidade, os preconceitos em que estamos envolvidos, de que maneira iremos transformá-los, não apenas verbalmente, mas realmente? Aqueles de nós que já fizeram tentativas neste sentido, têm experimentado diferente métodos, não é verdade? Temos nos disciplinado pela ação da vontade, temos seguido instrutores e mentores, venerado a autoridade; e, no entanto, apesar de todos os nossos esforços para nos livrarmos destas coisas, continuamos superficiais e vazios. Nossos problemas continuam a existir, sob forma diferente. Posso deixar de mentir ou de ser ambicioso; mas que adianta isso? Posso ser muito bondoso, muito afetuoso e atencioso, sem entretanto atingir aquela centelha, aquela chama que dá à vida uma qualidade inteiramente nova.

Assim, enquanto eu não atingir aquela chama, enquanto não tiver a sua "experiência", muito pouco valor terão as reformas superficiais ou a capacidade exterior de ajustamento; porque o mero ajustamento exterior não produz aquela fé, aquela esperança, aquela convicção, aquela certeza, aquele sentimento insuspeito de algo eternamente novo. Sinto que, se pudermos atingir aquela centelha, a mudança terá então um extraordinário significado. Sem dúvida, esta é a verdadeira busca da realidade, de Deus, ou como quiserdes chamá-lo. Sem a termos atingido, temos feito todos os esforços possíveis para conformar, alterar, moldar a mente. Eis porque, quando falham as pseudo-religiões, como sempre acontece, infalivelmente, os partidos políticos se tornam sumamente importantes; oferecem

eles uma visão, uma convicção, uma esperança, e atiramo-nos sofregamente a essas coisas, porque, em nós mesmos, perdemos a fonte, o manancial daquilo a que se não pode dar nome algum.

Não se trata, pois, de mera reforma social, de alteração superficial, mas sim de provocar uma experiência geradora de uma fé perdurável — se posso empregar a palavra "fé" sem suscitar o sentimentalismo supersticioso que costuma acompanhá-la; uma experiência capaz de gerar uma confiança despida de todas as nossas tolices e arrogâncias, a confiança nascida da claridade, nascida daquela coisa indestrutível, pela qual vivemos e morremos. Existe uma certeza, uma qualidade peculiar que proporciona, não a esperança superficial numa dada coisa, mas um sentimento que, em si mesmo, é o desabrochar de algo que transcende o funcionamento da mente. É essa coisa que temos de alcançar; e, se sentimos verdadeiro interesse, nosso problema — vosso e meu — é achá-la. Se não a alcançarmos, viveremos em perpétua tribulação e confusão; haverá guerras intermináveis, constantes conflitos entre nações, raças, grupos, indivíduos; sem ela, não há compaixão nem amor.

Portanto, nem vós nem eu somos brilhantes, não estamos contaminados por um imenso conhecimento, somos pessoas comuns; talvez, pela periferia, haja alguns desequilibrados, mas isso não importa. Será possível a pessoas comuns, como vós e eu, investigar e experimentar, não uma coisa previamente inventada pela mente, mas algo que não procede da mente, em absoluto? É isso que vamos investigar, o que poderá exigir renúncias e sacrifícios, o abandono de várias das nossas ambições pessoais, do desejo de nos tornarmos importantes; porque a mente que se acha presa a seus próprios padrões de pensamento, nunca pode experimentar o eterno. Se queremos

investigar a sério esta questão, devemos estudar a mente — não a mente universal, ou a mente de outra pessoa, por maior que seja, mas a mente que eu tenho e a mente que vós tendes, a mente com que pensamos, com que operamos e em cujas reações nos vemos enlaçados. A mente é o único instrumento que possuímos, e se, ignorando o seu modo de operar, nos pomos apenas a investigar o que se acha além dos limites da mente, seremos levados, tão só, a uma ilusão; e os mais de nós estamos presos nas redes desta ilusão, sobretudo as pessoas ditas religiosas, que buscam a Deus.

Portanto, se desejamos compreender, experimentar diretamente, algo não criado pela mente, nosso primeiro cuidado deve ser o de compreender o processo da mente, ou seja, o pensar. Só quando penetramos e examinamos a fundo o processo do pensamento, é possível o fim do pensamento. Afinal de contas, o nosso pensar não nos tem levado muito longe; as nossas ideias não trouxeram a paz para o mundo, nem a felicidade para nós. O pensamento é um processo de reação, um condicionamento do passado, está sempre criando padrões que instintivamente seguimos. Tudo isso precisa ser compreendido, o que significa que devemos examinar e dissolver todas as tradições e preconceitos, os padrões especiais e as peculiaridades do "eu", despojando a mente de tudo, desnudando-a, para que ela se torne realmente tranquila. Esta tranquilidade não é uma tranquilidade provocada, cultivável, ou conquistável por meio de disciplina, uma vez que todos estes processos também fazem parte da mente. Só a mente que está tranquila, que está serena, é capaz de experimentar aquilo que não faz parte da mente; e uma das coisas mais difíceis é a mente estar tranquila. Quando a mente está reduzida a nada, só então há Deus. Mas temos cultivado a mente através de séculos, só a

ela adoramos, e, por esta razão, temos de compreender o processo da mente. Trataremos disso em cada uma destas palestras. Assim que começamos a descobrir, a nos tornar cônscios do processo do nosso pensar, dessa compreensão, desse percebimento resulta uma tranquilidade da mente, na qual já não existe esforço algum na direção de um determinado fim; e só então é a mente capaz de receber ou experimentar algo que não seja projeção dela própria. Ao manifestar-se essa experiência, por mais fraca que ela seja, daí há de vir uma transformação, daí há de resultar uma modificação — não a modificação de uma mente superficial, de que só resultam malefícios.

PERGUNTA: A unidade parece essencial ao bem-estar do homem. Como conseguir esta unidade num grupo ou numa nação?

KRISHNAMURTI: Como se consegue em geral esta unidade, tal como é posta em prática nas várias nações? Cria-se uma união superficial a poder de propaganda, de educação e de várias formas de compulsão; sois constantemente lembrados de que sois americano, hindu, russo, alemão, etc. Por vários modos de condicionamento — religioso, social, econômico, climático — somos forçados a unir-nos; e achamos que isso é uma coisa essencial. Pensamos que, identificando-nos com um grupo determinado e consagrando-lhe a nossa vida, estabeleceremos a unidade.

Ora, a unidade é coisa da mente? Restringe-se a unidade a um determinado grupo ou nação? Quando, por necessidade econômica ou qualquer outra razão de autodefesa, nos identificamos com um grupo ou uma nação, isso é unidade? Ou toda ação de autodefesa gera conflito íntimo e, por conseguinte,

também externo? Quando é que temos o sentimento de unidade? Quando vos sentis unido com outra pessoa? Por certo, só quando o "eu" está ausente. Quando o sentimento de "mim" e de "meu" — meus ressentimentos, meus preconceitos, minhas tendências — quando tudo isso está ausente, existe então a possibilidade de união com outra pessoa. Enquanto o "eu" está presente, o que há é desunião, separação, não é verdade? Nossa educação, nossas distinções sociais, nossas barreiras econômicas, sociais e raciais, tudo isso indica a atividade separativa do "eu"; o "primeiro, eu" está presente em toda parte, e, saltando por cima dele, queremos achar a unidade. Nosso problema é este, não achais? Procuramos estabelecer uma união superficial, sem amor; e o amor é uma coisa que não pode coexistir com o "eu". Com uma das mãos fortalecemos o "eu", e ao mesmo tempo queremos encontrar a união. Há um conflito entre "mim" e o ideal, e por isso a sociedade, tal como o indivíduo, está em perene conflito.

A unidade não pode, consequentemente, ser criada por meios superficiais. Nenhuma educação psicológica, nenhuma imposição de ideias, nenhuma modalidade especial de educação, por mais bem elaborada, há de produzir unidade, enquanto não dissolvermos em definitivo o elemento que separa, aquele processo em que o "eu" tem influência predominante. É isso, decerto, o que vamos investigar: como eliminar de maneira completa, se possível, o "eu". Não digais que isso é impossível, impraticável. Tratemos de pesquisar, de descobrir.

PERGUNTA: Desde que comecei a ler-vos, há vários anos, estou tentando ser completo, mas vejo que esse alvo me foge sempre. Em que errôneo processo de pensar me acho embaraçado?

KRISHNAMURTI: Examinemos esta questão o mais profundamente possível, para averiguarmos por nós mesmos se podemos "ser completos", ainda que por um rápido segundo, e o que implica a experiência desse estado.

Porque desejamos ser interiormente completos? Porque somos incompletos, insuficientes, interiormente pobres, infelizes, temos inumeráveis conflitos; queremos amor, queremos louvores, queremos paz, queremos palmadinhas nas costas, queremos ouvir dizer que somos extraordinários, queremos adorar, queremos alguém que nos ajude. Por sermos incompletos, lutamos para ser completos; queremos ser autossuficientes, independentes, interiormente ricos, livres inteiramente de prisões, sem sombra de aflição, etc. etc. Mas, nós estamos acorrentados, estamos na aflição; e, sem termos compreendido o que somos, procuramos alcançar algo que não somos. Essa coisa que desejamos alcançar, a que chamamos "plenitude", transforma-se em ilusão; porque, sem termos compreendido o que somos, que é o fato, queremos algo que não é um fato. Pensamos ser muito mais fácil perseguir aquilo que não é um fato e tomá-lo para modelo, do que procurar conhecer e dissolver o que somos.

Por certo, se eu soubesse encarar a minha insuficiência, e compreendê-la, se pudesse perceber os seus matizes, tudo o que nela está latente, aquelas coisas que não são meramente verbais — se eu compreendesse tudo isso e soubesse como proceder, eu não andaria atrás da plenitude. Se, quando sei que sou incompleto, procuro tornar-me completo, ponho em movimento um processo errôneo, pois essa busca representa uma fuga para uma ideia, para uma fantasia, uma irrealidade. O fato é este: interiormente, sou pobre, sinto-me solitário, vivo em conflito, na

aflição; minha mente é mesquinha, superficial; sou malicioso. Isto é o que eu sou. Embora eu possa, ocasionalmente, vislumbrar algo bem diferente, o fato verdadeiro é que eu sou estas coisas; pode ser feio, mas o fato é este. Porque não posso lhe dar a necessária atenção? Como posso compreendê-lo e transcendê-lo? Este é o problema e não o "como ser completo". Se disserdes: "Muito bem, como uma vez vislumbrei algo que é mais do que isso, vou procurar alcançar essa coisa" — neste caso vos estais nutrindo de coisas mortas. Se quando menino tive uma experiência de algo muito belo e. continuo a viver nessa experiência, não posso compreender o fato real, isto é, o que sou, agora.

Nessas condições, se quero transcender aquilo que sou, tenho de compreendê-lo, tenho de dissolvê-lo, e não simplesmente tentar "ser completo"; porque, quando deixar de existir aquilo que sou, haverá a plenitude e não terei necessidade de procurá-la. Não preciso procurar a luz quando tenho a capacidade de ver; só quando estou na escuridão, na aflição, na tribulação, penso em algo que deve existir além destes limites. Por conseguinte, o que importa verdadeiramente é descobrir se é possível compreender a coisa que sou. Pois bem. Como farei esta investigação? Espero que o que estou dizendo esteja bastante claro, porquanto o empenho para alcançar a plenitude representa um processo inteiramente errado. Se procurar alcançar a plenitude, ela sempre me fugirá, pois, nesse caso, ela é uma simples ilusão, uma invenção da mente. O fato é aquilo que sou, por mais feio ou por mais belo que seja. Com o fato eu posso ocupar-me, não com a ilusão. Assim, de que maneira posso observar o fato, com o fim de o compreender e transcender? Tal é o meu problema. Tenho capacidade para observá-lo? Posso perceber realmente que sou pobre, que sou

insuficiente, sem inventar ideias com respeito ao fato? O fato é uma coisa e a ideia relativa ao fato, outra coisa. Quando observo o fato, estou cheio de ideias a respeito, e as ideias me fazem medo, me predispõem, ajudam-me a fugir da minha insuficiência, por meio da devoção, da bebida, das distrações, e por outras maneiras. Precisamos, pois, compreender a ideia relativa ao fato.

Suponhamos que eu seja desonesto, ambicioso, mentiroso, qualquer coisa. Sou isso. Pois bem. É possível transformar isso, sem a ideia? Vede bem; porque no momento em que introduzo uma ideia de como o fato deveria ser, não estou promovendo nenhuma transformação fundamental, porque só me estou ocupando superficialmente com ele. Mas quero ocupar-me com o fato fundamentalmente, quero transformá-lo com uma força inteiramente diversa. Se me ocupo dele superficialmente, posso deixar de ser ambicioso, ou ciumento, ou invejoso, — mas que adianta isso? Continuo vazio, continuo lutando, continuo incompleto. Percebo, pois, que, quando a mente atua sobre o fato, ela não pode transformá-lo; pode modificá-lo, encobri-lo, mudar-lhe a posição, mas nunca poderá transformá-lo e transcendê-lo.

Nessas condições, será possível experimentar uma mudança fundamental que não seja resultado da mente? E de que maneira efetuarei uma transformação na coisa que qualifiquei de feia, de modo que só possa nela influir com uma ação inteiramente diferente da ação calculada, autoafirmativa e auto-ilusória da vontade? Espero que eu esteja sendo claro. Isto é um pouco difícil de explicar.

Suponhamos que eu seja ambicioso e perceba tudo o que a ambição implica, bem como as suas evidentes manifestações na sociedade, nas relações, em toda parte. Reconheço que uma pessoa ambiciosa, assim como uma nação ambiciosa, é destrutiva, superficial, uma fonte de sofrimentos e conflitos para outros e para si própria. Ora, como posso me livrar da ambição, sem dominá-la ou subjugá-la, sem esforçar-me por não ser ambicioso? Este é o problema, não achais? Se luto contra a ambição, sou ainda ambicioso, noutra direção; ambiciono não ser ambicioso; penso que, se ficar livre da ambição, ganharei outra coisa: a paz, a tranquilidade, Deus, ou seja o que for. Nessas condições, de que maneira posso me libertar da ambição, sem esforço de vontade? Porque, no momento em que forço a vontade, o meu esforço tem um motivo, tem uma cauda, um tentáculo aquisitivo; e, todavia, reconheço a imensa necessidade, a urgência de modificar realmente essa coisa a que dei o nome de ambição. Devo, pois, investigar o problema da transformação, investigar o que implica a transformação. A transformação produzida pela mente ainda é muito superficial e por isso sempre contém conflito. Que devo então fazer? Como desejo resolver o problema para ficar livre da ambição, cumpre-me estudar, não a ambição, mas a questão da transformação — se a transformação está no tempo ou se principia de um ponto que nada tem em comum com o tempo. Tenho, pois, de descobrir ou "experimentar" um estado que não depende do tempo. Poderei experimentar esse estado que não depende da memória, que não depende de conhecimentos adquiridos? Sou capaz de experimentar algo eterno, que se acha fora do tempo?

Se posso experimentá-lo, então o problema da transformação, o problema de dissolver a ambição, deixa completamente de existir. O que importa, pois, não é o como

ser completo, mas o como efetuar uma transformação independente do tempo; e, já o disse, falaremos a este respeito em todas estas reuniões.

2 de agosto de 1952.

2ª PALESTRA

Creio que podemos continuar com o que estávamos considerando ontem a tarde: o problema da transformação, da transformação fundamental ou radical, e de como será possível efetuá-la. Julgo importantíssimo que o examinemos de maneira completa, não só nesta manhã, mas também nas próximas palestras que vamos realizar. Não sei se continuastes a pensar neste problema, mas, quanto mais o examinamos, quanto mais o consideramos, tanto mais vasto e mais complicado ele se revela. Percebemos a importância e a necessidade absoluta de nos transformarmos — transformar-nos, em nossas relações, em nossas atividades, no processo do nosso pensar, que inclui a mera acumulação de conhecimentos. Entretanto, ao considerarmos o que significa transformação, vemos que, não obstante as nossas tentativas para nos transformarmos, não se realiza nenhuma transformação fundamental. Estou empregando a palavra "transformação" no seu sentido simples, e não num sentido grandioso, superfísico, ou outro qualquer.

Percebemos a necessidade de transformação, não apenas na política mundial, mas também em nossa atitude religiosa, em nossas relações sociais, em nossos contatos individuais de cada dia com a família e de uns com os outros; mas, quanto mais procuramos nos modificar numa escala modesta, tanto mais superficial se torna o nosso pensar e tanto mais maléfica a nossa ação. Quanto mais atentamente examinamos o problema, tanto mais claramente percebemos esse fato. Reconhecendo a necessidade de modificação, projetamos ideais, e de acordo com esse padrão, esperamos transformar-nos. Sou um indivíduo

estreito, tacanho, supersticioso, superficial, "projeto" o ideal de algo muito vasto, significativo, profundo; e estou sempre a lutar, a ajustar-me, a moldar-me de acordo com esse padrão. Ora, isso é transformação? Examinemo-lo um pouco mais atentamente. Quando "projeto" um ideal e procuro viver em conformidade com esse ideal, adaptando-me constantemente a um determinado padrão de pensamento, pode esse processo produzir a transformação básica que vós e eu reconhecemos como essencial? Mas, em primeiro lugar, reconhecemos realmente que é essencial que se produza uma transformação básica em nossa orientação, em nossa perspectiva, em nossos valores, em nossos contatos, em nosso comportamento, em nosso pensar? Percebemos a importância dessa transformação? Ou a aceitamos apenas como um ideal, procurando fazer algo em relação com esse ideal?

Ora, sem dúvida, qualquer pessoa que reflita pode ver claramente que há necessidade de uma revolução em nosso pensar e em nossa ação; porque, em toda a parte, existe caos e sofrimento. Dentro em nós e fora de nós existe a confusão, uma luta incessante, que não traz alívio nem esperança alguma, e, talvez, sabendo disso, pensamos que se criarmos um ideal, uma "projeção", fora de nós, de algo que não somos, ou se seguirmos um exemplo, um mentor, um salvador, ou determinada doutrina religiosa, poderemos realizar uma transformação fundamental. Naturalmente, quando seguimos um padrão, sempre se verificam certas modificações superficiais, mas é muito evidente que daí não resulta nenhuma transformação radical. Entretanto, a maior parte da nossa existência é consumida desta maneira: procurando corresponder a uma dada coisa, procurando modificar a nossa atitude, modificá-la de acordo com o padrão que "projetamos" como ideal, como crença.

Pois bem. Vejamos se o cultivo de um ideal produz realmente uma transformação em nós, ou se só produz uma continuidade modificada do que já existia. Não sei se isso constitui um problema para vós. Se vos satisfaz meramente viver de acordo com um ideal, não há então problema — embora essa atitude acarrete o problema que lhe é próprio, ou seja o conflito constante entre o que sois e o que deveria ser. Esta luta, este constante esforço de ajustamento a um padrão, desenrola-se sempre dentro do âmbito da mente, não é verdade? Ora, só ocorrerá uma transformação radical quando, por assim dizer, saltarmos do processo do tempo para algo que não está no tempo. Trataremos disso em nossas discussões.

Para a maioria de nós, transformação significa a continuação de nós mesmos sob forma modificada. Se estamos insatisfeitos com um dado padrão de ideias, de ritos, de condicionamento, colocamos de lado e adotamos idêntico padrão num meio diferente, com uma cor diferente, com ritos diferentes e palavras diferentes. Em vez de latim, é sânscrito, ou outra língua, mas é sempre o mesmo velho padrão, indefinidamente repetido; e, dentro desse padrão, pensamos que estamos avançando, modificando-nos. Porque estamos insatisfeitos com o que somos, andamos de um instrutor para outro. Vendo a confusão existente ao redor de nós e dentro de nós mesmo, vendo as guerras incessantes, a destruição e a miséria, em escala sempre crescente, desejamos um porto de salvação, um pouco de paz; e se encontramos um refúgio que nos proporcione um sentimento de segurança, de permanência, com isso ficamos satisfeitos.

Assim, quando a mente "projeta" uma ideia e a ela se apega e luta para igualar-se a ela, isso por certo não representa

nenhuma mudança, nenhuma transformação, não constitui revolução alguma, porque continua dentro do âmbito da mente, dentro dos limites do tempo. Para acabar com tudo isso, precisamos estar cônscios do que estamos fazendo, percebê-lo claramente. E devemos pôr fim a isso, não achais? Porque é bem óbvio que, com toda essa carga, com todo esse ímpeto da mente, não é possível acharmos a "outra coisa"; e se não a experimentarmos, nunca haverá transformação. Mas, que acontece em geral? Dizemos que, individualmente, nada podemos fazer, que somos insuficientes e que, portanto, devemos fazer algo politicamente, a fim de dar paz ao mundo; que devemos ter fé na visão da união mundial, da sociedade sem classes, etc e tal. O intelecto tem devoção por esta visão, e, desejando concretizá-la, sacrificamos a nós mesmos e a outros. Politicamente, é isso o que está acontecendo. Dizemos que, para se pôr fim às guerras, devemos constituir uma só sociedade; e para criar esta sociedade, estamos dispostos a destruir tudo, — o que significa usar meios errôneos para um fim correto. Tudo isso está ainda na esfera da mente.

Outrossim, todas as nossas religiões não foram fabricadas pelo homem, vale dizer, fabricadas pela mente? Nossos ritos, nossos símbolos, nossas disciplinas, ainda que temporariamente proporcionem algum alívio, algum melhoramento, um sentimento de bem-estar, não estão compreendidos no tempo? Ao considerarmos os ideais políticos e religiosos com que esperamos efetuar uma mudança, educar-nos, disciplinar-nos, para sermos menos egoístas, menos ambiciosos, para sermos mais benevolentes e virtuosos, termos o espírito de renúncia, de não-aquisição, etc. — ao considerarmos bem este padrão, não percebemos que ele representa um processo da mente? A mente, que é também

vontade, é a fonte do esforço, das intenções, dos motivos conscientes e inconscientes — o centro do "eu" e do "meu" e, por mais que faça, por mais longe que tente alcançar, pode esse centro produzir uma transformação fundamental em si mesmo?

Desejo modificar-me, mas não superficialmente, pois reconheço que em qualquer processo de transformação superficial há sempre ação nociva. Que devo então fazer? Este problema não vos concerne também, se realmente sentis muito interesse por essas coisas? Pode um indivíduo ser comunista, socialista, ser um reformador ou uma pessoa religiosa, mas o cerne do problema está aí, não achais? Podemos ter uma centena de explicações sobre o homem e suas reações e atividades, ou sobre o universo, mas, enquanto não nos modificarmos fundamentalmente, nenhuma explicação terá valor. Percebendo isso, não apenas incidentalmente, percebendo a importância de uma transformação radical em mim mesmo, pergunto: Como pode ser efetuada esta transformação? Só pode haver revolução quando a mente cessa de funcionar no campo do tempo, porque então se torna possível a existência de um elemento novo, independente do tempo. É esse novo elemento que ocasiona uma revolução profunda e duradoura. Podeis chamar esse elemento "Deus", ou "a verdade", ou como quiserdes — o nome que lhe dais não tem importância alguma. Mas, enquanto eu não atingir, enquanto não sentir essa coisa que me purificará totalmente, enquanto eu não tiver fé nessa coisa, que não vem a chamado do "eu", que não é produzida pela mente, — enquanto isso não acontecer, toda e qualquer alteração será simples modificação, toda reforma exigirá novas reformas, e assim por diante — e os malefícios nunca terminarão.

Que devemos, pois, fazer? Já vos fizestes esta pergunta alguma vez? Não é necessário que eu pergunte, nem que vós me pergunteis, porque, se temos um pouco de inteligência, se prestamos um pouco de atenção aos nossos problemas e aos problemas do mundo, não é esta a primeira indagação que nos fazemos? Não precisamos perguntar quais são as crenças, as religiões, as seitas, os novos instrutores que devemos seguir — porque todas estas coisas são absolutamente vãs e fúteis. A pergunta fundamental que devemos nos fazer é só esta: Como é possível operar uma transformação não produzida pelo tempo, não produzida pela evolução, por lento desenvolvimento? Vejo que com o exercício da vontade, com o domínio e a disciplina de mim mesmo, consigo certas modificações; torno-me melhor ou pior, fico um pouco mudado. Em vez de mal-humorado, irritadiço, intratável ou ciumento, torno-me calmo; reprimi, recalquei todos aqueles defeitos. Pratico todos os dias determinada virtude, repito certas palavras, vou a um santuário repetir cânticos, etc., etc. Todas estas coisas têm efeito calmante e produzem certas modificações; mas essas modificações continuam a ser coisas da mente, continuam dentro do tempo, não é verdade? Minha memória diz: "Sou isso e devo tornar-me aquilo. Ora, tal atividade é sempre egocêntrica; ainda que eu rejeite a avidez, buscando a não avidez, continuo no mesmo processo egocêntrico do "eu". É fácil perceber que isso não leva a parte alguma, por mais que eu faça; ainda que haja alguma alteração, enquanto o meu pensar estiver compreendido no processo do "eu", não estarei livre da luta e da dor.

Não sei se já pensastes nesta questão. O problema da transformação é importantíssimo, não achais? Pode essa transformação se efetuar por meio de um processo de pensar, de disciplinas, de ritos, de várias formas de sacrifício,

autoimolação, renuncia, repressão?— coisas essas que constituem, se as observardes bem, táticas, planos da mente. Por mais que o "eu" lute por ser livre, pode ele alguma vez ser livre? Por mais esforços que faça, pode ele desligar-se das suas próprias atividades Se não pode, que lhe cabe então fazer? Espero que percebais este problema do mesmo modo como eu o percebo. Podeis traduzi-lo em palavras diferentes, mas este é que é o cerne do problema.

Ora, não encontrando saída alguma, nenhuma maneira de nos livrarmos do processo do "eu", começamos a endeusar a razão, o intelecto. Rejeitamos tudo mais, e dizemos que a mente é a única coisa de importância e que quanto mais intelectuais, quanto mais sutis e eruditos pudermos ser, tanto melhor. Eis porque o saber se tornou tão importante para nós. Ainda que sejamos adoradores de Deus, essencialmente renegamos a Deus, porque os nossos deuses são imagens fabricadas pelas nossas mentes; ritos, igrejas, tudo isso está compreendido no campo da mente. Dizemos: "Uma vez que só existe a mente, moldemos o homem de acordo com a mente, de acordo com a razão. Nossa sociedade, nossas relações, tudo o que fazemos está em conformidade com o padrão da mente; e tudo aquilo que não se amolde a esse padrão é liquidado ou por outras maneiras rejeitado.

Em vista de tudo isso, não nos interessa descobrir como poderemos saltar por sobre a barreira intangível que se ergue entre o processo do tempo e o "atemporal", entre as projeções da mente e aquilo que não é da mente? Se nos fizermos realmente a sério essa pergunta, se isso se tornou para nos um problema urgente, então, por certo, abandonaremos de uma vez por todas as manifestas atividades da mente: os ideais, os ritos, as igrejas,

os conhecimentos acumulados — varreremos tudo isso definitivamente de nossa vida. É pela negação que havemos de encontrar "a outra coisa", e não pelo processo direto; e só estou apto a negar, quando começo a compreender os processos da minha mente e reconheço que ando em busca de refúgio, que sou ganancioso, e que não há um só momento em que a mente se ache verdadeiramente tranquila. Seu incessante tagarelar, as imagens, as coisas que adquiriu e conserva em seu poder, as palavras, os nomes, as lembranças, as fugas — de tudo isso devo estar bem cônscio, não é verdade? Porque, como é possível, com tamanha carga, que é toda do tempo, experimentar algo que está fora do tempo? Por conseguinte, preciso purgar-me completamente disso tudo, o que significa que preciso estar só — não isolado numa torre de marfim, mas naquela outra espécie de solidão em que me é possível perceber todos os processos, todos os turbilhões da mente. Com o observar, com o tornar-me cônscio, cada vez mais, das coisas da mente, começo a pô-las de parte, sem esforço algum, e vejo, então, que a mente se torna tranquila — já não está curiosa, não mais indaga nem tateia, nem luta, já não cria nem segue ideais. Todas estas coisas desapareceram, e a mente se tornou muito tranquila, reduziu-se a nada. Esta é a coisa que não pode ser ensinada. Só com ouvirdes repetir essa asserção uma centena de vezes, não adquirireis essa coisa; se obtendes algo, isso significa que estais hipnotizados por palavras. Essa coisa tem de ser experimentada, temos de lhe provar diretamente o sabor; mas não adianta ficarmos pairando, hesitantes, à sua orla.

Nessas condições, quando a mente está tranquila — mas não foi posta tranquila pela autodisciplina, pelo controle, pela sofreguidão de experimentar algo não produzido pela mente — quando a mente está de fato tranquila, surge um estado que

ocasiona uma revolução em nossa perspectiva, em nossa atitude. Esta revolução não é causada pela mente, mas por uma outra coisa. Para que esta revolução se realize, a mente tem de estar tranquila, tem de ser, literalmente, o mesmo que nada, — estar despojada de tudo, vazia; e garanto-vos que tal coisa não é nada fácil. A mente vazia não implica um estado de "sonhar acordado"; esse estado não se alcança com o nos pormos meramente em quietude durante dez ou vinte quatro horas, procurando reter a todo custo determinada coisa. Ele só pode vir depois de a mente ter compreendido os seus próprios processos, tanto os conscientes como os inconscientes — o que significa que temos de estar perpetuamente vigilantes. E o principal obstáculo para a maioria de nós é a inércia. Este é outro problema, de que não trataremos agora. Mas, no momento em que começarmos a inquirir e a perceber a importância da transformação, teremos de dar atenção a tudo isso. Significa isso que temos de nos dispor a nos despojarmos de tudo, a fim de encontrarmos "a outra coisa"; e logo que tenhamos ligeiro vislumbre da "outra coisa", que não é da mente, ela começará a operar. E esta é a única revolução, a única coisa que poderá nos dar esperanças, que poderá pôr termo às guerras e às relações destrutivas.

PERGUNTA: Como pode uma pessoa superficial tornar-se séria?

KRISHNAMURTI: Vamos averiguar juntos. Antes de tudo, precisamos estar cônscios de que somos superficiais, não é verdade? Sois superficiais? Que significa ser superficial? Significa, essencialmente, ser dependente, não é exato? Depender de estimulo, de provocação, depender de outra pessoa, depender psicologicamente de certos valores, certas

experiências, certas lembranças, — tudo isso não concorre para a superficialidade? Quando dependo de ir à igreja todas as manhãs, ou uma vez por semana, para elevar-me ou para obter ajuda, isso não me torna um indivíduo superficial? Se tenho de praticar certos ritos a fim de manter o meu sentimento de integridade ou de readquirir um sentimento de outrora, isso não me faz superficial? E também não me torno superficial quando me dedico de corpo e alma a uma nação, a um plano, a um determinado partido político? Sem dúvida, todo esse processo de dependência constitui evasão de mim mesmo; esta identificação com algo maior representa a negação do que sou. Mas não posso renegar o que sou; preciso compreender o que sou e não procurar me identificar com o universo, com certo partido político, etc. Tudo isso leva ao pensar superficial, e do pensar superficial resulta sempre uma atividade maléfica, seja em escala universal, seja apenas em escala individual.

Assim, antes de mais nada, reconhecemos que estamos fazendo tais coisas? Não o reconhecemos; nós as justificamos. Dizemos: "Que mais posso fazer, se não fizer essas coisas? Ficarei em piores condições, minha mente se desintegrará. Ora, pelo menos estou lutando por algo melhor." E quanto mais lutamos, mais superficiais nos tornamos. Tenho, pois, de reconhecer isso em primeiro lugar, não é verdade? E essa é uma das coisas mais difíceis: perceber o que sou, reconhecer que sou tolo, que sou superficial, tacanho, ciumento. Se percebo o que sou, se o reconheço, com esse percebimento terei a possibilidade de começar. Por certo, a mente superficial é aquela que foge daquilo que ela própria é; e a abstenção da fuga exige árdua investigação, a rejeição da inércia. No momento em que sei que sou superficial, inicio imediatamente um processo de aprofundamento — desde que eu não me ponha a atuar sobre a

minha superficialidade. Se a mente diz: "Sou mesquinha, e vou investigar bem este fato, para compreender integralmente esta mesquinhez, esta influência limitante" — então, neste caso, existe uma possibilidade de transformação; mas a mente mesquinha que se reconhece mesquinha e procura tornar-se não mesquinha, pela leitura, por meio de contatos com outras pessoas, viajando, vivendo numa atividade incessante, qual um macaco, essa mente continuará sempre mesquinha. Também, naturalmente, só pode haver uma verdadeira revolução quando sabemos atender com acerto ao problema. A maneira correta de atender ao problema proporciona uma confiança extraordinária, uma confiança — asseguro-vos — capaz de mover montanhas — as montanhas de nossos próprios preconceitos e condicionamentos. Assim, ao verificardes que tendes uma mente superficial, não procureis tornar-vos profundo. A mente superficial nunca poderá conhecer as grandes profundidades. Poderá ela possuir uma grande soma de saber e ilustração, poderá repetir palavras, vós bem sabeis os recursos de que dispõe a mente, quando ativa. Mas, se sabeis que sois superficial, se estais cônscio da vossa superficialidade e observais todas as suas atividades, abstendo-vos de julgar, de condenar, descobrireis muito breve que a coisa superficial terá desaparecido inteiramente, sem terdes exercido nenhuma ação sobre ela. Todavia, isso exige paciência, vigilância, e não um desejo sôfrego de resultado, de recompensa, de realização. Só a mente superficial pode desejar uma realização, um resultado. Quanto mais cônscio estiverdes desse processo, tanto melhor descobrireis as atividades da mente; mas deveis observá-las sem procurar pôr-lhes fim; porque, no momento em que buscais um fim, ficais de novo apanhado na dualidade do "eu" e do "não-eu" — que é outro problema.

PERGUNTA: Leio o Buda porque esta leitura me ajuda a pensar claramente a respeito dos meus problemas; e também vos leio e a uns poucos mais, para o mesmo efeito. Pareceis dar a entender que toda ajuda desta natureza é superficial e não produz transformação radical. Isto é apenas uma sugestão casual da vossa parte, ou quereis indicar que existe algo muito mais profundo, que não pode ser descoberto pela leitura?

KRISHNAMURTI: Ledes para obter ajuda? Ledes com o fim de confirmar vossa própria experiência? Ledes para entreter-vos, para dar a vossa mente, esta mente sempre ativa, um pouco de descanso? Diz o interrogante que lê, porque isso o ajuda a resolver os seus problemas. Recebeis realmente ajuda pela leitura, seja quem for o vosso autor? Quando saio em busca de ajuda, sou ajudado? Talvez encontre um alívio temporário, uma fenda momentânea, por onde possa vislumbrar o caminho; mas, por certo, para encontrar ajuda, tenho de entrar em mim mesmo, não achais? Os livros podem dar-vos instruções sobre como deveis proceder para chegar à porta que leva à solução dos vossos problemas; mas vós tendes de andar, não é verdade? Ora, este é um dos nossos obstáculos: queremos ser ajudados. Debatemo-nos com inumeráveis problemas que ocasionam devastações irreparáveis em nossas vidas, e desejamos ajuda por parte de alguém: o psicólogo, o médico, Buda, ou quem quer que seja. O próprio desejo de sermos ajudados cria a imagem a que nos escravizamos; e, assim, Buda, ou Krishnamurti, ou X, se torna a nossa autoridade. Dizemos: "ele me ajudou uma vez e — por Deus! — vou recorrer novamente a ele" — o que revela a mente superficial, a mente que busca ajuda.

Essa mente cria os seus próprios problemas e quer depois que outros os resolvam; ou recorre a alguém que possa ajudá-la

a encobrir o processo do seu próprio pensar. Assim é que, inconscientemente, quem busca ajuda cria a autoridade: a autoridade do livro, a autoridade do Estado, a autoridade do ditador, a autoridade do mentor, do sacerdote, — e tudo aquilo que bem sabemos. E é possível eu ser ajudado? É possível serdes ajudado? Naturalmente, gostaríamos de obter ajuda. Mas, fundamentalmente, é possível sermos ajudados? Por certo, é só quando nos compreendemos, com paciência, com calma, despretensiosamente, que começamos a descobrir, a experimentar algo que não é de nossa própria fabricação; e é este algo que nos proporciona ajuda, que começa a iluminar a nossa perspectiva. Mas essa ajuda não pode ser pedida; ela deve vir despercebida, sem convite. Mas, quando sofremos, quando deveras padecemos psicologicamente, precisamos de alguém que nos dê a mão; e, dessa maneira, a igreja, o amigo predileto, o mentor ou o Estado se torna sobremodo importantes. Por causa dessa ajuda, estamos dispostos a tornar-nos escravos.

Cabe-nos, pois, investigar bem este problema, para compreendermos porque estamos enredados nos nossos próprios sofrimentos. Cabe-nos compreender este problema, esclarecê-lo, por nós mesmos; porque a realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, não pode ser experimentada por intermédio de outra pessoa. Ela tem de ser experimentada diretamente, tem de vir a cada um de nós sem intermediário de espécie alguma; mas a mente que busca ajuda, que suplica, que pede, que roga, essa mente nunca descobrirá "a outra coisa", porquanto não compreendeu os seus próprios problemas, não estudou o processo de suas próprias atividades. É só quando a mente se acha tranquila que há luz. A mente não tem que adorar esta luz; tem de estar totalmente silenciosa, sem pedir e sem esperar a

“experiência”. Tem de estar completamente tranquila. Só então pode nascer aquela luz que dissipará as nossas trevas.

3 de agosto de 1952.

3ª PALESTRA

Nas duas anteriores reuniões, consideramos o problema da transformação; nesta tarde pretendo examinar a questão do poder, para verificar se o poder, tal como o conhecimento, tem eficácia para produzir, dentro em nós, uma fundamental transformação psicológica. A principal dificuldade deste problema reside — assim me parece — na compreensão do significado das palavras. Este é um dos nossos maiores obstáculos, não achais? Palavras como Deus, amor, disciplina, poder, comunista, americano, russo, têm, em nossas vidas, um significado psicológico peculiar e, quando pronunciadas, nos fazem reagir nervosamente, emocionalmente, isto é, provocam uma reação psicológica. Assim, se queremos investigar mais profundamente este problema da transformação, acho que devemos levar em consideração o fato de que certas palavras têm uma influência psicológica em cada um de nós. Construímos em torno de nós tantas barreiras verbais, que se tornou muito difícil transpô-las para achar o significado que se encontra além da barreira da palavra. Afinal, as palavras são um meio de comunicação; mas se determinadas palavras nos causam uma reação neurológica ou psicológica, a comunicação se torna então dificílima. E, sem dúvida, outra dificuldade é a seguinte: ao tentarmos compreender o problema da transformação, temos de nos despojar de todos os nossos ideais; porque a observância de determinado padrão, por mais razoável, lógico ou bem ideado que seja, não constitui mudança alguma. Mudança implica transformação completa, e não a continuação de um pensamento sob forma modificada. Há, pois, muitos fatores para considerar neste problema de como produzir uma

transformação fundamental, não apenas psicologicamente, em nós mesmos, mas também exteriormente.

Percebo a necessidade de certas mudanças em mim mesmo; posso atender ao problema superficialmente, ou examiná-lo muito a fundo e descobrir tudo o que ele implica. Quando percebo que tenho de me transformar, que isso é uma necessidade, em geral exercito a vontade, não é assim? Todo processo implica resistência, aplicação de esforço, ou seja, o exercício da vontade. Conhecemos isso muito bem. Isto é, percebo em mim mesmo um estado que, socialmente não convém, estado que produz conflito dentro em mim mesmo, e desejo transcender esse estado; desejo quebrar essa qualidade ou condição, e me ponho a reprimi-la ou a disciplinar-me para resistir-lhe, o que exige certa força de vontade. Estamos bem familiarizados com esse processo, não é exato? Por esta razão, pensamos que o poder, sob diferentes aspectos — social, político, econômico, interior, espiritual, etc. — é uma necessidade.

Não constituirá todo este processo da vontade uma atividade egocêntrica, em que não existe alívio da condição que me domina e mantém prisioneira a minha mente, mas que serve, tão só, para encobrir e dar continuidade à mesma coisa sob forma diferente? E nossa educação, nossas reformas, nosso pensar religioso, nossas lutas psicológicas, tudo isto está baseado neste mesmo processo, não é verdade? Sou isto e desejo me tornar aquilo; e para tornar-me aquilo, tenho de empregar certa força de vontade, tem de haver resistência, controle. E não representa este processo de controle, de disciplina, uma atividade egocêntrica, geradora do sentimento de poder? Quanto mais a pessoa se disciplina e controla, maior será certa atividade

concentrada; mas não está essa atividade ainda contida no âmbito do "eu" e do "meu"? E pode a realidade, Deus, ou o que quiserdes, ser um produto da atividade egocêntrica? Todavia, não sugerem todos os vossos livres religiosos, vossos mentores, as várias seitas ou sociedades a que pertenceis, fundamentalmente, a ideia de que a transformação se realiza pela compulsão, pela conformidade, pelo desejo de obter sucesso, isto é, de alcançar certo resultado? Mas não é esse processo, todo ele, uma atividade do "eu", em seu desejo de ser algo mais? E como é possível, ao percebermos tal fato. fazer cessar esse processo?

Não sei se vedes o problema do mesmo modo que eu. Toda esta atividade, embora muito racional, muito nobre, muito bem planejada, está sempre contida na esfera da mente; ela é a atividade do "eu", o resultado do desejo, do "eu" e do "meu", não é verdade? E como pode o "eu", esta consciência que está sempre encerrada nos limites da mente e, por consequência, sempre em conflito — como pode esse "eu", afinal, transcender a si mesmo? Esse "eu" não há de criar sempre conflito entre indivíduos e, consequentemente, entre grupos e entre nações?

Pois bem. A mim me parece importantíssimo que se compreenda isso; mas representa de fato um problema para cada um de nós? Reconhecemos a necessidade de uma mudança radical na sociedade, em nós mesmos, em nossas relações individuais e coletivas; mas como operar esta transformação? Se a mudança se opera pelo ajustamento a um padrão projetado pela mente, se se opera por meio de um plano racional e bem estudado, estará ainda no campo da mente. Por esta razão, tudo quanto a mente planeja se torna o alvo, a visão, pela qual estamos prontos a sacrificar-nos e a outros. Se se mantém esse

plano, o resultado é que nós, como entes humanos, ficamos reduzidos a meras criaturas da mente, o que implica ajustamento, compulsão, brutalidade, ditaduras, campos de concentração, etc. etc. Quando prestamos culto à mente, as consequências são estas, não é verdade? Se compreendo isso, se percebo a inutilidade da disciplina, do controle, se reconheço que as várias formas de repressão só têm o efeito de fortalecer o "eu" e o "meu", que devo então fazer? Já vos fizestes esta pergunta? Reconheço que exercer qualquer poder sobre mim mesmo é coisa nociva, que só tem como resultado a continuação do "eu" sob forma diferente; e reconheço, também, que o "eu" tem de se extinguir de todo, para que haja paz no mundo e em mim mesmo. O "eu", como pessoa, como entidade, como processo psicológico de acumulação; o "eu", que luta incessantemente por tornar-se algo; o "eu" que é arrogante, dogmático, agressivo; o "eu" que é benevolente, amoroso — tal é o centro de onde surgem todos os conflitos, toda compulsão, todo conformismo, todo desejo de bom êxito, e só com a extinção desse centro teremos a possibilidade de paz, interior e exterior. Ao compreender isso, que devo fazer? Como pôr fim ao "eu"?

Ora, se este é um problema importante para cada um de nós, qual é a nossa reação perante ele? Naturalmente, não podemos todos dar a nossa resposta, mas pode-se ver que todo movimento do "eu" com o fim de se tornar melhor, mais nobre, todo movimento de repressão, todo desejo de bom êxito, tem de cessar. Isto é, a mente, centro do "eu", tem de se tornar muito tranquila, não é verdade? A mente é o centro das sensações, é o resultado da memória, a acumulação feita no tempo; e todo movimento por parte da mente para tornar-se algo, está sempre dentro dos limites do "eu", da sensação. E pode a mente, que é

sensação, que é memória, que é tradição, que é a máquina calculadora do "eu", que está sempre em busca da segurança, sempre entrincheirada atrás de palavras — pode a mente, pela ação do seu próprio desejo ou por qualquer exercício de sua própria vontade, chegar a um fim? Pode ela cessar pela sua própria vontade?

Nessas condições, cumpre que eu estude a minha mente, que eu esteja cônscio de todas as suas reações — simplesmente cônscio da minha mente, sem nenhum desejo de transformá-la. Não é este o primeiro passo que devemos dar? — se posso empregar a palavra "passo" sem suscitar a ideia de tempo. Estar cônscio do processo da mente, sem condenação, observar o fato sem julgamento, estar simplesmente cônscio do que é — é isso exequível? Uns dirão "sim", outros dirão "não" — mas tem muito pouca importância o que dizem outros a este respeito, não é verdade? Vós é que tendes de tirar a prova disso, "experimentá-lo"; é possível experimentá-lo, sem construir imagens, símbolos? Isto é, em geral nós só "experimentamos" as coisas que reconhecemos, não é verdade? Só estamos cônscios de estar experimentando, quando reconhecemos a "experiência"; e, se não somos capazes de a reconhecer, não há experiência alguma. Assim, o fator reconhecimento é essencial àquilo a que chamamos experiência. Ora, Deus, a verdade, ou como o chameis, é suscetível de reconhecimento? Se posso reconhecer uma coisa, isso significa que já a experimentei antes, não é exato? O que experimentei antes se transformou em lembrança; e quando tenho o desejo de reproduzir essa experiência, "projeto" aquela lembrança e a reconheço, isto é, "experimento-a". Isto é, com a memória, o reconhecimento e a experiência, construo o centro do "eu".

Nessas condições, para a maioria de nós, é extremamente difícil aprofundar este problema da transformação e produzir de fato uma transformação dentro em nós mesmos. Posso transformar-me se estou sempre a "experimentar" pelo processo do reconhecimento, quer no nível verbal, quer no nível psicológico? Isto é, quando vos vejo pela primeira vez, não vos reconheço; mas, da segunda vez que vos vejo, tenho certas lembranças a vosso respeito, uma impressão de simpatia ou antipatia, de desgosto ou de prazer. Assim, segundo os ditames do desprazer ou do prazer, digo que vos encontrei; houve um processo de reconhecimento. O reconhecimento se estabelece verbal ou psicologicamente; e se desejo ultrapassar esses limites e descobrir um estado que não seja de mero reconhecimento, lembrança, memória, não deve o centro constituído pelo "eu", que é o processo do reconhecimento, deixar de existir? Existe esta entidade que é o "eu" e que está perenemente reclamando experiências, pedindo repetição do que já conheceu antes, quer exteriormente, quer psicologicamente; e enquanto existir o "eu", tudo o que eu experimentar só fortalecerá o "eu", não é verdade? Por conseguinte, crio problemas cada vez mais numerosos e conflitos infindáveis. Mas é possível a mente se tornar tão tranquila, que o processo de reconhecimento deixe de existir? Isso, bem considerado, é criação, não é verdade?

Quando ouvis estas minhas palestras, creio ser muito importante não aceitardes tudo o que digo, mas, sim, deixardes penetrar o significado das palavras, para verdes se elas têm validade, se encerram alguma verdade. É esse atributo de verdade que liberta, e não a negação ou a asserção verbal; por conseguinte, muito importa ouvir de maneira correta, isto é, não vos deixando enredar por palavras, pela lógica de certas asserções, nem pelas vossas próprias experiências. Aqui estais

com o fim de verificar o que um outro está dizendo, e para poderdes verificá-lo, deveis escutar; o escutar corretamente é coisa das mais difíceis, não achais? Porque, quando emprego certas palavras, como "experiência", "verdade", etc., tendes imediatamente certas reações; logo emergem certas imagens e certos símbolos, e se a mente se embaraçar nestes símbolos, não podeis ir mais adiante.

Nosso problema, pois, consiste em libertar a mente desta atividade egocêntrica, não só no nível das relações sociais, mas também no nível psicológico. É esta atividade do "eu" que está causando malefícios e sofrimentos, tanto em nossas vidas individuais como em nossa existência como grupo e como nação. E só podemos pôr fim a tudo isso, se compreendermos inteiramente o processo do nosso pensar. Pode o pensamento ocasionar uma mudança vital? Até agora só temos confiado no pensamento, não é verdade? A revolução política, quer da direita, quer da extrema esquerda, é resultado do pensamento. E pode o pensamento modificar fundamentalmente o homem, a vós e a mim? Se dizeis que pode, deveis então reconhecer todas as inferências que dai se podem tirar: que o homem é o produto do tempo, que nada existe além do tempo, etc. etc. Nessas condições, se desejo realizar uma transformação fundamental em mim mesmo, posso confiar no pensamento como instrumento desta transformação? Ou só será possível a transformação fundamental, quando houver cessado o pensamento? Meu problema, nesse caso, é o "experimentar", o descobrir; e só posso descobrir por meio do autoconhecimento, pelo conhecimento de mim mesmo, pela observação e pela vigilância, nos momentos em que não estou "em guarda". Só quando começo a compreender o processo do meu próprio pensar, posso descobrir se existe ou não a possibilidade de uma

transformação fundamental; antes disso, a mera asserção de que posso ou de que não posso me transformar, tem muito pouca significação. Se bem que reconhecemos a importância de uma transformação radical no mundo e em nós mesmos, há muito pouca probabilidade de se efetuar essa transformação, enquanto eu não compreender o "pensador" e o seu pensamento. O economista e o político nunca são revolucionários. Só a pessoa verdadeiramente religiosa é revolucionária — o homem que busca a realidade, Deus, ou como o chameis. Os que apenas crêem, que seguem um padrão, que pertencem a uma determinada sociedade, seita ou grupo — estes não são dos que buscam e, por isso, não são verdadeiros revolucionários. Só poderemos realizar a nossa transformação interior quando compreendermos o processo do nosso próprio pensar.

PERGUNTA: Que entendeis por ambição? Consideraríeis ambição qualquer ação do indivíduo para melhorar a si mesmo? Em que ponto começa a ambição?

KRISHNAMURTI: Sabemos quando somos ambiciosos? Quando eu desejo "mais", quando quero me impor, quando desejo me tornar algo, isso não é ambição? Pode-se saber onde ela começa e onde acaba? Não apresenta toda atividade de auto-aperfeiçoamento uma forma de ambição? Posso não ser ambicioso das coisas mundanas, posso não desejar ser um dirigente de grande influência política, ou um grande negociante, muito rico e conceituado; mas, espiritualmente, posso ser muito ambicioso. Isto é, quero tornar-me santo, quero ficar isento de todo orgulho. A própria asserção de que desejo ser alguma coisa, não é o começo da ambição? Não constitui o desejo de não ser ambicioso um desejo de autoaperfeiçoamento e não implica, portanto, uma atividade egocêntrica? Se, sendo

orgulhoso, reconheço as consequências do orgulho e me ponho a cultivar a humildade, essa humildade cultivada não denota uma atividade egocêntrica? E isso não é ambição? E se não quiserdes cultivar a humildade, que fazer do vosso orgulho? Como resolver este problema? O próprio desejo de ficarmos livres de uma coisa, para sermos outra coisa, não representa uma atividade egocêntrica, que é ambição? Vede como é extremamente difícil, quando uma pessoa sabe o que ela própria é, não lutar para se tornar outra coisa. Esse processo de luta, esse esforço para nos tornarmos grandes, ou humildes, ou generosos, chama-se evolução, não é exato? Eu sou isto e vou entrar em luta para me tornar aquilo. Da tese passo à antítese, para daí criar a síntese. Este processo se chama desenvolvimento, evolução, não é verdade? Ora bem, aí está implicada a atividade egocêntrica, o aperfeiçoamento do "eu", de "mim". Mas é o "eu" susceptível de melhorar, em algum tempo? Ele pode melhorar dentro do seu próprio campo; mas se desejo ir além e averiguar se alguma coisa existe que não é da natureza do "eu", pode o autoaperfeiçoamento ajudar-me a fazer esse descobrimento? Nessas condições, se sou ambicioso, que devo fazer? Devo reprimir a ambição? E a repressão da ambição não constitui uma forma de ambição que, negativamente, fortalece o "eu" e na qual existe um certo senso de poder, de domínio?

Reconhecendo que sou ambicioso, que devo fazer? É possível ficar livre dessa qualidade? — o que não significa que eu deva me tornar não ambicioso. É possível uma pessoa ficar livre da ambição? Posso refletir logicamente a respeito, perceber os conflitos, a crueldade, a brutalidade da ambição, nas minhas relações, etc. Mas isso me será de alguma utilidade? Quaisquer explicações sobre a nocividade da ambição podem ajudar-me a

ficar livre da ambição? Ou existe apenas um meio, que consiste em reconhecer, sem condenação, todas as consequências da ambição, ficar simplesmente cônscio do fato de que sou ambicioso, não apenas no nível consciente, mas também nos níveis mais profundos do meu próprio pensar? Ora, sem dúvida, tenho de estar inteiramente cônscio do fato, sem lhe opor nenhuma resistência, porque quanto mais eu luto contra ele, tanto mais vitalidade lhe insuflo.

A ambição se tornou um hábito, e quanto mais eu resisto a um hábito, tanto mais forte ele se torna. Se, entretanto, me torno cônscio do fato e o vejo apenas como um fato, isso não opera uma mudança radical? Já não estou interessado em reprimir a ambição ou em pô-la de parte, nem me satisfaço com alguma explicação — o que me interessa diretamente é o fato, que é a ambição. Assim, quando o observo, que vejo? É a ambição mero hábito? Estarei preso no hábito de uma sociedade alicerçada na ambição, no sucesso, no "ser alguém"? Serei estimulado pelo desafio, pelo sentimento de realização, e se me falta esse estimulo, me vejo perdido, e por isso dependo dele? Não me é possível ficar bem cônscio de tudo isso, perceber as consequências — perceber simplesmente o fato? E esse percebimento não ocasionará uma mudança radical? Se reconheço que sou ambicioso e percebo as consequências, se o reconheço não apenas no nível verbal, mas também interiormente, o que significa que estou cônscio da influência do hábito, da sensação, da tradição, etc., que foi então que aconteceu? Minha mente se tornou quieta com relação ao fato, não é verdade? Minha mente já não reage ante o fato: é um fato. E a tranquila aceitação do que é constitui uma libertação desse fato, não é verdade?

Não aceiteis prontamente o que estou dizendo. Experimentai-o, e vereis. Em primeiro lugar, ficai cônscios de que sois ambiciosos — ou outra coisa qualquer — e notai então todas as vossas reações, quer sejam habituais, quer sejam tradicionais ou verbais. Opor às reações verbais outra série de palavras não vos traz libertação; se se trata de uma tradição, o mero cultivo de uma nova tradição ou hábito, não trará a libertação. O próprio desejo de reprimir a ambição é um artifício da mente para tornar-se outra coisa — o que faz parte da ambição. Nessas condições, quando a mente reconhece que qualquer movimento que faça com relação a determinada qualidade faz parte do processo de sua própria manutenção e segurança, que pode ela fazer? Nada; por consequência, ela se torna imediatamente tranquila em relação a essa qualidade. Já não está em relação com ela. Mas este é um árduo empreendimento, não achais? Uma revolucionária transformação interior é essencial, e se queremos compreender o problema da transformação, cumpre-nos investigar bem todas essas coisas e estudar, de diferentes pontos de vista, o problema do "eu".

09 de agosto de 1952.

4ª PALESTRA

Ao falar da necessidade de transformação radical e fundamental, não devemos considerar o problema do método, do "como"? Para a maioria de nós, o meio, o método, o sistema se torna muito importante. Logo que reconhecemos ser essencial a transformação, nossas mentes voltam-se para o problema de "como" operar a mudança, "como" realizar a transformação radical que se faz tão necessária. Consideremos, por uns momentos, se o "como", a técnica, tem alguma importância. Que acontece quando estamos muito interessados na técnica, no "como"? O cultivo do "como", a prática de determinado método com o intento de conseguir um resultado, não redunda em inércia? Não é esta uma das principais causas da inércia em nós mesmos? No momento em que encontro o "como", o sistema, começo a praticá-lo, o que implica uma adaptação motivada pelo desejo de bom êxito, de alcançar certo resultado. E, assim, para a maioria de nós, o "como" se torna muito importante: como posso me modificar, que sistema devo seguir, como devo meditar, que disciplina devo praticar? Não fazemos constantemente esta pergunta? Não estamos constantemente em busca do "como"?

Ora, terá o "como", o método, alguma importância? Não é muito mais importante perceber que a mente está exigindo o "como", e verificar por que razão está ela em busca de um método? Se desejais um método, uma técnica, achá-la eis, porquanto todo instrutor religioso oferece uma forma qualquer de disciplina, de controle, um sistema de meditação. Que sucede, neste processo de autocontrole, neste processo de tentar

observar determinada disciplina? Não sei se praticais alguma disciplina. Se o fazeis, não percebeis que a vossa mente está se adaptando a um padrão de pensamento? E, assim fazendo, não cria ela as suas próprias limitações? Sem dúvida, embora possa viver e funcionar dentro de determinado campo de pensamento e de ação, essa mente está cercada pelo conformismo, no qual não existe liberdade alguma para se experimentar qualquer coisa nova. Nessas condições, pela prática de uma disciplina com um fim em vista, pela gradual adaptação, na esperança de um bom resultado, a mente abre a porta à inércia, não é verdade? Este, evidentemente, é um dos nossos maiores problemas: a indolência, a extraordinária inércia da mente; e quanto mais desejamos quebrar esta inércia, tanto mais a mente indaga sobre o "como". Eis porque o "como" se torna tão extraordinariamente importante para a maioria de nós.

Se não procurarmos o "como", o método, a técnica, que devemos fazer? Suponhamos que eu perceba a falsidade dessa exigência do "como"; reconheço que a prática de um método significa mera repetição, a qual, essencialmente, torna a mente embotada. Se percebo tal coisa, se a reconheço falsa, que significa isso? Significa que a mente está deveras vigilante, não é verdade? Reconhecer o significado que tem a prática de qualquer método, reconhecê-la não apenas no nível superficial, mas fundamentalmente, profundamente — isso não tonifica a mente, não a põe mais vigilante? E não é este um dos nossos problemas, quando estamos considerando a questão da transformação fundamental? Porque a mim me parece que o desejo de método, a busca de uma técnica que produza uma transformação radical em nós mesmos, acarreta retardamento, debilitação da mente. Um método, uma técnica pode proporcionar certas experiências; mas essas experiências não

constituem mero resultado de uma educação muitíssimo diligente, não representam projeções de uma mente que tem seguido com frequência um padrão de pensamento e ação? E a realidade, Deus, ou como quiserdes chamá-lo, pode ser experimentado por meio de algum padrão? Ela, por certo, só pode vir quando a mente está livre do desejo, da tendência para repetir as suas experiências.

Nestas condições, ao tratarmos da questão da transformação, não cumpre investigar este complexo problema da técnica, do esforço? Se observardes a vossa mente, podereis ver com que rapidez ela cai num determinado hábito de pensamento; depois de ter experimentado uma sensação agradável, uma alegria, vem-lhe o desejo de repeti-la, e por esta razão a mente pratica uma disciplina, na esperança de tornar a fruir aquele prazer. Mas esta repetição, com o seu desejo, não é uma das principais causas da inércia? Por meio da técnica, da disciplina, do método, pode haver transformação radical? Esta transformação fundamental é realizável independentemente de qualquer manipulação de pensamentos, mas só quando a mente, compreendendo suas próprias atividades, seus movimentos egocêntricos, cessa de operar. Para tal, o que se necessita é de vigilância constante e não de disciplina nem de técnica.

Alguns de vós, talvez, pratiqueis várias formas de disciplina e provavelmente me estais escutando com o espírito um tanto prèvenido, resistindo, talvez. Direis: "Que farei, sem disciplina alguma? Minha mente ficará de todo à solta. Mas, se desejais compreender o que estou tentando comunicar-vos, deveis resistir ao que estou dizendo? Ou diligenciareis descobrir por vós mesmos a verdade contida na questão? Isto não significa que devais aceitar o que estou dizendo; mas não desejais

descobrir o que há de verdadeiro nesta questão? E, para descobrir, a vossa mente não deve se achar numa atitude de resistência, num estado de temor. O fato de terdes praticado uma disciplina durante vários anos, não significa que ela seja correta; pode haver o temor de que, se retirardes a cerca que tão cuidadosamente levantastes em torno de vós mesmos, a mente possa trasbordar e perder-se. E para se descobrir o que é verdadeiro, é evidente que cada um deve escutar, não de acordo com os seus desejos e inclinações, mas com a mente interessada em investigar, em "estado de descobrir". Eu acho que isso traz a sua disciplina própria, uma disciplina que não é imposta pela mente com o fim de alcançar um certo resultado.

Considerai, por exemplo, o problema da integração. Achamo-nos em estado de contradição, em diferentes níveis. Cada nível está em conflito, tanto na sua própria esfera como com os outros níveis do nosso ser; existe conflito tanto nos níveis conscientes como nos níveis inconscientes. Prestai atenção a isto, sem tentar sentir-vos "integrados" e sem indagar como se alcança o estado de integração. Se escutardes, e não procurardes alcançar um resultado, então, talvez, a coisa venha sem a terdes solicitado.

Estamos cônscios de que existe contradição, em diferentes níveis, dentro em nós mesmos, e há vários métodos de se operar a chamada unificação dessas contradições: análise, hipnose, constante introspecção, etc. — métodos esses que acarretam uma luta destinada a estabelecer a integração de todo o nosso ser. Reconheço a necessidade de um senso de unidade, de completude interior; mas reconheço, igualmente, que esta integração não se pode produzir pelo evitar a contradição, pelo encerrar a mente em determinado padrão de pensamento e ação.

Um estado de integração é obviamente necessário, porque só nesse estado é possível estarmos livre de conflito, liberdade essa que torna a mente apta a descobrir, a experimentar, a sentir as coisas plenamente, de maneira nova. Se, ao perceber a importância da integração, desse estado de unificação interior, desse estado de totalidade, eu não indago como se alcança esse estado, não fico então cônscio de todas as contradições? E esse percebimento não permite ao inconsciente, às camadas profundas do meu ser, onde existem as contradições, saírem à luz? Não há resistência alguma. Desejo simplesmente descobrir e, por isso, observo os meus sonhos, minha consciência desperta, todo e qualquer vestígio de conflito, todo incidente provocador de contradição. Meu interesse não está na integração, mas em perceber aquelas contradições, em diferentes camadas, em diferentes níveis. E, então, que acontece? Uma vez que não estou à procura de determinado estado, mas, sim, simplesmente cônscio das diferentes contradições em mim existentes, observando-as momento por momento — essa vigilância não produz um estado de integração, não uma integração resultante de desejo ou de uma mente que busca a integração? Que fiz eu? Compreendi o conflito; não fugi dele. Aí, então, talvez apareça um clarão daquela integração que não podemos forçar a vir, e que só vem por si mesma. Quando aparece esse lampejo de integração, a mente começa a viver na lembrança dessa experiência e, por conseguinte, põe em movimento o mecanismo da imitação, da adaptação. Essa lembrança não é integração: é simples lembrança. Precisamos, pois, também, estar cônscios de como a mente, depois de experimentar um sentimento de integração, em vez de se tornar integrada, fica vivendo naquela lembrança. E surge, assim, a questão de como manter, com a ajuda da memória, uma qualidade viva — e este fica sendo o nosso problema.

Assim, ao considerarmos o problema da transformação, temos de examinar esta questão da memória, o cultivo de determinado hábito ou padrão de ação. A mente nunca pode ser livre enquanto está em busca do "como" ou enquanto o cultiva. Prestar atenção às minhas próprias contradições, perceber que a minha mente está perseguindo lembranças, cultivando hábitos, com o fim de sentir-se segura, e que, consequentemente, se acha retida na atividade egocêntrica do "eu", é muito mais importante, requer muito mais energia, muito mais vigilância do que o cultivo de determinado padrão de disciplina. A observância de padrões, evidentemente, conduz à inércia; e como a maioria de nós adora o sucesso, tanto dos outros como de nós mesmos, desejamos naturalmente observar padrões. Não é uma das nossas tradições o viver em estado de adaptação, em estado de disciplina? Por favor, não penseis que sou avesso à disciplina: o problema não é este. Estamos considerando a questão da modificação, da revolução em nós mesmos; e essa revolução, essa transformação fundamental pode ser operada por meio de disciplina? Não pode, evidentemente; a meu ver, pelo menos, não pode. A disciplina só pode tornar-me mais apto para a adaptação, e a adaptação nunca produz mudança alguma. Cumpre-me compreender por que razão a mente busca adaptar-se; e pode a mente, alguma vez, ficar livre desta pressão, da tradição não apenas da tradição externa, mas também dessa tradição constante, por nós mesmos criada, que é a memória? Já vemos que, por mais que a mente faça, — ainda que essa mente seja muito erudita, muito vasta, muito sutil, muito especulativa — não pode produzir nenhuma transformação fundamental; e a transformação fundamental é uma coisa necessária, não é verdade? Nem a razão, nem a lógica, nem a disciplina podem promover esta transformação duradoura, radical. Só quando a mente está tranquila, existe a possibilidade de surgir uma outra

coisa, que nos transformará. Mas nós não podemos procurar essa coisa — ela deve vir por si mesma; e só pode vir quando a mente está apta a recebê-la, isto é, quando já não está pensando dentro dos limites do tempo. Porque todo pensar é um processo de tempo, não é verdade? Não podemos pôr fim ao pensar, mas podemos compreender o movimento do pensamento; e enquanto houver um "eu", um "pensador" separado do pensamento, é óbvio que estamos pensando dentro dos limites do tempo. Quando a mente busca transcender o tempo por meio de disciplina, só pode resultar se criarem barreiras e fortalecer-se o tempo.

Assim, quando ouvis falar sobre isso, não é importante que descubrais de que maneira estais ouvindo? Não é importante que observeis as vossas próprias reações, que estudeis a vossa mente e que comeceis a compreender a vós mesmos? Afinal, o que estou dizendo é o que cada um de nós está pensando, mais ou menos; mas, não poderemos ultrapassar o nível verbal se não percebermos a verdade aqui contida, e se não nos tornarmos cônscios, com muita paciência e vigilância, do movimento do nosso próprio pensamento. Se assim procedermos, então, talvez possa surgir um outro elemento, uma outra qualidade, não pertencente à mente; mas só poderá ela surgir quando não houver o desejo de alcançá-la, quando a mente já não estiver absorvida no processo de reconhecimento.

PERGUNTA: De todos os instrutores espirituais que conheço, vós sois o único que não oferece um sistema de meditação para se alcançar a paz interior. Todos estamos de acordo quanto à necessidade de paz interior, mas de que maneira iremos alcançá-la sem praticar uma técnica, seja a da ioga oriental, seja a da psicologia ocidental?

KRISHNAMURTI: Não é lastimável que haja instrutores, — instrutores espirituais e discípulos? No momento em que começais a seguir um instrutor, não destruístes aquela chama que cumpre manter sempre viva, a fim de podermos fazer descobertas? Quando recorreis a ajuda de um instrutor, ele não se torna mais importante do que a verdade que estais buscando? Abandonemos, pois, esta ideia de mestre e discípulo, expulsemo-la completamente da nossa vida, e consideremos o problema em si, tal como ele atinge cada um de nós. Nenhum instrutor vos ajudará a achar a verdade, é óbvio; cada um tem de achá-la dentro de si mesmo, tem de se submeter à dor, ao sofrimento, tem de indagar, de descobrir e compreender as coisas por si mesmo. Mas, com vos tornardes discípulos de determinado instrutor, não cultivastes a inércia, a indolência, não obscurecestes a vossa mente? E, naturalmente, os vários instrutores com seus respectivos grupos se acham em contradição, fazendo concorrência uns aos outros, fazendo propaganda — vós conheceis todas as incoerências que há nessa coisa.

Toda esta questão, pois, relativa a instrutores e discípulos é ridícula e infantil. O importante é isto: Existe um método, seja oriental, seja ocidental, de se alcançar a paz? Se a paz se obtém pela prática de um dado método, a coisa assim obtida e que chamais "paz" não é uma qualidade viva, é uma coisa morta. Sabeis, por formulação, o que deve ser a paz, traçastes um caminho, que estais seguindo, para alcançá-la. Ora, esta paz é uma projeção de vosso próprio desejo, não é? Por isso, não é paz nenhuma. É uma coisa que estais desejando, — o oposto daquilo que sois. Acho-me em estado de conflito, de sofrimento, de contradição, me sinto infeliz, sou violento; e desejo um refúgio, um estado no qual eu não seja perturbado.

Por isso, recorro a diferentes instrutores e mentores, leio livros, pratico disciplinas que prometem aquilo que desejo; reprimo, controlo-me, adapto-me, para obter a paz. E isto é paz? A paz, por certo, não é uma coisa que se possa procurar; ela vem por si. Ela é um "subproduto", e não um fim em si. Surge quando começo a compreender todo o processo de mim mesmo, minhas contradições, meus desejos e ambições, meu orgulho. Mas, se faço da paz um fim em si, fico então vivendo num estado de estagnação. E isto é paz?

Está claro, pois, que enquanto estou em busca da paz por meio de um sistema, um método, uma técnica, terei a paz, mas será a paz da conformidade, a paz da morte. E é isso o que deseja a maioria de nós. Vislumbrei uma certa coisa, tive uma experiência que não posso expressar por palavras, e desejo viver nesse estado, desejo que ele persista, desejo uma realidade absoluta. Pode haver uma realidade absoluta, ou experiências de extraordinário significado; mas, se me apego a uma ou à outra coisa, não estou cultivando a morte lenta? E a morte não é a paz. Vejo, pois, que não é possível, nesse estado de conflito, nesse estado de confusão, imaginar o que é a paz. O que posso imaginar é o oposto; e aquilo que é o oposto do que sou, não é paz. Assim, uma técnica só me ajuda a alcançar algo que é o oposto do que eu sou; e, se não compreendo o que sou, se não o examino completamente, não só nos níveis conscientes, mas também nos níveis inconscientes — se não compreendo todo o processo de mim mesmo, a mera busca da paz tem muito pouca significação.

Nós somos indolentes; somos inertes, queremos instrutores e mosteiros para nos darem ajuda; não queremos descobrir por nós mesmos, por indagação própria, pela nossa

própria vigilância constante, pela nossa própria experiência, ainda que muito vaga, muito tênue e fugidia. Por isso, aderimos a igrejas, a grupos, tornamo-nos seguidores deste ou daquele — o que significa que de um lado há luta, e do outro o cultivo da inércia. Mas, se o indivíduo deseja realmente descobrir, se deseja experimentar diretamente — e podemos conversar noutra ocasião sobre o que seja esse "experimentar" — então, por certo, é imperioso que ponha a parte todas estas coisas e compreenda a si mesmo. O autoconhecimento é o começo da sabedoria, e só esta pode trazer a paz.

PERGUNTA. Pode a mente alguma vez estar tranquila, e "deve" ela estar tranquila?

KRISHNAMURTI: Vejamos. Porque deve a mente estar tranquila? E posso tornar tranquila a minha mente? O "eu", que está tentando tranquilizar a mente, é uma entidade separada da mente? Quem é o "eu" que está procurando controlar a mente? E quem é o "eu" que pergunta se é necessário que a mente esteja tranquila? O "pensador", o "interrogador" não faz parte da mente? Porque esta divisão da mente em "pensador" e "pensamento", "eu" e "não-eu"? Por que existe esta divisão? Não sei se a mente pode estar tranquila, nem se é necessário que ela esteja tranquila, mas quero averiguá-lo; e só posso averiguá-lo depois de verificar quem é a entidade que está formulando a pergunta. Ela é diferente da mente? Para a maioria de nós, é. Temos o "disciplinador", o "pensador", o "controlador", o "experimentador", o "observador", separado da coisa observada, separado da experiência, separado do pensamento. Depois de operar esta divisão, indagamos de que maneira o "pensador" pode controlar os seus pensamentos; e daí resulta a questão da técnica.

Ora, o “interrogador”, o “pensador” é de fato uma entidade separada do pensamento? Vamos examinar isso, não com o fim de argumentar, não de maneira que possais opor vossas ideias às minhas ideias, mas investiguemos juntos a verdade contida nesta questão. Em primeiro lugar, não sabemos se é necessário que a mente esteja quieta, nem mesmo se ela é capaz de estar quieta; mas, antes de poder experimentar a tranquilidade ou descobrir se lhe é possível estar tranquila, não deve a mente eliminar a separação entre o pensador e o pensamento? Quem é esta entidade que está sempre procurando controlar, quem é este censor, este juiz que diz que isto é certo e que aquilo é errado? É ele diferente da coisa que está observando em si mesmo? Para a maioria de nós ele é diferente; constitui uma entidade separada, que observa, que guia, que molda, que controla, que reprime o pensamento. Ora, por que razão esta entidade é diferente, separada? Mas, em primeiro lugar, não estais cônscios da existência de uma entidade diferente, o “eu” superior, que controla o inferior? Há em cada um de nós uma coisa que existe separadamente, e que guia, molda, observa cada pensamento. Sabemos disso, não é verdade? Pois bem. Como nasceu esta entidade separada? Não é ela um resultado da mente, um resultado do pensamento? É, evidentemente; ela não é diferente do pensamento. Se eu não a tivesse pensado, ela não poderia existir; ela é, portanto, um produto do pensamento, não é verdade? E o que é produto do pensamento pode ser uma entidade espiritual, separada do pensamento? Pode ser uma entidade atemporal, uma coisa eterna, que transcende o processo do pensamento? Se é uma entidade atemporal, então não me é possível pensá-la, porquanto só sou capaz de pensar dentro dos limites do tempo. Entretanto, o fato é que eu a penso, porquanto fui eu quem a separou; estou em relação com ela e, por conseguinte, ela é uma projeção de

minha própria memória, um produto de pensamento. Não é uma coisa que está separada de mim e, todavia, eu a separei. Por que isso? Porque vejo que os meus pensamentos são transitórios, que tudo o que me cerca é impermanente, que há a morte e a decomposição, que tudo está em movimento, em estado de fluxo. Consequentemente, digo que deve haver em mim mesmo algo permanente, e desejo esta permanência; por esta razão crio a entidade que é o pensador, o juiz, com existência separada. Isto é, o pensamento separa e instala uma parte de si mesmo como entidade permanente, que observa, que guia, que molda; e surge, aí, o problema de como essa entidade — o "pensador" — pode tapar a brecha e integrar-se com os seus pensamentos. Enquanto eu não compreender e resolver este problema, não me será possível ter uma mente tranquila, nem descobrir se a mente pode ficar tranquila. Tende, pois, a bondade de ouvir-me e procurar averiguar se é possível que o "observador" e a coisa observada sejam uma só unidade, que o "pensador" e os seus pensamentos se tornem integrados. Enquanto estiverem separados, a mente não terá tranquilidade. Enquanto eu estiver separado do meu pensamento, enquanto eu estiver separado da experiência e observando a experiência, enquanto eu tiver consciência de que estou tranquilo, não pode haver paz, não pode haver tranquilidade. Enquanto eu não compreender e resolver este problema fundamental, a busca de paz ou o indagar se a mente deve ou não deve estar tranquila, tem muito pouca significação.

Vejo, pois, que estou dividido em vários estados fragmentários e, como é possível reuni-los numa só unidade? Posso fazer alguma coisa a esse respeito? Isto é, o "pensador", o agente, o fabricante de padrões de ação, pode fazer alguma coisa a esse respeito? E se o conseguir, não restará ainda um

fragmento para ser posto em foco e absorvido? Enquanto existir o fabricante de padrões, o "pensador", pode ele efetuar a integração? Isto é impossível, não achais? Cumpre-nos, pois, averiguar como vem à existência esta entidade que está separada como "pensador"; cumpre-nos averiguar de que maneira ela acumula lembranças, riquezas, saber, haveres, lisonjas, insultos — cumpre-nos estar cônscio da coisa em toda a sua inteireza. Quando percebo cada vez melhor as suas reações, tudo o que dela pode resultar, é então que começo a descobrir se há possibilidade de realizar-se esta extraordinária integração, esta tranquilidade que não é da mente, que não é produto de disciplina, de controle, de adaptação a um determinado padrão de pensamento ou ação. Que estado é esse? Quando a mente já não está se separando como "pensador" e pensamento, podemos considerá-la "tranquila"? Não existe então um movimento de espécie diferente, uma outra espécie de "vir a ser", que não está em relação com o "eu" e o "meu"? Conhecemos a tranquilidade apenas como uma reação, compreendida na atividade do "eu"; mas existe tranquilidade não compreendida no "eu"?

É inconcebível esse estado enquanto houver a divisão entre "pensador" e pensamento, enquanto o pensador procurar experimentar a tranquilidade. Ele só se manifesta quando o pensador é o pensamento.

10 de agosto de 1952.

5ª PALESTRA

Se pudermos, nesta tarde, apreciar juntos este problema da transformação fundamental, creio que será muito proveitoso. Como somos muitos e não podemos conversar individualmente a respeito, espero que tenhais a bondade de ouvir-me com atenção, procurando descobrir o que quero comunicar-vos. Creio que esta mudança radical exige certa atitude mental, certo estado de consciência, e desejo discorrer a este respeito, de modo que vós e eu possamos, juntos, compreender tanto o problema como a sua solução. Parece-me que até agora só temos apreciado o problema da transformação, no nível da consciência ativa. Reconhecendo a necessidade de transformação, de uma transformação psicológica, procuramos meios e modos de realizá-la. Tal busca continua ainda no nível da consciência ativa, no nível superficial da mente, não é verdade? E às vezes nos parece que se nos fosse possível alcançar o inconsciente e dissolver ou trazer à superfície todos os seus ocultos "motivos", interesses e impulsos, seria, então, talvez, possível operar-se uma mudança radical. Penso haver uma maneira inteiramente diferente de tratarmos o problema, e a esse respeito desejo hoje falar-vos, embora um tanto vacilante e à guisa de ensaio.

Para considerarmos este problema de maneira completa, precisamos investigar a questão do que é consciência. Não sei se já pensastes nisso por vós mesmos, ou se apenas costumais citar o que dizem as autoridades sobre a consciência. Não sei de que maneira tendes compreendido, pela vossa experiência própria,

pelo vosso próprio estudo de vós mesmos, o que essa consciência implica — não só a consciência das atividades e lutas de cada dia, mas também a consciência que está oculta, — mais profunda, mais rica, e muito mais difícil de atingir. Se desejamos apreciar devidamente a questão da transformação fundamental de nós mesmos, e portanto do mundo, para com esta transformação despertarmos uma esperança, uma certeza capaz de nos dar o necessário ímpeto para a ação — se desejamos apreciar e compreender esta questão, não achais ser necessário examinarmos a questão da consciência?

Já sabemos o que se entende por consciência no nível superficial da mente. É, evidentemente, o processo do pensar, o pensamento. O pensamento resulta da memória, da verbalização, é o dar nome, registrar e armazenar certas experiências, para termos a possibilidade de comunicá-las a outros; e neste nível existem também várias inibições, controles, sensações, disciplinas. Com tudo isso estamos bem familiarizados. Aprofundando-nos um pouco mais, encontramos todas as acumulações da raça, os motivos ocultos, as ambições pessoais e coletivas, os preconceitos, que são o resultado da percepção, do contato, do desejo. Essa consciência total — a oculta mais a patente — está concentrada em torno da ideia do "eu", da entidade pessoal.

Quando se fala sobre a possibilidade de realizar uma mudança, o que em geral se entende é uma mudança no nível superficial, não é exato? Mediante determinações, conclusões, crenças, controles, inibições, lutamos por alcançar um fim superficial, que desejamos, pelo qual ansiamos, e esperamos alcançá-lo com a ajuda do inconsciente, das camadas mais profundas da mente; por isso, achamos necessário explorarmos

as camadas mais profundas do ser. Mas existe um conflito perpétuo entre os níveis superficiais e os chamados níveis profundos — todos os psicólogos, todos os que tem buscado o autoconhecimento estão bem cientes disso.

Ora, este conflito interior é capaz de operar alguma mudança? Não será esta a questão mais importante e fundamental da nossa vida cotidiana: como realizar uma transformação fundamental em nós mesmos? Pode a mera alteração levada a efeito no nível superficial, produzir essa transformação? Pode a compreensão dos diferentes níveis da consciência, do "eu", a revelação do passado, das várias experiências pessoais, desde a infância até hoje, o exame em mim mesmo das experiências coletivas de meu pai, minha mãe, meus ancestrais, minha raça, do condicionamento da sociedade em que vivo — pode a análise de tudo isso produzir alguma mudança que não seja mero ajustamento?

Parece-me, e por certo há de parecer-vos também, que é essencial uma transformação fundamental em nossa vida — uma transformação que não seja mera reação, que não seja resultado da pressão do ambiente. De que maneira pode se operar tal mudança? Minha consciência representa a soma da experiência humana, acrescentada do meu contato pessoal com o presente; pode ela operar alguma transformação? O estudo da minha consciência, das minhas atividades, o percebimento dos meus pensamentos e sentimentos, e o aquietamento da mente, para observar sem condenação — pode esse processo produzir alguma mudança? Pode haver mudança por influência da crença, da identificação com uma imagem projetada que chamo "o ideal"? Isso tudo não denota um certo conflito entre o que sou e o que eu deveria ser? E pode o conflito operar uma

transformação radical? Vivo numa batalha constante comigo mesmo e com a sociedade, não é exato? Há um conflito perene entre o que sou e o que desejo ser; e este conflito, esta luta, produzirá alguma transformação? Reconheço que é essencial a transformação; mas posso realizá-la pelo exame de todo o processo de minha consciência, pela luta, pela disciplina, pela prática de várias formas de repressão? Sinto que tal processo não pode produzir nenhuma transformação radical. Disso precisamos ficar bem certos. E se esse processo não pode produzir nenhuma transformação fundamental, nenhuma revolução profunda, interior, que coisa a produzirá então?

Espero que me tenha feito claro até aqui. Percebeis que a luta para modificarmos o que somos não trará revolução, transformação interior? Se o percebo, qual é o passo que devo dar em seguida, isto é, que devo fazer? Antes de poder descobrir a verdade que há nesta questão, não devo perceber com toda a clareza que tal processo — as restrições, os preceitos morais, as compulsões e pensamentos que me são constantemente inculcados pela sociedade em que fui criado e condicionado — nunca produzirá transformação fundamental? Preciso perceber muito claramente este fato, não achais? Parece-me, contudo, que não é isso o que acontece.

Assim, julgo importante cada um ver claramente por si mesmo que a maneira pela qual temos tentado nos modificar é inteiramente errônea. Porque, ao reconhecermos a falsidade deste processo, estaremos então num estado mental propício a descobrirmos qual é a verdadeira maneira de nos transformarmos. Todavia, se não percebemos o falso conteúdo de nossas mentes, de nossos hábitos de pensamento, etc., como nos será possível descobrir "a outra coisa"? Não devemos, pois,

descobrir por nós mesmos, antes de tudo, se os métodos que nos são familiares podem em algum tempo produzir mudança radical? A disciplina, a repressão, o controle, a análise, a prática de vários métodos de hipnose para trazer à luz o inconsciente, o apelo a uma crença, a observância de padrões, o cultivo de uma determinada qualidade, a luta para seguir um ideal — todo este processo não é inteiramente falso? Se é falso, não devemos então estudá-lo, compreendê-lo, para ficarmos inteiramente livres dele? Positivamente, precisamos abandoná-lo totalmente, porque só então teremos a possibilidade de descobrir o novo, que produzirá a transformação.

Comunicar verbalmente como se opera uma mudança radical é relativamente simples; mas experimentar deveras aquele elemento novo, aquela qualidade transformadora, é coisa de todo diversa. Eis porque julgo que deveis escutar, o que significa — não ouvir simplesmente o que estou dizendo, mas descobrir por vós mesmos se as disciplinas que tendes praticado, se as ambições, os ciúmes, as invejas que tendes sentido, se os vários ideais e crenças que tendes seguido, se a análise a que vos tendes submetido, se a introspecção e a luta em que vos tendes envolvido — se essas coisas têm alguma validade. Se não tem, qual é então o estado da mente que as perscrutou e pôs fim a todas elas?

Formulemos o problema diferentemente: por mais que eu lute por ser diferente do que sou, para modificar-me, esta luta não faz sempre parte do "eu", que está desejoso de um resultado, que busca uma continuidade de felicidade, a perpetuação de determinado estado? Sou ávido, ou invejoso, ou propenso à aquisição, e reconheço as consequências disso; por esta razão, disciplino-me contra esta qualidade, reprimo-a,

procuro inibir certas reações. Este desejo, esta luta para transformar a avidez em outra coisa, não é ainda uma atividade do "eu", que está tentando se transformar num "eu" melhor? E pode o "eu", este centro do processo acumulador, em algum tempo se tornar melhor? E conhecemos, também, aqueles momentos, aquelas raras ocasiões em que o "eu" está ausente, em que há um estado atemporal, um sentimento de felicidade não mensurável pela mente.

Nosso problema, por conseguinte, é este: Como operar uma transformação sem esforço? Estamos acostumados com o esforço, não é verdade? Fomos criados no hábito do esforço. Quando não gostamos de uma coisa, fazemos esforço para alterá-la. Quando vejo que sou feio, egoísta, etc., esforço-me com afinco para me modificar. Isso é tudo o que sabemos. Ora, reconhecendo isso, estando cônscios das atividades da mente, será possível deixarmos de fazer esforço para ver o que acontece? Nosso esforço se faz sempre no sentido de alcançarmos um bom resultado ou de nos adaptarmos a alguma coisa, não é verdade? Trabalhamos para conseguir um fim desejado e, para consegui-lo, precisamos ajustar-nos a alguma coisa. Isto é tudo o que sabemos, em graus diversos, positiva ou negativamente. Será possível libertarmos a mente deste hábito, isto é, não fazermos esforço algum, mas apenas permanecermos num estado em que a mente perceba o fato, mas não atue sobre o fato com o fim de transformá-lo?

Se podemos observar-nos sem desejo algum de nos modificarmos, existe então a possibilidade de uma mudança radical. Mas isso é extremamente difícil, não achais? Não é fácil uma pessoa observar a si mesma, sem o desejo de fazer alguma coisa em relação com aquilo que observa. Quando temos uma

experiência agradável, desejamos persistir nessa experiência. Se tive uma experiência agradável ontem, quero fazê-la continuar hoje; minha mente está vivendo daquela experiência de ontem, e por esta razão fazendo esforços constantes para recapturar o passado ou criar o futuro com as lembranças de ontem. É possível a mente ficar cônscia de tudo isso? Porque, sem esta percepção, não podereis estar quietos, não podereis abster-vos do esforço. Tendes de conhecer as várias atividades da mente, tendes de estar cônscios delas, cônscios do que a mente está fazendo; e, nesta percepção, no reconhecer que todo esforço, de qualquer espécie que seja, está sempre compreendido na esfera da mente, do querer ser algo e, portanto, da adaptação — não é possível, neste estado de percepção, observar sem esforço algum, sem nenhum desejo de alterar o que somos?

É extremamente difícil falar a este respeito, transmitir em palavras o que realmente acontece quando não desejais fazer modificação alguma. Isso, afinal, é o que se entende por integração, não é verdade? Quando observais todo o processo da mente, e estais cônscios das várias lutas, divisões, divergências, sem haver, no centro, nenhum movimento de transformação ou no sentido de remediar as divergências, o "observador" está, então, essencialmente tranquilo. Não tem mais o desejo de transformar coisa alguma: está simplesmente cônscio de que estas coisas estão ocorrendo. E isso requer paciência extraordinária, não é assim? Mas, nós estamos ansiosos por transformar-nos, por fazer algo com relação a nós mesmos; estamos impacientes por alcançar um fim, um resultado. Quando a mente está cônscia das suas próprias atividades, tanto conscientes como inconscientes, não tendes então necessidade de examinar o inconsciente para trazer à superfície as coisas ocultas — elas estão à vista. Mas não sabemos observar. Não

adianta perguntar: “Como devo observar, qual é a técnica?”. No momento em que tendes uma técnica, está tudo acabado, já não podeis observar. A quietude do centro só pode se verificar quando estamos cônscios de tudo isso e vemos que nada podemos fazer a seu respeito, — porque tal é o fato. Enquanto a mente está ativa, com o seu desejo de transformação, essa atividade se cingirá, apenas, a um modelo dela mesma “projetado”, e por isso não se verifica transformação alguma.

Se perceberdes de fato a verdade a este respeito, surgirá, então, um estado mental em que não haverá absolutamente nenhuma preocupação de mudança... e, por conseguinte, a mudança se operará. Como já disse, este assunto é muito difícil de tratar. É mais uma questão, não de compreensão verbal ou compreensão intelectual, como a chamamos, mas de sentirmos, por nós mesmos, como as atividades da mente impedem a transformação radical.

PERGUNTA: Reputo todo misticismo insensatez, e vossas palestras parecem ter uma tonalidade mística. É intencional essa tonalidade, ou a minha reação às vossas palestras é uma reação peculiar, baseada exclusivamente em meus preconceitos?

KRISHNAMURTI: Que se entende por “misticismo? Algo oculto, misterioso? Algo que provém da índia? Algo que sentis quando não está funcionando a vossa mente racional? Algo vago, impreciso, de que tem falado os profetas e os instrutores? Ou é a experiência de algo real, algo que é a soma da razão e ao mesmo tempo transcende a razão, algo que não é verbal, uma experiência que não é simples projeção da mente?

Não é importante descobrir a verdade a respeito desta questão, sem condenação, nem aceitação?

Vivemos na experiência, não é verdade? Conhecemos a vida só como experiência. E, que se entende pela palavra "experiência"? Algo que podemos reconhecer, não o achais? Algo a que podemos dar um nome e que podemos transmitir a outras pessoas. Só tenho uma experiência quando sou capaz de reconhecê-la. Do contrário, não tenho experiência alguma. Depois de ter tido uma certa "experiência", guardo-a na memória, dou-lhe um nome, aplico-lhe um determinado termo; e quando se apresenta uma experiência semelhante, reconheço-a, aplico-lhe o mesmo termo que antes empreguei. Assim, toda "experiência" que se nos apresenta não está baseada no reconhecimento? É a verdade, Deus, aquele quê a que se não pode dar nome algum, susceptível de reconhecimento? Isto é, pode a realidade ser reconhecida? Para eu a reconhecer, preciso ter tido, dela, uma experiência anterior. Quando se repete uma experiência anterior, digo "ei-la de novo"; por esta razão, o que experimento nunca é uma coisa nova. Não é importantíssimo que se investigue esta questão do reconhecimento e da experiência? Se sou capaz de reconhecer uma experiência, isso não indica que já a tive antes? Por conseguinte, a experiência que agora tenho não é uma experiência nova, já é "o velho". Como o que se experimenta novamente e se reconhece nunca é novo, mas sempre velho, pode essa coisa ser a realidade, Deus? Este processo de reconhecimento não deve cessar para que o novo possa existir? E o que é novo pode ser "verbalizado", expresso por palavras? Se não pode, consistirá o misticismo, então, em experimentar aquilo que existe além do nível verbal, além do reconhecimento por parte da mente? Por certo, para conhecermos esse estado, como quer que ele seja, não devemos

transcender todas as imagens, tudo o que sabemos? Para acharmos a realidade, Deus, não devemos transcender os símbolos do cristianismo, do hinduísmo, do budismo? Não devemos libertar a mente de todos os hábitos, tradições, todas as ambições pessoais e coletivas? Podeis, se quiserdes, chamar isso "misticismo" e dizer que parece irracional; mas só quando a mente está reduzida a nada é capaz de receber o que é novo. Se dependemos da mente para nossa orientação, se nossa ação se baseia exclusivamente na razão, na lógica, em conclusões, em reações materialistas, então, infalivelmente, havemos de criar um mundo brutal e cruel. Ao reconhecer tudo isso, não é possível a mente passar além e descobrir o que é novo, atemporal?

PERGUNTA: Acho extremamente difícil concentrar-me. Quereis ter a bondade de examinar esta questão?

KRISHNAMURTI: Examinemos juntos esta questão e vejamos se não é possível compreendermos o que é se concentrar sem fazer esforço para estar concentrado. Que acontece, na realidade, quando estais tentando concentrar-vos? Há um conflito, não é verdade? Estais tentando fixar a mente num determinado pensamento, e a vossa mente se desvia dele; há, pois, uma divisão, uma cisão da mente, entre aquilo em que desejais concentrar-vos e aquilo em que a mente está interessada. Tentamos disciplinar a mente, exercitamo-nos em focar o nosso pensamento em determinada ideia, frase, imagem ou símbolo, e a mente está sempre a divagar. Este fato nos é bem familiar, não é verdade?

Ora, como pode a mente concentrar-se? Se ela está interessada, há esforço para concentrar-se? E por que razão

existe esta divisão entre diferentes pensamentos, interesses, desejos? Se se puder compreender isso, haverá então uma concentração natural, não achais? Porque existe esta divisão da atenção, entre a coisa em que estou procurando me concentrar e um pensamento diferente? E que acontece quando estamos cônscios desta divisão? Tentamos tapar a brecha, para que a mente fique concentrada numa só coisa.

Nosso problema, pois, não é o problema do pensador" e do pensamento? Quero pensar um determinado pensamento e a ele aplico a minha mente, mas outra parte de mim mesmo se põe a divagar. Faço-a voltar e tento novamente a concentração, e de novo ela se escapa; e prolongo, desse modo, indefinidamente, o conflito. Nunca procuro averiguar porque existe um "pensador" separado do pensamento e por que razão o "pensador" está sempre tentando controlar o pensamento, puxando-o para trás. Por que existe esta divisão? O problema é este, não achais? Se não há "pensador" distinto do pensamento, então, todo pensamento é concentração. Observai o vosso próprio pensar, para ver. Existe o pensador, que quer controlar o pensamento, que quer fazer algo com relação a ele, modificá-lo, dominá-lo. Por que existe esta divisão? Pode o "pensador" dominar todos os seus pensamentos? Só pode fazê-lo quando está completamente absorvido num pensamento determinado, completamente identificado com uma crença, um símbolo. Tal estado conduz, evidentemente, à loucura, não é verdade?

Pois bem. Pode-se compreender porque o "pensador" escolhe um determinado pensamento dentre vários pensamentos, e procura deter-se exclusivamente nele? Se pudermos compreender isso, o que significa compreender o processo da escolha chegaremos, então, de maneira natural, a uma

concentração em que não existe conflito algum. Cumpre-nos, pois, compreender o problema da escolha, compreender porque o "pensador' escolhe um pensamento e rejeita outro. Quando o pensador escolhe um determinado pensamento, vários outros pensamentos começam a interferir, e ele é obrigado a repeli-los constantemente. A escolha, pois, leva a concentração? Está concentrada a mente se está sempre a escolher, a excluir, a rejeitar? Será a concentração um processo de restringir a mente, ao ponto de identificar-se totalmente com determinado pensamento? Todavia, é isso o que geralmente entendemos por concentração, não é verdade? Entendemos um estado, no qual a mente se absorve de tal modo em determinada ideia, num pensamento que escolheu, que outros pensamentos não podem perturbá-la, nem podem ocorrer outras reações; e, no entanto, há um conflito de escolha, que prevalece ininterruptamente. Nessas condições, para compreendermos a concentração, não será necessário compreender, primeiramente, o problema da escolha? Quando escolhemos um pensamento e procuramos deter-nos nele, não é inevitável o conflito com outros pensamentos? Não devemos examinar cada pensamento, estar cônscios de cada pensamento, em lugar de escolhermos um e rejeitarmos outros? Direis: "Não tenho tempo para isso". Mas tendes tempo para lutar contra a legião de pensamentos intercorrentes! Isso não é perda de tempo? Observai cada pensamento que surgir; não escolhais; não digais "este é bom, este é mau; conservarei os bons e rejeitarei os maus". Ficai cônscios, sem condenação, de cada pensamento que surge, e vereis, então, como vem uma concentração que não exclui coisa alguma, que não é resultado de escolha, que não constitui um estreitamento da mente. Essa concentração é ampla e só nela pode a mente estar quieta, tranquila. A tranquilidade não é produto da concentração, nem resultado de escolha. A tranquilidade surge espontaneamente,

logo que compreendemos integralmente o processo da escolha, com suas várias atividades e lutas; e nesta tranquilidade manifesta-se o irreconhecível, uma experiência que não está presa ao passado.

16 de agosto de 1952.

6ª PALESTRA

Creio que já nos habituamos à ideia de que a luta é inevitável e que pela luta chegaremos à compreensão, teremos paz, descobriremos algo que se acha fora da esfera dos problemas que ocasionam conflito. Parece-me importante compreender esta questão da luta, do conflito, dentro e ao redor de nós, e descobrir se ela é necessária à compreensão criadora, à obtenção da felicidade humana. Aceitamos a luta como parte integrante de nossa existência diária, de nossos contatos sociais, de nossa existência interior, nossa existência psicológica, e pensamos que, sem luta, sem conflito, cairemos em estagnação. Há o medo da estagnação, o medo do "ser nada", de nos destruirmos, se não fizermos esforço, se não lutarmos em prol de um objetivo, um alvo, um fim. Pensamos que, sem luta, sem intenso esforço interior, nunca atingiremos a felicidade suprema. Por isso, aceitamos a luta como parte da vida, e pensamos que pela luta levaremos a efeito uma transformação fundamental em nós mesmos. Nesta manhã, vamos averiguar, se possível, se a luta é necessária, se o conflito contribui para a compreensão, para o esclarecimento e a felicidade do homem.

Vemos que a luta é necessária em certos sentidos, em certos níveis: a luta com a natureza, a luta para a solução de problemas objetivos. Em certos níveis da existência parece necessária a luta; mas transportamos esta luta para o terreno psicológico, onde ela se torna esforço de aquisição, do "eu", para subsistir, para sobreviver. E é aí que devemos averiguar se a luta contribui para a nossa felicidade, para o bem-estar da humanidade, para a criação de uma sociedade pacífica. Esse

conflito nas relações é um problema complexo, não achais? Temos aceitado, através dos séculos, como inevitável, e, consequentemente, é muito difícil examinar toda a questão de maneira nova, penetrá-la a fundo e descobrir sua inteira significação. Tentemos hoje verificar, se possível, até que ponto a luta é justificável, se é necessário que a luta cesse, para que possamos alcançar as profundezas do coração humano.

Porque lutamos, psicologicamente, interiormente? Lutamos com o fim de nos adaptarmos a um padrão de ação; lutamos para expressar certos sentimentos, ou porque temos um problema que, pela luta, esperamos resolver; lutamos para alcançar uma continuidade, uma subsistência do "eu" como entidade. Pois bem. Esta luta para nos adaptarmos, sobrevivermos, se expressa na crença, no ideal, não é verdade? "Projetamos" o ideal e lutamos por adaptar- nos, ajustar-nos a ele, na esperança de que, por meio desse conflito, desse ajustamento, nos tornemos melhores, mais felizes, mais benevolentes, etc. Isto é, criamos um padrão de ação, impelidos pelo desejo de alcançarmos certo resultado, e formamos assim o hábito da luta constante, psicológica ou interior, entre as várias camadas da nossa consciência. Lutamos com problemas, tanto pessoais como coletivos; visto que temos problemas, examinamos, analisamos, estudamos o mais profundamente possível, esperando, por essa maneira, resolvê-los. Lutamos com as frivolidades da nossa mente, com o fim de bani-las, pô-las de parte, e passar além. Nossa vida é uma série de conflitos intermináveis; estamos sempre inquirindo, sempre lutando por descobrir algo. Começamos com o intuito de descobrir, mas, gradualmente, firmamos o hábito de um determinado padrão de ação. Ou, se estamos mais profundamente interessados, pensamos que pela luta seremos criadores, que é necessário

passarmos por este processo de conflito, para conseguir uma certa paz de espírito. Tudo isso é nossa vida, o padrão muito conhecido de nossa existência cotidiana, e não precisamos entrar em mais pormenores a este respeito.

Pois bem. Desejo averiguar se a luta é necessária, se a luta pode produzir a transformação radical, que é tão essencial. Quando temos um problema psicológico, um problema de relações, porque lutamos para resolvê-lo? Pode tal problema ser resolvido mediante luta, mediante conflito? Só lutamos com um problema quando desejamos determinado resultado, uma solução para o problema; mas se nossa intenção é compreender e transcender o problema, então, por certo, o conflito com o problema não nos ajudará neste sentido, não achais? Só podemos compreender o problema quando somos capazes de observá-lo sem condenação, nem justificação, sem nenhum desejo de achar uma solução fora dele. No momento em que procuramos nos ajustar a um determinado padrão "projetado" pela mente, na esperança de resolvermos o problema, há um estado de luta e quanto mais lutamos, tanto mais complexo se torna o problema. Vemos, pois, que, para compreendermos profundamente um problema, não deve haver, em primeiro lugar, nenhum esforço para lhe acharmos uma solução particular.

Quando tenho um problema, não estou sempre em busca de uma solução específica para ele? Não me interessa compreender o problema, o que me interessa é a solução; e por isso se estabelece o conflito. Se, ao contrário, desejo compreender realmente o problema, preciso conhecer todo o seu conteúdo, o que só é possível quando não me estou identificando com determinada solução, quando não estou

julgando, quando não estou condenando. Quando perfeitamente lúcida, a mente está tranquila; e é só então que o problema se resolve, e não quando ocorre luta para achar-lhe a solução. Num nível queremos uma solução, e noutro nível não a queremos. Buscamos solução particular para o problema, e, entretanto, no fundo, sabemos que a busca de solução particular envolve conflito dentro em nós mesmos e, por conseguinte, só tem o resultado de aumentar o problema, noutro sentido. O que se requer, consequentemente, é perfeito discernimento do problema, o que significa compreensão da totalidade da nossa consciência, do processo total de nós mesmos.

Vemos, pois, que a luta para resolvermos um problema não nos liberta do problema. Pelo contrário, ela torna o problema mais complexo ainda. Podeis observá-lo por vós mesmos. Ora, pensamos que a conservação da existência só é possível mediante luta, disputa, conflito; percebemos, entretanto, que sempre que existe conflito entre indivíduos, entre grupos, entre nações, não há possibilidade alguma de sobrevivência; ao contrário, a guerra e a destruição em massa são inevitáveis. Enquanto lutarmos por obter segurança psicológica, por subsistirmos, sobrevivermos através do esforço aquisitivo, por sermos "mais"; enquanto estivermos empenhados nesta luta de aquisição, nesta luta para sermos "mais", quer material, quer espiritualmente, haverá conflito, haverá incessante batalha dentro e ao redor de nós.

Lutamos para ter segurança, para ter certeza, porque a mente teme a incerteza, o achar-se num estado de constante indagação, constante compreensão, constante descobrimento. Só é possível haver descobrimento e compreensão num estado de profunda incerteza. Mas como a mente não gosta de estar

incerta, só quer andar de uma lembrança para outra lembrança, para se sentir segura; constrói ela, para si mesma, várias virtudes, qualidades, atributos, hábitos, padrões de ação, para funcionar dentro desta esfera. Inconsciente, bem como conscientemente, estamos em busca desta subsistência psicológica, que nega a subsistência no mundo físico. Enquanto cultivarmos o "eu", enquanto lhe dermos nutrição e força, haverá conflito sem fim.

Essa é a nossa condição, não é verdade? E se desejamos modificar-nos profundamente, então, as muralhas que a mente construiu em torno de si mesma — muralhas de virtude, de crenças, de ideais, o desejo de imortalidade, etc. — terão de ser arrasadas, para que a mente fique completamente livre para descobrir o que é real.

O necessário, em primeiro lugar, é percebermos, por nós mesmos, sem persuasão ou argumentação, que estamos sempre andando de uma lembrança para outra lembrança, de um conhecimento para mais outro conhecimento, considerando esse movimento como uma revolução, A tradição, o ambiente, a educação, o condicionamento, tudo isso pode ser modificado — e é a isso que aspira toda revolução exterior, seja capitalista, seja comunista ou fascista. Todas elas tentam mudar o ambiente, o condicionamento, a tradição. Isso é possível, naturalmente; mas não liberta o homem do sofrimento, liberta? E é justamente isto o que estamos considerando: como libertar a mente do sofrimento, se o sofrimento pode ser dissolvido pela luta. A própria luta não fortalece mais ainda a causa do sofrimento, que é o "eu", com suas atividades egocêntricas? Quando luto para ser virtuoso, isto é virtude? Embora tenhamos sido educados para crer que um estado virtuoso pode ser alcançado por meio

de luta, de conflito, de disciplina, de influência, de educação, este processo não fortalece o "eu", que é a verdadeira causa do sofrimento? Quando procuro me disciplinar para tornar-me mais generoso, não estou fortalecendo o "eu", que é a causa da avidez? Quando luto para ser humilde, não ter orgulho, esta luta não representa uma atividade egocêntrica?

Este problema é muito complexo e não pode ser atendido fortuitamente, num só nível. Percebendo a complexidade do problema e reconhecendo que a raiz do sofrimento é o "eu", o "ego" — como pode este alicerce, esta base, ser quebrada, destruída? Como pode este "eu" ser posto de parte, sem luta? Eis o problema verdadeiro e é aqui que tem de se operar a transformação. Esta transformação é possível por meio de conflito? Posso dissolver o "eu" impondo-lhe regras e compulsões? Ou só é possível a sua dissolução quando a mente está cônscia de todo este complexo problema e se torna inativa com relação a ele? Afinal, a mente é que é o centro do "eu", não é verdade? Talvez a maioria de nós ainda não tenha pensado neste problema. Enquanto existir o "eu", haverá conflito, sofrimento; enquanto existir o "eu", nunca haverá um viver criador. Mas, a maioria de nós aceita o "eu" e o cultiva por várias maneiras. Ora, se compreendermos a natureza do "eu", se ficarmos amplamente cônscios dos seus complexos problemas, não será possível à mente ficar inativa com relação a eles, de modo que não contribua para fortalecer o "eu" dando-lhe nutrição?

Estou interessado na dissolução do "eu", na negação do "ego". Como posso realizá-la sem transformá-la em objetivo? Vejo que o sofrimento, a frustração, o conflito, são inevitáveis enquanto a minha mente está, consciente ou inconscientemente,

ocupada com o "eu" e suas atividades. Como dissolver tudo isso? Minha identificação com uma nação, com uma ideia, com o que chamo "Deus", poderá dissolvê-lo? Esta identificação é uma atividade do "eu", não é? Ela representa mera expansão do eu; evadimo-nos do "eu" interessado em frivolidades, para o que chamamos "o imenso", "o universal" — que continua, entretanto, a fazer parte de nossa mente mesquinha. A identificação, pois, não pode dissolver o "eu", não pode arrasar suas muralhas. Também a disciplina, a prática de determinado padrão de ação, não tem poder para isso: nem o tem a oração, a prece, ou a constante exigência de que ele seja dissolvido. Tudo isso são simples meios de fortalecer o "eu", de dar-lhe continuidade — sendo o "eu" um feixe de lembranças, experiências, prazeres, lutas, dores, sofrimentos.

Nada dissolverá o "eu" enquanto a mente estiver diligenciando dissolvê-lo, uma vez que mente é incapaz de arrasar as barreiras, as muralhas que ela própria criou. Mas, quando estou cônscio de toda esta complexa estrutura do "eu", que é o passado em movimento, através do presente, para o futuro; quando estou cônscio de tudo o que se passa tanto interior como exteriormente, tanto oculta como abertamente — quando estou de todo cônscio de tudo isso, então, a mente, que criou as barreiras, no seu desejo de sentir-se segura, permanente, no seu desejo de continuidade se torna extraordinariamente tranquila, inativa; e só então se apresenta a possibilidade da dissolução do "eu".

Portanto, ao ouvirdes uma asserção deste gênero, tem muita importância a maneira como a ouvis, não achais? Porque, afinal, que é que estamos tentando nestas nossas palestras? Não estamos tentando sobrepor um conjunto de ideias a outro

conjunto de ideias, ou adotar uma crença para substituir outra, ou seguir um mentor renunciando a outro. O que estamos tentando é compreender o problema; queremos conversar a este respeito; e nesse conversar, estais aberto a sugestões, percebeis bem o significado das coisas, e desse modo descobris diretamente, por vós mesmos, a falácia da luta. Não fazeis nenhum esforço consciente para alterar-vos. Vem a transformação quando há compreensão direta e, por conseguinte, certa espontaneidade e nenhum senso de compulsão. Mas isso só é possível quando sois capazes de escutar muito tranquilos, interiormente, com completa ausência de barreiras. Se vos modificais em consequência de argumentação, de imperativos lógicos, de influência, estais então, apenas, condicionado numa direção diferente, o que também traz o seu sofrimento respectivo. Se, entretanto, compreendeis este problema do sofrimento como um todo, e não como algo a que podemos fugir superficialmente, então a vossa mente se torna muito tranquila; e nesta tranquilidade se realiza uma transformação que não foi provocada, que não é o resultado de nenhuma espécie de compulsão ou de desejo. Esta transformação é que é essencial, e ela não é alcançável por meio de nenhuma influência, nem de nenhum saber. O saber não resolve os nossos sofrimentos. Saber significa ter explicações. Só suprimindo completamente o saber, só deixando de considerá-lo como meio de orientação, só então teremos a possibilidade de que a nossa mente sinta o inefável, o que constitui o único fator capaz de produzir uma transformação fundamental, uma revolução verdadeira.

PERGUNTA: Grandes inteligências nunca conseguiram pôr-se de acordo sobre o que seja a realidade suprema. Que dizeis? Afinal, ela existe?

KRISHNAMURTI: Que dizeis vós? Não é muito mais importante isto: o que vós mesmo pensais? Desejais saber se existe uma realidade suprema e dizeis que, dentre os grandes espíritos, uns dizem que ela existe, outros dizem que não existe. Que valor tem isso? Vós desejais descobrir, não é verdade? Desejais saber se existe uma realidade absoluta, algo que é imutável, permanente, e que se acha fora do tempo. Ora, como ides averiguar isso? Qual o instrumento que utilizareis nessa investigação? Só possuís a vossa mente, não é verdade? — a mente, resultante do tempo, resíduo de memória, de experiência. Com esta mente, ides verificar se existe uma realidade suprema. Tendes lido a respeito destas coisas, e o que lestes reforçou vossos preconceitos, opiniões ou objeções; e é com esta mente que ides investigar. É possível isso? E, francamente, uma pergunta destas não é uma pergunta fútil? Se eu dissesse que existe ou que não existe nenhuma realidade suprema, que valor teria isso para vós? Que significado teria, realmente, na vossa vida? Só serviria para reforçar a vossa própria ideia a este respeito, vossa própria experiência, vosso próprio saber. Mas o reforçar da vossa ideia, o corroborar da vossa crença, não constitui a realidade suprema, não é verdade? Assim, o importante, sem dúvida, é que vós mesmo o investigueis; e para o fazerdes deve a mente achar-se num estado de experiência criadora, não achais? Deve a vossa mente ser capaz de descobrir, e para isso se requer que ela esteja inteiramente livre de toda e qualquer noção relativa à realidade suprema — se ela existe ou se há apenas uma série de experiências cada vez mais amplas e significativas. Mas a vossa mente está atulhada de saber, de ilustrações, de experiência, de lembranças, e com esta mente quereis investigar. Ora, por certo, só quando a mente está vazia tem ela a possibilidade de criar e de averiguar se existe, ou não, uma realidade suprema. Mas a mente nunca se acha vazia,

em estado de criação. Está ela, sempre, adquirindo, acumulando, vivendo do passado ou para o futuro, ou procurando concentrar-se no presente imediato; nunca se acha naquele estado de criação que se requer para o surgir de uma coisa nova. Sendo resultado do tempo, não tem a mente possibilidade alguma de compreender aquilo que é atemporal, eterno. Por conseguinte, o que devemos fazer é investigar, não se existe uma realidade suprema, mas se é possível a mente ficar livre do tempo, que é memória, ficar livre do processo de acumulação de saber e experiência, do viver do passado ou para o futuro. Por outras palavras: a mente pode tornar-se tranquila? A tranquilidade não é resultado de disciplina, de controle. Só há tranquilidade quando a mente está silenciosamente cônscia de todo este complexo problema, e só nesse estado pode ela compreender se existe, ou não, uma realidade suprema.

PERGUNTA: Com que deve a mente ocupar se?

KRISHNAMURTI: Eis um ótimo exemplo de como se origina o conflito — o conflito entre o que deveria ser e o que é. Em primeiro lugar determinamos o que deveria ser, o ideal, e em seguida procuramos viver de acordo com esse padrão. Dizemos que a mente deveria ocupar-se com coisas nobres — abnegação, generosidade, benevolência, amor; esse o padrão, a crença, o "deveria ser", a obrigação, — e procuramos viver de tal maneira. Estabelece-se um conflito entre a projeção — o que deveria ser — e a realidade — o que é — e esperamos sair transformados desse conflito. Enquanto lutamos para alcançar o que "deveria ser", sentimo-nos virtuosos e bons. Mas, qual é o mais importante: "o que deveria ser" ou "o que é"? Com o que estão ocupadas as nossas mentes, na realidade, e não ideologicamente? Com trivialidades, não é exato? Com o nosso

aspecto pessoal, nossa ambição, nossa ganância, nossa inveja, nossa maledicência, nossa crueldade. A mente vive num mundo de trivialidades; e a mente trivial que cria um padrão nobre, continua trivial do mesmo modo, não é verdade? Não se trata, pois, de saber com o que a mente deveria ocupar-se, mas, sim, se ela pode livrar-se das trivialidades. Por menos vigilantes que sejamos, por pouco que investiguemos, podemos reconhecer as nossas próprias trivialidades: nosso incessante falar, o constante tagarelar da nossa mente, nossas preocupações sobre isto e sobre aquilo, nossa curiosidade a respeito do que outras pessoas estão fazendo ou não estão fazendo, nossos esforços para alcançar determinado resultado, nossas tentativas de autoengrandecimento, etc. etc. Tal é a nossa constante ocupação, sabemos muito bem. E isso pode ser modificado? Este é que é o problema, não achais? Perguntar com o que a mente deveria ocupar-se é pura falta de madureza.

Pois bem. Estando agora cônscio de que minha mente é trivial e só se ocupa com trivialidades, é possível libertar-se ela dessa condição? Não é a mente, por sua própria natureza, trivial? Que é a mente senão um resultado da memória? Memória relativa a que? A conservação da existência, tanto da existência física como da existência psicológica, mediante o desenvolvimento de certas qualidades ou virtudes, acumulação de experiência, e a estabilização da mente dentro da sua esfera de atividades. Isso não é trivial? A mente, resultado da memória, do tempo, é, por sua própria natureza, trivial; e, que pode ela fazer para libertar-se das suas atividades? Pode fazer alguma coisa? Vede bem quanto isto é importante. Pode a mente, que é atividade egocêntrica, libertar-se dessa atividade? É claro que não pode; por mais que faça, permanece trivial. Ela pode fazer conjecturas a respeito de Deus, formular sistemas políticos e

inventar crenças; mas continua sempre na esfera do tempo, suas mudanças são só de uma lembrança para outra lembrança, e continua ela restringida pela sua própria limitação. Pode a mente quebrar essa limitação? Ou a limitação só se desfaz quando a mente está tranquila, quando não mais está ativa, quando reconhece suas próprias trivialidades, por mais grandiosas que as tenha imaginado? Quando a mente, percebendo as suas trivialidades e tomando pleno conhecimento delas, se torna tranquila, só então se apresenta a possibilidade de se dissolverem as trivialidades. Mas, enquanto a pessoa está desejosa de saber com o que a mente deve ocupar-se, continuará ocupada com trivialidades, não importa o que faça — quer edifique uma igreja, quer vá ao templo rezar, quer peregrine a um santuário. A mente, em si é mesquinha, estreita, e só por dizerdes que ela é mesquinha não se dissolve a sua mesquinhez. Tendes de compreendê-la; a mente tem de reconhecer as suas próprias trivialidades; e, no ato desse reconhecimento, no percebimento das trivialidades que ela mesma criou, consciente ou inconscientemente, a mente se torna tranquila. Nessa quietude há um "estado criador", e este é o fator que efetua a transformação.

PERGUNTA: Reconheço que sou esnobe. Gosto da sensação, mas sinto que representa atitude errônea. Como posso ficar livre do meu esnobismo?

KRISHNAMURTI: Todos nós gostamos de ser superiores, ou de sentir-nos superiores, não é verdade? Queremos amigos que sejam pessoas proeminentes, figuras centrais, queremos conhecer "os grandes". Queremos estar identificados com os grandes, ou ser vistos com os grandes, ou ser nós mesmos "os grandes", seja por herança, seja por nosso

próprio esforço pessoal. Do simples escriturário às pessoas mais proeminentes de qualquer lugar, todos querem ser alguém; e assim nasce o esnobismo, o senso de importância. E, embora diga que acha agradável o sentimento de ser alguém, o interrogante deseja saber como ficar livre desse esnobismo. Ora, é muito simples ficar livre do esnobismo: basta ser ninguém. Não, meus senhores, não riam disso, sem lhe dardes mais atenção. É dificílimo ser ninguém; porque, nossa educação, nosso ambiente social, nossa instrução religiosa, tudo isso nos estimula a ser alguém. No íntimo, não desejais ser alguém? Não desejais ser um bom escritor, ou ser amigo de algum eminente literato, famoso e popular? Não desejais ser o melhor pintor, o maior músico, a mais bela das pessoas ou o mais virtuoso dos santos? Saber — adquirir — possuir — não é por isso que todos lutamos? Se formos leais para com nós mesmos, não podemos negá-lo. Toda a nossa luta, nosso incessante conflito, visa a este resultado: ser alguém. Isso nos dá um ímpeto extraordinário, uma grande energia, não é verdade? A ambição é um poderoso incentivo, e estamos inteiramente dominados por esse hábito do pensamento. Podeis renunciar facilmente a tudo isso e ser o mesmo que nada? E é necessário sermos o mesmo que nada — mas não pela disciplina, não pela compulsão. Somos iguais a nada quando sabemos o que é amar; mas como pode amar um homem que só se interessa por sua própria importância? É, pois, muito fácil dizer "preciso ser como o nada", mas o levá-lo a efeito requer extraordinária vitalidade e energia. Para se quebrarem hábitos, costumes, tradições, influências educacionais, o senso de competição — para se quebrar toda esta crosta requer-se muita atenção e vigilância, não só no nível superficial, senão também profundamente. Mas, o estar cônscio de ser nada significa ser alguma coisa. Ser nada é um estado que não pode ser provocado; esse estado só se conhece havendo

amor. Mas o amor não é uma coisa que possa ser procurada; ele vem quando há em nós uma revolução interior, quando o "eu" já não é importante, já não é o centro da nossa existência.

17 de agosto de 1952.

7ª PALESTRA

Afigurasse-me possível, quando falamos, projetar luz sobre nós mesmos e nossos secretos pensamentos, e se o pudermos fazer nesta tarde, creio que valeria bem a pena; porque, nesse caso, não estarei aqui simplesmente fazendo uma preleção, mas esclareceremos os problemas e as dificuldades inerentes à questão da transformação, dessa revolução interior que é tão essencial. Estamos assistindo à desintegração do mundo e estamos igualmente cônscios da extraordinária deterioração que se processa em nós mesmos, à medida que envelhecemos: nossa falta de energia, nossa estabilização nas rotinas do hábito, nossa busca de ilusões, etc. — constituindo tudo isso uma barreira à compreensão de nossa fundamental e radical transformação.

Ao examinar este problema da transformação, como o temos feito nestas três semanas, parece-me que a questão do incentivo é de grande importância. Para a maioria de nós, toda mudança implica incentivo. Necessito de um incentivo para transformar-me. Precisamos de um incentivo, um estimulo, um motivo, um objetivo, uma visão, ou de identificação com determinada crença, utopia ou ideologia, não é verdade? E pode o incentivo operar uma transformação fundamental? Não é o incentivo simples projeção de nossos próprios desejos, idealizados ou personalizados, ou postos no futuro, na esperança de que, perseguindo essa auto- projeção, possamos de alguma maneira realizar uma transformação? Não é muito profundo este problema da transformação? Pode ele ser resolvido pelos incentivos superficiais que as sociedades nos oferecem, que as

organizações religiosas nos exibem? Pode uma transformação fundamental ser produzida pelas ideologias revolucionárias que apresentam razões lógicas para a transformação e oferecem o incentivo de um mundo melhor, de um céu na terra, de uma sociedade sem distinções de classe? Nós nos identificamos com esses incentivos e damos as nossas vidas pelas coisas que prometem. E isso traz alguma mudança fundamental? Tal é o problema, não achais?

Não sei quanto tendes pensado a este respeito, ou quanto vos tendes aprofundado nesta questão da transformação individual; mas, enquanto não compreendermos de que ponto de vista, de que centro deve surgir a transformação, parece-me que as meras alterações superficiais, por mais vantajosas que sejam, social e economicamente, não resolverão os nossos extraordinariamente complexos problemas. Incentivos, crenças, promessas, utopias — tudo isso, para mim, são coisas muito superficiais. Só pode haver mudança radical no centro, na mais completa abnegação, no afastamento definitivo do "eu", do "ego". Enquanto isso não for feito, não vejo como possa se realizar uma transformação fundamental. E essa transformação fundamental, no centro, pode ser conseguida com um incentivo, de qualquer espécie que seja? Não pode, evidentemente. E, todavia, todo o nosso pensar está baseado no incentivo, não é exato? Estamos sempre lutando para ganhar uma recompensa, realizar boas obras, viver vida nobre, progredir, concretizar nossas aspirações. Não importa, pois, verificarmos o que é esse "eu", que quer se tornar maior, aperfeiçoar-se?

Que é o "eu"? Se vos fizessem esta pergunta, como responderíeis? Uns diriam, talvez, que ele é a expressão de Deus, a entidade superior encerrada na forma material, o imenso

manifestado no particular. Outros, provavelmente, sustentariam que não existe nenhuma entidade espiritual, que o homem não passa de uma série de reações a influências ambientes, o resultado de condições raciais, climáticas e sociais. O que quer que seja o "eu", não devemos estudá-lo, para compreendê-lo e descobrir como ele pode ser totalmente transformado?

Que é o "eu"? Não é desejo? Chamo-vos a atenção para estas coisas a fim de que as observeis, e não para as contraditardes ou aceitardes; porque tenho para mim que quanto mais uma pessoa for capaz de escutar, não tanto com a mente consciente, mas inconscientemente, sem esforço, tanto maior a possibilidade de nos entendermos e de penetrarmos mais e mais profundamente no problema. Quando a mente consciente se limita a examinar uma ideia, um ensinamento, um problema, ela não sai do seu próprio nível, que é muito superficial; mas, quando uma pessoa é capaz de escutar, por assim dizer, não com a mente consciente, mas com uma mente que observa, uma mente sem tensão nenhuma e capaz, por conseguinte, de perceber o que está além das palavras, dos símbolos, das imagens — há então a possibilidade, penso eu, de se intensificar a experiência direta e a compreensão, que não é um processo de análise consciente. Creio que isso é possível, nestas reuniões, desde que não permaneçamos no terreno das ideias. O que estou dizendo não é uma série de ideias para serem aprendidas, repetidas, lidas ou comunicadas a outros; mas, se pudermos encontrar-nos, não no nível consciente, racional — o que pode ficar para mais tarde — mas naquele nível em que a mente consciente nem resiste nem luta para compreender, creio que teremos então a possibilidade de encontrar algo que não é meramente verbal, meramente intelectual.

Que é, pois, o "eu", que está precisando de transformação fundamental? Ora, é aí que se faz necessária a transformação, e não no nível superficial; e para que se efetue uma transformação radical, não achais que precisamos averiguar o que é esse "eu"? E pode-se averiguar o que é o "eu"? Existe um "eu" permanente? Ou o que existe é um desejo permanente, de algo que a si mesmo se identifica como "eu"? Por favor, não tomeis notas, tende a bondade de escutar. Quando tomais notas, não estais escutando realmente; estais mais ocupado com registrar o que estais escutando, para o lerdes amanhã, ou transmiti-lo a vossos amigos, ou mandá-lo imprimir. O que estamos tentando aqui é algo muito diferente disso, não achais? Estamos procurando descobrir o que é essa coisa a que chamamos "eu", esse centro de onde parece emanar toda atividade; porque, se não houve transformação aí, a simples transformação realizada na periferia, no exterior, na superfície, tem muito pouca significação.

Quero, pois, averiguar o que é esse centro e ver se é realmente possível dissolvê-lo, transformá-lo, desarraigá-lo. Que é o "eu" na maioria de nós? É um centro de desejo, que se manifesta sob várias formas de continuidade, não é exato? É o desejo de ter mais, de perpetuar a experiência, de enriquecimento por meio de aquisições, lembranças, sensações, símbolos, nomes, palavras. Se observardes bem, vereis que não existe nenhum "eu" permanente, mas só memória — a memória do que eu fui, do que sou e do que deveria ser; vereis que ele é o desejo de "mais", o desejo de um saber maior, de uma experiência maior, desejo de uma identidade contínua, identidade com o corpo, com a casa, com o país, com ideias, com pessoas. Esse processo se desenvolve não só no nível consciente, mas também nas camadas mais profundas, nas

camadas inconscientes da mente, e, por conseguinte, esse centro, que é o "eu", é mantido e nutrido pelo tempo. Mas nada disso é permanente, num sentido de continuidade, salvo pela ação da memória. Esse estado, em si, não é permanente, mas nós tentamos fazê-lo permanente, apegando-nos a determinada experiência, determinada relação ou crença não conscientemente, talvez, mas inconscientemente somos impelidos a isso por vários desejos, impulsos, compulsões, experiências.

Tudo isso, pois, constitui o "eu", não é verdade? — o "eu", que está sempre a desejar "mais", sempre insatisfeito, sempre lutando por mais experiência, mais sensações, cultivando a virtude a fim de reforçar-se em seu centro; por essa razão, ele nunca é virtude, mas tão-somente expansão de si próprio, sob o disfarce da virtude. Aí tendes o que é o "eu"; ele é o nome, a forma, o sentimento que se oculta atrás do símbolo, atrás da palavra e que, na luta para adquirir, reter, expandir-se ou se diminuir, cria uma sociedade aquisitiva, cheia de conflito, competição, crueldade, guerra, etc.

A menos que ocorra uma transformação no centro, não uma substituição, mas uma total extirpação do "eu", nenhuma possibilidade existe de transformação fundamental. Compreendendo-se isso, como se pode operar uma mudança interior profunda? Para uma pessoa que sinta verdadeiro interesse, e não para os indivíduos superficiais que andam em busca de alguma ilusão confortante, em busca de gurus, mentores, e os demais contra-sensos, este é o problema, não concordais? Como pode esse centro se transformar a si mesmo? Senhores, os indivíduos que percebem a necessidade de transformação e não sabem como ela deverá se realizar, são

fáceis presas dos incentivos, não é verdade? Por isso, são desviados pelas utopias ideológicas, pelos instrutores, pela devoção, pelas igrejas, pelas organizações, pelos salvadores, etc., etc.; mas, se eu me desembaraço de todas as distrações — uma vez que elas não concorrem para transformar o centro — e me interesso unicamente pela transformação do centro; se percebo realmente a urgência, a necessidade de tal coisa, então todas estas reformas superficiais têm muito pouco valor.

Pois bem. Depois de abandonar todos os incentivos, todas as buscas, todos os desejos, torna-se uma pessoa capaz de transformar o centro? Vós e eu estamos considerando este problema como dois indivíduos; não estou me dirigindo a um grupo. Percebeis o problema, não é verdade? É bem óbvia a necessidade de uma mudança, não no nível superficial ou abstrato, mas justamente no centro; precisamos de um novo fluxo, um novo "estado de ser" não dependente do tempo ou da memória; precisamos de uma mudança que não seja resultado de nenhuma teoria ou crença, quer da esquerda, quer da direita, uma mudança que não represente o condicionamento de um crente ou de um descrente. Vejo este complexo problema; e como é possível efetuar uma mudança espontânea no centro, uma mudança que não seja resultado de compulsão, de disciplina, que são meras substituições? Não sei se já formulastes para vós mesmos a pergunta dessa maneira; se o fizestes, que vedes, como ides realizar aquela transformação? É a compreensão daquelas distrações, incentivos, lutas, buscas, desejos, meramente intelectual, superficial, ou é real no sentido de que os incentivos perderam todo o seu valor e, consequentemente, desapareceram? Ou, apesar de já conhecerdes os seus incitamentos primários, continuais a entreter-vos com eles?

Devo, pois, em primeiro lugar, verificar qual é o estado da minha mente, que está vendo o problema e diligenciando achar uma solução, não é verdade? Estou me expressando claramente? Temos esses problemas, que todos conhecemos e de que nos tornamos perfeitamente cônscios em diferentes momentos de nossa existência; há ocasiões em que percebemos o seu significado e profundidade. E, quando estamos conversando a seu respeito, qual é o estado da mente que observa? Não é importante sabê-lo? O estado da mente, quando se abeira do problema, é muito importante, porque esse estado da mente é que vai achar a solução. Assim, vejo primeiro o problema e, em seguida, preciso saber qual é o estado da minha mente, que está vendo o problema. Isso não significa, porém, dar primeiro um passo e depois outro passo; o problema é um processo integral, um processo total. É só para expressá-lo verbalmente que precisamos fracioná-lo dessa maneira. Se nos abeiramos do problema gradualmente — primeiro, vendo o problema, depois inquirindo qual é o estado da mente, etc. etc. — perder-nos-emos, distanciando-nos cada vez mais do âmago da questão. Vemos, pois, que é sobremodo importante estar perfeitamente cônscio do estado da minha mente, quando me ponho a examinar o problema.

Em primeiro lugar, não sei se quero uma transformação fundamental, se quero quebrar todas as tradições, valores, esperanças, crenças, que se formaram gradualmente. Em geral, não queremos isso. São pouquíssimos os que desejam entrar no problema profunda e basicamente. A maioria se satisfaz plenamente com substitutos, com uma troca de crença, com incentivos melhores. Mas, avançando além disso, qual é o estado da minha mente? É o estado da mente diferente do problema? O problema não é o estado de minha mente? O

problema não está separado da mente. É a mente que cria o problema, sendo ela um resultado do tempo, da memória, o cerne do "eu", que anseia incessantemente pelo "mais", pela imortalidade, pela continuidade, pela permanência, neste mundo e no outro. Pode, pois, a mente destacar-se do problema e examinar o problema? Pode fazê-lo, abstratamente, logicamente, com a razão; mas pode ela, realmente, separar-se da coisa que criou e de que ela própria faz parte? Isto não é uma charada, nem um truque. É um fato, não é verdade? Minha mente, percebendo a sua própria insuficiência, sua pobreza, põe-se a adquirir posses, diplomas, títulos, Deus; e desse modo se fortalece no "eu". Sendo o centro do "eu", a mente diz: "Preciso transformar-me" — e põe-se a criar incentivos para si, buscando o bom e rejeitando o mau.

Ora, essa mente pode perceber o problema e atuar sobre o problema? E quando atua, não está ainda na esfera dos incentivos, dos desejos, do tempo, da memória? Não importa, por conseguinte, que eu verifique como a minha mente observa o problema? Está a mente separada do problema, como um observador separado da coisa observada, ou é a mente, ela própria, a totalidade do problema? Com relação à maioria de nós, é este o ponto que cumpre considerar, não achais? Estou observando o problema de como dissolver, radical e fundamentalmente, o centro constituído pelo "eu"; por conseguinte, a minha mente diz: "vou dissolvê-lo". Isto é, a mente, o "eu" se divide em observador e coisa observada, para depois atuar sobre a coisa observada, o problema. Mas o observador é o criador do problema, o observador não está separado do problema. Ele próprio é o problema. Que deve então fazer? Se formos realmente capazes de sentir isso plenamente, de permanecer com o problema, sem procurarmos

uma resposta, uma pronta solução, sem buscar uma citação de um mestre ou livro, sem confiarmos em nossa experiência anterior; se pudermos simplesmente ficar cônscios deste problema, na sua totalidade, sem julgamento, creio que encontraremos a solução — não uma solução no nível verbal, mas uma solução não inventada pela mente.

O problema que se me apresenta — e espero que também a vós — consiste, portanto, no seguinte: há necessidade de uma revolução de base, a qual deve operar-se no centro e não à superfície. Toda modificação superficial é sem significado. Tornar-se melhor, mais nobre, mais virtuoso, ter muitos ou poucos haveres — tudo isso são atividades superficiais de uma mente superficial. Não estou falando dessas modificações; só me interessa a modificação no centro. Vejo que o "eu" precisa ser dissolvido completamente. Investigo, pois, o que é o "eu", tomo conhecimento do "eu", não como abstração filosófica, mas no seu existir dia por dia. Vejo, momento por momento, o que é o "eu" — o "eu" que está sempre vigilante, sempre observando, acumulando, adquirindo, rejeitando, julgando, odiando, partindo-se ou se juntando, para ficar mais seguro. A transformação tem de se operar aí; esse centro tem de ser extirpado completamente. E como deve acontecer isso? Pode a mente, que é a criadora do problema, abstrair-se do problema, e depois atuar sobre ele, em nome de Deus, em nome do "eu" superior", em favor de uma utopia ou por outra razão qualquer? E quando ela assim procede, está dissolvido o centro? Não está, evidentemente. Meu problema, por conseguinte, é este: Pode a mente operar uma revolução fundamental, com o emprego da dialética, ou pelo conhecimento dos fenômenos históricos? Esta questão é importante, não achais? Porque, se se puder realizar uma transformação radical no centro, minha vida terá um

significado totalmente diferente; haverá então beleza, felicidade, criação, haverá um "estado de ser" inteiramente diferente; haverá o amor, que é a indulgência infinita. Pode esse estado ser produzido pela mente? Se dizeis "Não", não estais cônscio do problema. É uma resposta precipitada e muito superficial. E se dizeis "tenho de recorrer a Deus, ou aspirar a algum estado espiritual superior, que possa transformar tudo isso" — também, nesse caso, estais fundando as vossas esperanças em palavras, símbolos, numa projeção da mente. Que se pode então fazer? Isto não é um problema para vós? Ao observar este complexo problema do "eu", com todas as suas obscuridades, suas sombras e luzes, suas tensões e suas pelejas, posso eu, como observador, influir nesta coisa que está sendo observada? Prestai atenção ao problema, sem procurar uma resposta, sem tentar resolvê-lo; prestai-lhe, apenas, atenção, deixai-o penetrar em vós, como a chuva suave que fertiliza a terra. Se realmente não perdeis de vista o problema, se é vosso empenho de todos os dias e de todos os momentos descobrir como se pode efetuar uma transformação, e se, negativamente, estais pondo de parte todas as coisas que tínheis por positivas — nesse caso, penso eu, haveis de achar aquele elemento que surge imperceptivelmente, sem o esperarmos. Isto não é uma promessa. Não sorriais, como se houvésseis compreendido.

O que nos cabe fazer, por certo, é tomar conhecimento deste problema, na sua inteireza, tanto no nível consciente como nos níveis inconscientes; precisamos ter íntimo e profundo conhecimento dele. A mente superficial pode aduzir razões, explicações, pode resolver logicamente certos problemas; mas, quando temos de atender a um problema profundo, esse procedimento superficial é de pouca valia. E nós estamos

empenhados em resolver um problema muito profundo, ou seja o de como efetuar uma mudança, uma revolução no centro.

Sem esta transformação fundamental, as meras alterações de superfície não tem nenhum significado, e todas as reformas exigirão constantes reformas. Se pudermos dar atenção a este problema como um todo, olhá-lo, prová-lo, cheirá-lo, absorvê-lo inconscientemente, haveremos então de familiarizar-nos com todas as atividades e artifícios do "eu"; veremos como o observador se separa da coisa observada, rejeitando isto e aceitando aquilo. Quanto melhor conhecermos esse processo total, tanto menos agirá a mente superficial. O pensamento não é o dissolvente do problema. Pelo contrário, é necessário que o pensamento deixe de existir. É ele o observador, que julga, que justifica, que aceita, que rejeita — pois tudo isso constitui o processo do pensar. O pensamento criou o nosso problema — o pensamento, que anda sempre em busca do "mais", nas posses, nas coisas, nas relações, nas ideias, no saber; e com esse pensamento queremos resolver o problema. O pensamento é memória, e aquietar a memória, é aquietar a mente. E quanto mais quieta a mente está, tanto mais profundamente é ela capaz de compreender este problema e de dissolver o centro.

PERGUNTA: Este constante processo de autovigilância não leva ao egocentrismo?

KRISHNAMURTI: Leva, naturalmente. Quanto mais uma pessoa se ocupa de si mesma, observando, melhorando, pensando em si mesma, tanto mais egocêntrica ela se torna, não é verdade? Isto é um fato bem evidente. Se eu estou interessado em modificar-me, preciso observar aquele centro, criar uma técnica que me ajude a dissolvê-lo. Há egocentrismo enquanto,

consciente ou inconscientemente, estou interessado em conseguir um resultado, em lograr bom êxito, enquanto estou adquirindo e rejeitando, como procede a maioria de nós. O incentivo é o alvo que estou procurando atingir; como quero alcançá-lo, preciso observar-me. Sinto-me infeliz, desolado, frustrado; acho que há um estado no qual poderei ser feliz, íntegro, completo. Torno-me, pois, vigilante, com o fim de alcançar esse estado. Sirvo-me da vigilância como meio de alcançar o que desejo; por essa razão, sou egocêntrico. Pela vigilância, pela autoanálise, pela leitura, pelo estudo, espero dissolver o "eu", para me tornar uma pessoa feliz, esclarecida, liberta, para figurar entre "os poucos". É isso que eu quero. Assim, quanto mais empenhado estou em alcançar um fim, tanto maior o egocentrismo do meu pensamento. Mas o pensamento é sempre egocêntrico, em qualquer circunstância, não é verdade?

E então? Para quebrar o egocentrismo tenho de compreender porque é que a mente busca um fim, um alvo, determinado resultado. Porque é que minha mente visa uma recompensa? Por quê? Pode ela funcionar de outra maneira? O movimento da mente não é sempre de uma lembrança para outra lembrança, de um resultado para outro resultado? Adquiri isto, não me agrada, e vou adquirir outra coisa. Não gosto deste pensamento, mas aquele outro pensamento será melhor, mais nobre, mais confortante, mais satisfatório. Enquanto estou pensando, não posso pensar noutras condições; porque a mente só se move de um conhecido para outro, de uma memória para outra. Não é o pensar, por sua própria natureza, egocêntrico? Sei que há exceções, mas não estamos tratando das exceções. Em nossa vida cotidiana não estamos sempre, consciente ou inconscientemente, exigindo algum alvo, sempre adquirindo e evitando, buscando a continuidade, rejeitando tudo quanto é

perturbador, inseguro, incerto? Na busca de certeza para si, cria a mente o egocentrismo; e este egocentrismo não é o "eu", que observa e analisa a si mesmo? Assim, enquanto há busca de resultado, haverá egocentrismo, seja num indivíduo, seja num grupo, seja numa nação ou raça. Mas, se pudermos compreender porque a mente busca um resultado, um fim satisfatório, porque deseja estar certa — se compreendermos isso, teremos então uma possibilidade de arrasar as muralhas que encerram o pensamento, na qualidade de "eu". Mas isso requer um extraordinário percebimento do processo total, não só dos níveis conscientes, mas também dos níveis inconscientes, um conhecimento de minuto em minuto, em que não há aquisição, nem acumulação, em que não dizemos "sim, compreendo isso e vou utilizá-lo amanhã," — em que há uma espontaneidade não derivada da mente. Só então existe a possibilidade de ultrapassarmos as atividades egocêntricas do pensamento.

23 de agosto de 1952.

8ª PALESTRA

Desejo continuar falando, esta manhã, sobre o que estivemos tratando ontem de tarde, ou seja a necessidade de transformação e o problema disso decorrente. Penso que nós percebemos, ao menos superficialmente, e por vezes profundamente, a importância da transformação do mundo exterior, onde há tanto sofrimento: guerra, fome, distinções de classe, esnobismo, uma tremenda diferença entre ricos e pobres — uns oitenta ou noventa por cento da população asiática vão deitar-se todas as noites sem terem se alimentado convenientemente, enquanto aqui estais bem nutridos. É bem óbvia a necessidade de uma transformação completa, uma mudança vital, e muitos já tem tentado efetuá-la por diferentes maneiras: pela revolução sangrenta, pelos ajustamentos econômicos, por meio de várias reformas superficiais, etc. A mim me parece, porém, que só poderá se realizar a revolução fundamental quando houver a mais completa abnegação, depois da total dissolução do "eu". Examinei ontem, mais ou menos amplamente, o problema e os processos relativos à dissolução desse "eu", que luta sem descanso para impor-se, positiva ou negativamente.

Nesta manhã, desejo discorrer sobre o desejo, sobre se o desejo pode ser modificado; porquanto penso que o desejo é um dos principais problemas que defronta cada um de nós, quando estamos considerando a questão da transformação fundamental. Não há dúvida de que, enquanto não compreendermos todo o "processo" do desejo, do ansiar, do lutar, do buscar, consciente ou inconscientemente, um determinado objetivo, por mais nobre

que ele seja — enquanto não penetrarmos e compreendermos esse processo, terá muito pouca significação a mera reforma superficial ou a revolução cruenta. Como ontem disse, peço-vos não considerardes estas minhas palestras como uma preleção, a que estais ouvindo; não discutais mentalmente comigo, opondo a uma ideia outra ideia. O que estamos tentando é compreender o complexo problema relativo ao processo do desejo. Estou-vos falando como a um só indivíduo, e não a um grupo numeroso e heterogêneo de pessoas não muito especialmente interessadas nestas coisas. Estamos, a bem-dizer, conversando a dois, sobre o problema, sem resistência de parte a parte, com o fim de penetrarmos o mais possível e vermos se se pode efetuar uma radical transformação de nós mesmos. Estou-vos apenas expondo o problema e a maneira como acredito que ele pode ser solucionado, E penso que é muito mais importante escutar, por assim dizer, inconscientemente, do que com um esforço consciente para compreender.

Para a maioria de nós, o desejo representa um problema real: o desejo de posses, de posição, poder, conforto, imortalidade, continuidade, o desejo de ser amado, de ter algo permanente, satisfatório, duradouro, algo fora da esfera do tempo. Ora, que é desejo? Que coisa é essa que nos estimula e impele? — o que não significa que devemos estar satisfeitos com o que temos ou com o que somos, que é simplesmente o oposto do que desejamos. Estamos procurando verificar o que é desejo e, se fizermos essa verificação com todo o cuidado, julgo que poderemos realizar uma transformação que não será mera substituição de um objeto desejado por outro objeto desejado. Mas é isso o que, em geral, entendemos por desejo, não é verdade? Quando não estamos mais satisfeitos com determinado objeto de nosso desejo, procuramos-lhe um substituto. Estamos

incessantemente a andar de um objeto de desejo para outro, que consideramos superior, mais nobre, mais requintado; contudo, o desejo, por mais requintado, é sempre desejo, e neste movimento do desejo há uma luta interminável, o conflito dos opostos.

Não é, pois, importante averiguar o que é o desejo e se ele pode ser transformado? Que é o desejo? Não é o símbolo e a sensação respectiva? Desejo é sensação em relação com o seu objeto. Existe desejo sem símbolo e a correspondente sensação? Não existe, evidentemente. O símbolo pode ser um retrato, uma pessoa, uma palavra, um nome, uma imagem, uma ideia, que me proporciona sensação, a qual me faz sentir que gosto ou não gosto do objeto. Se a sensação é agradável, procuro alcançar, possuir o objeto, apegar-me ao símbolo respectivo e continuar fruindo esse prazer. De vez em quando, conforme as minhas inclinações e "intensidades", troco o quadro, a imagem, o objeto. Ao sentir-me enfastiado de certa forma de prazer, procuro nova sensação, uma nova ideia, um novo símbolo. Rejeito a sensação velha e adoto uma nova, com palavras novas, novos significados, novas experiências. Resisto ao antigo e cedo ao novo, que considero superior, mais nobre, mais satisfatório. Há, pois, no desejo, resistência e capitulação, o que envolve tentação; e, naturalmente, quando cedemos a determinado símbolo de desejo, existe sempre o medo da frustração.

Se observo, em mim mesmo, todo o processo do desejo, vejo que há sempre um objeto para o qual a minha mente é dirigida, em busca de mais sensação; e que esse processo implica resistência, tentação e disciplina. Há percepção, sensação, contato e desejo, e a mente se torna o instrumento mecânico desse processo, em que símbolos, palavras, objetos,

constituem o centro em torno do qual se formam todos os desejos, aspirações, ambições; e este centro é o "eu". Posso dissolver este centro do desejo — não um determinado desejo, determinado apetite ou ânsia, mas toda a estrutura do desejo, do ansiar, do esperar, em que há sempre o medo da frustração? Quanto mais frustrado me vejo, tanto mais força dou ao "eu". Enquanto houver esse esperar, esse ansiar, haverá aquele fundo de temor, que, por sua vez, fortifica o centro. E a revolução só é possível no centro, e não à superfície, porque, aí, ela é mero processo de destruição, uma alteração superficial que conduz à ação nociva.

Assim, quando estou bem cônscio de toda essa estrutura do desejo, percebo que a minha mente se tornou um centro morto, um processo mecânico de memória. Quando me enfado com um desejo, automaticamente procuro preencher-me noutro desejo. Minha mente só experimenta em termos de sensação, é o instrumento da sensação. Quando me canso de determinada sensação, procuro nova sensação, a qual pode ser também aquilo que chamo a realização de Deus, que entretanto é ainda sensação. Já me cansei deste mundo e das suas agonias e desejo agora paz, paz eterna; por conseguinte, ponho-me a meditar, a controlar e a moldar a minha mente, para fazê-la experimentar essa paz. O experimentar dessa paz continua a ser sensação. A minha mente, pois, é o instrumento mecânico da sensação, da memória, é um centro morto, a fonte do meu agir e do meu pensar. Os objetivos que persigo são "projeções" da minha mente, das quais ela deriva sensações. A palavra "deus", a palavra "amor", a palavra "comunismo", a palavra "democracia", a palavra "nacionalismo" — todas elas são símbolos que dão sensações a mente e, por isso, a mente a elas se apega. Sabeis tão bem quanto eu que toda sensação tem fim, e

por isso andamos sempre de uma sensação para outra; e toda sensação fortalece o hábito de buscar novas sensações. A mente, pois, transforma-se em simples instrumento de sensação e memória, e nesse processo ficamos presos. Enquanto a mente está em busca de novas experiências, só é capaz de pensar dentro dos limites da sensação; e se acaso surge alguma experiência espontânea, criadora, vital, admiravelmente nova, ela a reduz imediatamente a sensação, a qual se torna, então, memória. A experiência, por conseguinte, está morta, e a mente se transforma em mero depósito, sem vida, do passado.

Por pouco que o tenhamos observado, esse processo nos é bem familiar; e parece que somos incapazes de ultrapassá-lo. Mas nós queremos ultrapassá-lo, porque estamos cansados desta rotina interminável, desta busca mecânica de sensações; e, assim, a mente projeta a ideia da verdade, a ideia de Deus; sonha com uma transformação fundamental e vê-se, a si mesma, como a protagonista dessa transformação, etc. etc. Por essa razão, nunca há um estado criador. Observo esse processo do desejo, a funcionar em mim mesmo, esse processo mecânico, uniforme, que mantém a mente numa rotina, tornando-a um centro morto do passado, um centro em que não há espontaneidade criadora. E há, também, momentos repentinos de criação, de contato com aquilo que não procede da mente, da memória, da sensação, do desejo. Que devo, pois, fazer?

Como disse ontem, julgo importante que, quando me ouvis, estejais cônscios, simplesmente, do que estou tentando sugerir. Não estou procurando convencer-vos ou inculcar-vos um determinado padrão de pensamento, que só pode conduzir a um pensar superficial e, portanto, à ação nociva. Para verdes até que ponto é verdadeiro o que estou dizendo, estai cônscios,

enquanto ouvis, do processo do vosso próprio pensar, sem julgamento; e, no mesmo instante em que notardes algo que é verdadeiro, esse algo atuará, se lhe derdes o ensejo. Mas, se ouvis algo que é verdadeiro e o não deixais atuar sobre vós, essa coisa se torna venenosa, produzindo um estado de deterioração. Consciente ou inconscientemente, nós temos aversão a descobrir o que é verdadeiro; não gostamos de dar atenção a algo que não seja habitual, que seja estranho às tradicionais tendências do pensamento. Assim, peço licença para sugerir que escuteis, não com o fim de vos convencerdes, mas, sim, verificando como a vossa mente está operando. No momento em que percebo como estou pensando, como estou agindo, não necessito que outro me convença a respeito do que sou. O autoconhecimento traz sabedoria; e a sabedoria não é convicção, opinião, informação, saber, algo que não é mensurável pela mente. Eu só estou tentando chamar-vos a atenção para o processo do nosso pensar e como podemos ficar cônscios dele; e, no processo de estar cônscia de si mesma, a mente apreende a significação que se encontra para além das palavras, para além dos símbolos e das suas sensações.

Nosso problema, pois, consiste em compreender o desejo — não até que ponto devemos lhe dar rédeas, nem em que ponto devemos refreá-lo, — mas, sim, devemos compreender o processo integral do desejo, nossas ânsias, nossos anelos, nossos apetites ardentes. Pensamos, em geral, que possuir muito pouca coisa indica a libertação do desejo; e como veneramos os que só possuem umas poucas coisas! Uma tanga, uma só peça de roupa, simbolizam o nosso desejo de nos libertarmos do desejo: mas esta é também uma reação muito superficial. Porque começar no nível superficial de renunciar às posses exteriores, quando a nossa mente se acha tolhida por inumeráveis necessidades,

inumeráveis desejos, crenças, lutas? Sem duvida, é aí que a revolução deve realizar-se e não no quanto possuímos, ou nas roupas que usamos, ou quantas refeições tomamos por dia. Mas essas coisas nos impressionam, porque as nossas mentes são muito superficiais.

Nessas condições, o vosso problema e o meu problema consiste em ver se a mente pode, afinal, ficar livre do desejo, da sensação. Ora, a criação, certamente, nada tem que ver com a sensação; a realidade, Deus, ou como o chameis, não é um estado susceptível de experimentar-se como sensação. Quando tendes uma experiência, que acontece? Ela vos deu uma certa sensação, um sentimento de exaltação ou de depressão. Naturalmente procurais evitar o estado de depressão; mas, se o sentimento é de alegria, de exaltação, procurais conservá-lo. Vossa experiência produziu uma sensação agradável, e quereis "mais"; o "mais" reforça o centro morto da mente, que está sempre a ansiar por "mais" experiência. Por essa razão, a mente não é capaz de experimentar nada que seja novo, porque o seu único meio de acesso é a memória, o reconhecimento; e aquilo que é reconhecido através da memória não é a verdade, não é criação, não é a realidade, Essa mente não pode experimentar a realidade; só é capaz de experimentar sensações; e a criação não é sensação, e, sim, algo sempre novo, de momento a momento.

Percebo agora o estado real da minha mente; percebo que ela é o instrumento da sensação e do desejo, ou, antes, que ela é sensação e desejo, e funciona, mecanicamente, dentro de uma rotina. Nessas condições, a mente é incapaz de receber ou de perceber o que é novo; porque o novo, evidentemente, deve ser algo que transcende a sensação, que é sempre "o velho". É necessário, pois, que desapareça esse processo mecânico, com

suas sensações, — não achais? O desejar "mais", o cultivo de símbolos, palavras, imagens, com as suas respectivas sensações, tudo isso precisa acabar. Só então será possível a mente ficar naquele estado de criação em que o novo possa realizar-se constantemente. Se souberdes escutar sem vos deixar hipnotizar por palavras, hábitos, ideias, e se puderdes ver quanto é importante termos em nossa mente o constante lampejar do novo, então, talvez, compreendereis o processo do desejo, a rotina, o enfado, o constante ansiar por alguma experiência. Penso que, então, começareis a perceber que o desejo tem muito pouca significação na vida de um homem que está realmente buscando alguma coisa. Há naturalmente necessidades físicas: comida, roupa, morada, etc. Mas, para esse homem, estas necessidades nunca se tornam apetites psicológicos, coisas sobre as quais a mente se constitui como um centro de desejo. Além das necessidades físicas, toda forma de desejo, desejo de grandeza, desejo da verdade, desejo de virtude — se torna um processo psicológico pelo qual a mente constrói a ideia do "eu" e se fortalece nesse centro.

Assim, ao perceberdes esse processo, ao estardes cônscios dele, sem lhe fazerdes oposição, sem nenhum sentimento de tentação, sem resistência, sem justificação ou julgamento, haveis então de descobrir que a mente é capaz de receber o novo e que o novo nunca é sensação; por este motivo ele nunca pode ser reconhecido, reexperimentado. Ele é "um estado de existência" em que a criação se manifesta, sem convite, sem interferência da memória. E isso é a realidade.

PERGUNTA: Sou um homem de negócios muito bem-sucedido e de consideráveis recursos. Passei por aqui casualmente no último domingo e vim ouvir a vossa fala; e

reconheci logo que o que dizeis é perfeitamente verdadeiro. Isso criou em mim sério conflito, porquanto a minha formação e ocupação são diametralmente opostas à espécie de vida, que reconheço, agora, como essencial. Não sei agora como voltar aos meus negócios. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Não sei porque vos ristes, alguns dentre vós. Terá sido simples reação nervosa, visando a encobrir o vosso próprio conflito de idêntica natureza? Este homem fez uma pergunta muito séria, e vós a varreis com uma risada. Ele está apreensivo; deseja saber o que deve fazer. Que deve ele fazer? Se sente um sério interesse e não está apenas sob a influência de palavras ou das sensações de uma aprazível manhã como esta, então, é óbvio, ele precisa agir drasticamente, não é verdade? Talvez tenha de abandonar os seus negócios, porque a realidade que vislumbrou é muito mais importante do que os negócios, do que o ganhar dinheiro, ter posição, prestígio, família, posses. Pode ele voltar a uma ocupação que não é aquilo de que ele necessita, que ele reconhece não ser a sua vida? Mas nós, em geral, encobrimos esta luta, este descontentamento, com palavras, com explicações, justificações, e voltamos ao mesmo estado de antes. Certificamo-nos de que a vida que temos levado como homens de negócios, ou qualquer outra coisa, é indigna, degradante, destrutiva; compenetramo-nos disso, sentimo-lo no sangue e nos ossos. Entretanto, em vez de agir, em vez de pensar a coisa cabalmente e de praticar o que pensamos, ficamos com medo das consequências; e há por isso um conflito interminável entre aquilo de que nos certificamos e aquilo que devemos fazer em obediência aos ditames da sociedade. É assim que provocamos as doenças psicossomáticas, a deterioração da mente, o conflito subterrâneo. Sentistes agitar-se em vós algo que é real, algo que reconheceis como

verdadeiro, mas estais entre as rodagens de máquina de fazer dinheiro, ou de observância de ritos, etc. Se reconheceis plenamente a realidade, em vez de simplesmente a aceitardes de maneira verbal, haverá então uma ação drástica, um rompimento de todos os velhos hábitos. Mas, são muito poucos os que chegam a tanto. Estamos ficando velhos, nossos hábitos estão estabilizados, queremos ser apreciados por outras pessoas, ser amados, ser benevolentes, dentro do padrão de ação a que estamos habituados. Assim, em vez da ação drástica, preferimos encobrir o conflito e perder o caminho, embrenhando-nos em palavras e explicações. Quanto mais uma pessoa está apegada a suas posses, a suas responsabilidades, tanto maiores as consequências que terá de arrostar e tanto mais difícil é agir. Mas, se reconheceis que isso tem de ser feito, então o assunto está encerrado: vós o fazeis. Quando percebemos o que é verdadeiro, esse percebimento é ação.

PERGUNTA: Depois de pormos de parte todos os estímulos, sensações, esperanças e crenças, fica-nos um sentimento de completo embotamento. Como dizeis que o "pensador" nada pode fazer para modificar esse embotamento, vemo-nos frustrados. Como transcender o nosso embotamento, sem atuarmos sobre ele?

KRISHNAMURTI: Creio que este é o modo de sentir da maioria de nós, não é verdade? Desfazemo-nos conscientemente de nossas crenças, esperanças e sensações, porque desejamos esperanças mais elevadas, sensações mais estimulantes, crenças mais satisfatórias. Não percebemos a significação da esperança, da crença, da sensação, como um processo total; vemos, apenas, que certas crenças, sensações e esperanças são fúteis, vazias, sem significação, e por isso as

pomos de parte, as abandonamos, ou nos desligamos de certas sociedades. Quando a mente se despoja das coisas que tem, com o fim de ganhar "mais", ela se torna naturalmente embotada. Uma vez que continua a operar dentro do mesmo padrão de esperança, crença e sensação, há de sentir-se frustrada. E surge então o problema: "Como me livrar da frustração?". Se não compreendemos o processo total da crença, que é o nosso desejo de segurança, de certeza, de nos abrigarmos numa ideia, numa sensação — se não compreendemos bem isso, se o não examinamos com atenção, inteirando-nos de todas as suas inferências e suas nuanças, sempre que nos desfazemos de uma crença, tratamos de adotar outra. Se, entretanto, uma pessoa se torna cônscia de como a mente cria uma crença e a ela se apega, de como vive numa perene busca de sensação, através da experiência, se compreende a total significação dessa atividade, deixa de existir o problema da frustração. A mente não está então embotada; pelo contrário, está vigilante, está sempre atenta, para descobrir todos os esconderijos onde busca a sua segurança. Está ela então plenamente cônscia de si mesma, observando sem cessar os seus próprios processos. Como pode, então, estar embotada? Como pode se sentir frustrada? Vós vos sentis frustrados porque desejais preencher-vos em certas sensações, crenças, certas esperanças. Onde há o desejo de preenchimento, há temor, que é frustração.

Em seu desejo de sensação, de felicidade, de segurança, de certeza, a mente está ao mesmo tempo criando o temor de que essas coisas não se realizem. Ao perseguir as suas próprias projeções, torna-se a mente presa do medo de que não as possa realizar e conquistar a segurança. É esse processo que devemos compreender por inteiro; e essa compreensão vem quando tomamos conhecimento do processo, quando o observamos sem

julgamento. Então, a mente observa a si mesma em ação; não há uma entidade separada — vós — observando a mente. Então, a mente nunca pode se tornar embotada, porque nunca há um momento de culminação, de sucesso, ajustamento. Só quando a mente, no seu desejo de sucesso, procura conformar-se, ajustar-se é que se torna embotada, cansada. A mente que não está procurando se expandir através da sensação, através da experiência e de "mais" experiência, não tem à sua frente nenhuma barreira, nenhum obstáculo que a faça se sentir frustrada. Se vós e eu pudermos compreender esse processo, se a nossa mente puder ver a si mesma em operação, momento por momento, em nossa vida diária, creio que então o problema do embotamento, da frustração, desaparecerá completamente.

PERGUNTA: Já tive uma experiência direta de Deus, e sei por mim mesmo que Deus existe. Embora seja uma crença, não representa isso mera fuga, porque baseado numa experiência real. Ouvi-vos pela primeira vez na semana passada, e parece-me que não tendes razão ao afirmar que toda crença é obstáculo. A crença baseada na experiência direta não é uma ajuda para a intuição da realidade ou Deus?

KRISHNAMURTI: Que se entende por crença? Uma convicção? Não pretendo definir o termo de acordo com o dicionário. Vós tendes crenças. Em que se baseiam elas? Na experiência, pois não? E vossa experiência é resultado de vossa tradição, de vosso fundo, de vossa educação e da influência de vossa sociedade. A influência do vosso ambiente condiciona a vossa crença. Fostes criado como cristão e credes de acordo com essa tradição, de acordo com esse fundo. Outra pessoa é criada numa sociedade em que Deus é tabu, considerado como coisa absurda, ilógica, irreal; também ele crê de acordo com o seu

fundo. Nessas condições, vós experimentais segundo o vosso fundo, e ele experimentará conforme o seu fundo. Vós experimentais aquilo que tendes cultivado, inconsciente e profundamente. Fostes educado em conformidade com certo padrão de pensamento, o qual foi inculcado, plasmado, desde a infância, em vós, e naturalmente experimentais Deus em conformidade com esse padrão; e essa experiência se torna então para vós uma realidade e dizeis que ela já não é uma questão de crença, mas que está baseada num conhecimento, numa convicção, na verdade. Essa crença vos ajudará a continuar experimentando isso a que chamais Deus? Ajudará? Naturalmente. Mas aquilo que experimentais em conformidade com o vosso condicionamento, será Deus, será a verdade? E essa experiência não fortalecerá a vossa crença, que é vosso condicionamento? Podeis dizer que ela não é uma fuga; mas não estareis reagindo de acordo com o vosso condicionamento, do mesmo modo que outra pessoa reagirá de acordo com o seu condicionamento?

O importante, pois, não é a pessoa crer ou não crer em Deus, mas, sim, libertar a sua mente do condicionamento, para então descobrir. Se, sem se ter libertado do seu condicionamento, a mente assevera que existe ou que não existe Deus, que valor tem isso? A mente, por conseguinte, tem de se libertar do condicionamento, isto é, de suas projeções, seus desejos, sua ânsia de certeza, de segurança, de continuidade, quer no Estado, quer em Deus. Só então é possível dizer se existe uma realidade absoluta, ou se só há uma série de experiências cada vez mais dilatadas e significativas. Sem dúvida, este é o ponto importante, e não se a vossa crença fortalece o vosso condicionamento, ou se a vossa experiência é de Deus. No momento em que a mente reconhece a Deus, isso

não é Deus; a palavra não é a coisa. A memória não é a realidade. Não se pode reconhecer aquilo a que se não pode dar nome, aquilo que não é uma sensação; é algo completamente diferente, que se manifesta de momento a momento e que, por conseguinte, não tem continuidade. Enquanto a minha mente busca a continuidade, ela está condicionada pelos seus próprios desejos; logo, experimenta aquilo que lhe dá continuidade, a que ela pode chamar Deus, mas que não é Deus. Nessas condições, o que é de vital importância, nesta questão, é descobrir como a mente pode libertar-se do seu fundo, do seu condicionamento. É possível sermos livres? Este é que é o problema, e não a crença ou a descrença contínuas, ou se a crença pode ajudar-nos. Desejamos que Deus venha nos ajudar, em nossa insignificância, em nossas ambições, em nossas lutas. Um Deus dessa natureza não é ajuda, mas um estorvo.

O problema, portanto, é este: pode a mente libertar-se do seu condicionamento, do fundo em que foi criada, educada, controlada, modelada? Para sermos livres, precisamos primeiro saber que estamos cativos. A mente tem de estar cônscia do seu próprio condicionamento, tanto do consciente como do oculto, profundo — o que não implica nenhum processo de análise. Isto é, se uma parte da mente se analisa, penetra a fundo no problema por meio da análise, não é possível libertar a mente de seu condicionamento. A mente só pode se libertar quando cônscia do processo total do seu condicionamento, e do porque ela aceita esse condicionamento. E vós podeis estar cônscios disso, pois não é muito difícil. Se a mente está constantemente cônscia do seu condicionamento, nas suas relações com a natureza, com pessoas, com ideias, com coisas, então toda a existência é um espelho, no qual se pode descobrir, sem análise. A análise pode, temporariamente, lançar luz sobre umas poucas

dificuldades; mas libertar a mente do seu fundo de condicionamento, da tradição, de modo que ela se torne nova — isso só é possível quando estamos cônscios, momento por momento, quando percebemos sem esforço o que se passa nos subterrâneos, nos recessos da mente. Só quando a mente é nova, livre, é capaz de receber o inefável, o atemporal.

24 de agosto de 1952.

9ª PALESTRA

Aqueles que tem ouvido estas palestras com certa regularidade, saberão que temos considerado o complexo problema da transformação. Nesta tarde desejo discorrer, se possível, sobre a força que produz a transformação, e o que é essa força; e, também, se é possível um experimentar direto dessa força, dessa energia, ou como quiserdes chamá-la. Creio que a maioria de nós percebe claramente ser necessária uma certa espécie de energia, força ou poder, para se efetuar a transformação. Politicamente o percebemos muito claramente. Há as formas extremas de tirania e também os métodos mais persuasivos de se efetuar uma reforma pelo poder da organização. Nós cremos na eficácia da compulsão, sob alguma forma, da coerção política, religiosa ou social, porque nos habituamos à inércia, somos preguiçosos, indolentes. Para a maioria de nós, toda mudança implica perigo, e por isso não temos vontade de passar por essa revolução psicológica, que é tão essencial, se desejamos realmente criar um mundo em que os entes humanos procedam com limpeza e decência.

Temos considerado as várias maneiras de atender a esse problema; e inevitavelmente — assim me parece — temos de chegar à questão central de saber o que é que produz aquela transformação. Que é esse poder, essa força, essa energia? A compulsão, a autodisciplina, qualquer espécie de coerção gera resistência; e a resistência produz energia, força, a qual provoca uma certa forma de alteração. Já deveis ter notado, em vossa

vida, que quanto mais resistis a alguma coisa, tanto mais energia tendes; quanto mais vos disciplinais, quanto mais vos concentrais, tanto maior se torna a força. Mas essa força pode produzir uma transformação fundamental? É esta a força que é necessária para a revolução interior, a revolução psicológica? O cultivo do oposto pode levar a efeito essa essencial transformação? Se odeio, pode o cultivo do amor produzir uma transformação radical? O oposto do ódio não está ainda na mesma esfera do ódio? A bondade é o oposto da maldade? Preciso passar pela maldade para poder achar a bondade? Pode a bondade ser produto de qualquer espécie de compulsão, qualquer espécie de disciplina, coerção, repressão? O cultivo da bondade, da compaixão, da benevolência, não serve apenas para dar mais relevo ao "mim", ao "eu"? Isto é, suponhamos que eu odeie e, compreendendo as consequências disso, me ponha a cultivar diligentemente a bondade, a benevolência; esse processo não fortalece o "eu"? O cultivo da bondade, sem dúvida, produz uma certa modificação; cria mais energia. Mas, por certo, essa alteração permanece na esfera do "eu", da mente, não achais? E, como já fiz notar, quanto mais uma pessoa cultiva a virtude e quanto mais cônscia se torna de ser boa, tanto maior o mal; porque o mal é produto do "eu".

Admitamos que percebais muito bem tudo isso e que vejais a necessidade de uma transformação fundamental. Como operar essa revolução? Qual é a força, a energia criadora que operará essa revolução e como pode ser liberada essa força? Tendes tentado disciplinas, tendes tentado seguir ideais e várias teorias especulativas: que sois Deus e, se puderdes conhecer essa Divindade ou experimentar o Atman, o Supremo — ou como quiserdes chamá-lo — que então esse próprio conhecimento promoverá uma transformação fundamental.

Promoverá? Abraçais primeiramente o postulado de que existe uma realidade da qual fazeis parte, e em torno desse postulado construís uma porção de teorias, especulações, crenças, doutrinas, suposições e passais a viver de acordo com elas, esperando que, se pensais e agis de acordo com esse padrão, realizareis a transformação fundamental. Você a fará?

Digamos que, como a maioria das pessoas ditas religiosas, suponhais que existe em vós, fundamentalmente, profundamente, a essência da realidade; e que, se, pelo cultivo da virtude, por várias formas de disciplina, controle, repressão, renúncia, sacrifício, puderdes entrar em contato com essa realidade, operar-se-á a desejada revolução. Esta suposição não faz parte, ainda, do pensamento? Não é ela o produto de uma mente condicionada, uma mente que foi educada para pensar de determinada maneira, de acordo com certos padrões? Depois de criar a imagem, a ideia, a teoria, a crença, a esperança, credes que esta criação vossa operará a transformação fundamental.

Assim, precisamos, antes de tudo, perceber as atividades extraordinariamente sutis do "eu", da mente, precisamos estar cônscios das ideias, das crenças, das especulações, e nos desembaraçarmos de todas elas; porque todas elas são de fato ilusões, não é exato? Outros poderão ter experimentado a realidade, mas se vós não a experimentastes, que vantagem há em especular a respeito, ou em imaginar que sois a essência de algo real, imortal, divino? Tudo isso está ainda dentro da esfera do pensamento, e tudo o que emana do pensamento é condicionado, é coisa do tempo, da memória; por conseguinte, não é real. Se uma pessoa percebe isso com toda a clareza, se o percebe deveras — não especulativamente, não imaginária ou insensatamente — se percebe de fato a verdade de que toda

atividade da mente, no seu indagar especulativo, no seu tatear filosófico, que toda suposição, ou imaginação, ou esperança não passa de ilusão — resta ainda saber qual é a força, a energia criadora, que opera aquela transformação fundamental. Não sei se já chegastes tão longe em vossas meditações, em vossos pensamentos, que já rejeitastes completamente todas as esperanças especulativas, todas as teorias e exigências. Por certo, toda pessoa que busca verdadeiramente deve chegar a esse ponto, não é verdade? Se já o alcançastes, que acontece? Qual é então a força, a energia, esse algo criador, que opera a transformação fundamental?

Vejam, enquanto cultivo uma ideia, por mais nobre que seja, por mais imaginavelmente divina, por mais teoricamente suprema, há sempre a dualidade "procurador - coisa procurada", não é verdade? Há a entidade que odeia, e a entidade que cultiva a paz e o amor; a entidade boa e a entidade má. Tal é a nossa luta, o nosso conflito; e creio que este é o problema central: como desfazer a dualidade, como superá-la. Isto é, suponhamos que eu odeie, que não tenha nenhum afeto no coração. Meu coração está cheio das coisas da mente: é astucioso, sinuoso, calculista, e estou cônscio disso. Estou também cônscio de que só será possível uma transformação no mundo, quando houver mais amor, um estado de compaixão, e por isso me ponho a cultivar o amor. E surge, assim, em mim, a dualidade "amor-ódio", com a luta respectiva — meus pensamentos secretos e a vida que ostento exteriormente, o que sou verdadeiramente e o que estou tentando ser. Há uma batalha constante, constante conflito interior; e, se pudermos compreender isso, então, talvez descubramos como se desperta aquela energia, aquele "algo" criador que produzirá a transformação. Compreender que o pensador e o pensamento são uma só unidade — experimentar

esse fato, e não apenas repeti-lo verbalmente, o que nada significa — este, assim me parece, é o problema central. O "eu" se constitui em virtude dessa luta dual, não é verdade?

Em razão dela, há "eu" e "não-eu", o feixe de lembranças, de condicionamentos, de esperanças, e a outra coisa que ele deseja ser. A luta entre o que é e o que deveria ser, o conflito interminável entre o que sou e o que desejo ser, não só conscientemente, mas também nas profundezas do inconsciente, nos obscuros recessos da minha mente e do meu coração — essa luta não é, exatamente, o processo do "eu"? Mas, se eu puder experimentar, realmente, que o pensador é o pensamento, que o observador é a coisa observada, dá-se então a liberação daquela energia criadora que opera a transformação fundamental.

Assim, por menos cônscio que estejais de vós mesmos, deveis saber que há essa luta constante, que dá relevo, nutrição e força ao "eu" — tanto faz que seja o "eu" superior como o "eu" inferior, pois tudo está compreendido na esfera do pensamento. Não é o pensamento que cria o pensador? Está o pensador separado do pensamento? Enquanto o pensador está lutando para controlar o pensamento, moldá-lo, dar-lhe uma certa direção — que é o processo da disciplina — essa própria luta dá força ao "pensador" e, portanto, transmite vitalidade ao "eu"; e é nesse centro do "eu" que se tem de realizar a revolução, a transformação. E como poderá isso acontecer? Percebo claramente que nenhuma espécie de compulsão, disciplina, incentivo, esperança ou visão pode produzir esse efeito, porque em todas essas coisas há uma dualidade: o que é e o que deveria ser, o observador e a coisa observada; e enquanto existir o observador terá de haver sempre a luta por alcançar a coisa que observou, que ideou. Esta luta dá força ao "pensador", que é o

"eu", o "ego". Se percebo isso muito claramente, que devo fazer?

Estou observando o problema de como dissolver, radical e fundamentalmente, o centro constituído pelo "eu"; por conseguinte, a minha mente diz: "vou dissolvê-lo". Isto é, a mente, o "eu" se divide em observador e coisa observada, para depois atuar sobre a coisa observada, o problema. Mas o observador é o criador do problema, o observador não está separado do problema. Ele próprio é o problema. Que deve então fazer? Se formos realmente capazes de sentir isso plenamente, de permanecer com o problema, sem procurarmos uma resposta, uma pronta solução, sem buscar uma citação de um mestre ou livro, sem confiarmos em nossa experiência anterior; se pudermos simplesmente ficar cônscios deste problema, na sua totalidade, sem julgamento, creio que encontraremos a solução — não uma solução no nível verbal, mas uma solução não inventada pela mente.

Por certo, só quando a mente está tranquila pode compreender a enorme dificuldade, as complicações resultantes da separação do "pensador" e do "pensamento" como dois processos distintos — um que experimenta, outro que é experimentado; um que observa, outro que é observado. A revolução, a revolução psicológica criadora, em que o "eu" é inexistente, só vem quando o pensador e o pensamento são uma só entidade, quando não existe dualidade: o pensador controlando o pensamento. E eu diria que só essa experiência pode libertar aquela energia que, por sua vez, produz uma revolução fundamental, com a dissolução do "eu" psicológico.

Mas é sobretudo difícil alcançar-se essa compreensão, porque a mente está de tal maneira condicionada para lutar, para existir separadamente, para estar em segurança, para ser permanente, que teme pensar de maneira nova no problema. Provavelmente nunca experimentamos esse estado em que o "pensador" se acha ausente, em que é inexistente o observador, porque estamos profundamente condicionados pela ideia, totalmente acostumados com o sentimento de que o "pensador" está sempre separado do seu pensamento. Mas, não podeis "experimentar" esse estado só com o ouvirdes as minhas palestras. Se, entretanto, tendes acompanhado estas palestras com um propósito sério, se tendes realmente feito "experiências" com vós mesmos, nestas últimas semanas, garanto-vos que chegareis ao ponto em que percebereis com toda a clareza esta extraordinária divisão entre o pensador e o pensamento. A maior parte de nós ainda não percebe essa divisão. Estamos envolvidos no conflito entre o pensador e o pensamento, na perene batalha do "eu", do "ego", para adquirir, rejeitar, reprimir, tornar-se alguma coisa. Estamos bem familiarizados com isso; mas não estamos cônscios da divisão. Se, ao tomar conhecimento da divisão, o pensador procura destruí-la, anulá-la, o que acontece é que ele aumenta a separação, pois, nesse caso, estará o pensador, outra vez, procurando ser algo que ele não é e dando, com isso, a si mesmo, mais força e mais segurança.

Como é possível, então, a vós e a mim, como indivíduos, chegarmos a essa "experiência", essa compreensão? Conhecemos os caminhos do poder: domínio, disciplina, compulsão. Pelo poder político esperamos realizar alterações fundamentais; mas essa força só pode produzir mais escuridão, e desintegração, e males, e fortalecer mais ainda o "eu".

Conhecemos bem as várias formas de aquisição, tanto individual como coletiva; mas nunca experimentamos os caminhos do amor, e nem sequer sabemos o que ele significa. O amor não é possível enquanto existe o pensante, o centro do "eu". Compreendendo tudo isso, que deve uma pessoa fazer? Sem dúvida, a única coisa que pode produzir uma transformação fundamental, uma libertação psicológica criadora, é a vigilância cotidiana, é o estarmos cônscios, de momento a momento, dos nossos motivos, tanto conscientes como inconscientes. Quando compreendemos que as disciplinas, as crenças, os ideais, só servem para fortalecer o "eu" e são, portanto, de todo em todo fúteis — quando estamos cônscios disso, dia a dia, percebendo a verdade a seu respeito, não atingimos então o ponto central em que o pensador está constantemente a separar-se do seu pensamento, das suas observações, das suas experiências? Enquanto o pensador existir separado do seu pensamento e procurando dominá-lo, não pode haver nenhuma transformação fundamental. Enquanto o "eu" for o observador, que acumula experiência e se fortalece com essa experiência, não será possível a transformação fundamental, a liberação da força criadora. A liberação da força criadora só ocorre quando o pensador é o pensamento — mas a divisão entre os dois não pode ser anulada por esforço algum. Quando a mente compreende que toda especulação, toda verbalização, toda espécie de pensamento só serve para reforçar o "eu"; quando percebe que enquanto existir pensador separado do pensamento tem de haver limitação, tem de haver o conflito da dualidade; quando percebe tudo isso, a mente está então vigilante, vendo como ela própria se separa da experiência, procurando impor-se, ser poderosa. Nesse percebimento, se a mente o aprofundar e ampliar cada vez mais, surge um estado em que o pensador e o pensamento são uma só unidade. Nesse estado não há esforço,

não há vir a ser, não há desejo de transformação; nesse estado, o "eu" é inexistente, porque ocorre uma transformação não produzida pela mente.

PERGUNTA: É óbvio que uma pessoa deve conhecer o mal, para poder conhecer o bem. Isso não implica o processo da evolução?

KRISHNAMURTI: Precisamos conhecer a embriaguez para podermos conhecer a sobriedade? Precisamos passar pelo ódio para sabermos o que é ser compassivo? Precisais passar por guerras, destruindo-vos e a outros, para saber o que é paz? Ora, esta é uma maneira de pensar totalmente errônea, não achais? Primeiro, fazeis a suposição de que há evolução, desenvolvimento do mau para o bom, e depois ajuntais o vosso pensar a esse padrão. É claro que há desenvolvimento físico, a plantinha que se converte numa grande árvore; há o progresso técnico, a roda evoluindo através dos séculos, até transformar-se no avião a jato. Mas há progresso psicológico, evolução psicológica? É disto que estamos tratando: se há um desenvolvimento, uma evolução do "eu", começando no mal e acabando no bem. Pelo processo de evolução, através do tempo, pode o "eu", centro do mal, tornar-se nobre, bom? Não pode, está visto. O que é mau — o "eu" psicológico — há de permanecer sempre mau. Mas não queremos olhar este fato de frente. Pensamos que, no processo do tempo, no crescer e transformar-se, o "eu" se tornará, no fim, realidade. Tal é nossa esperança, nosso desejo: que o "eu" se tornará perfeito através do tempo. Que é esse "eu"? É um nome, uma forma, um feixe de lembranças, esperanças, frustrações, ânsias, dores, sofrimentos e alegrias passageiras. Queremos que esse "eu" subsista e se torne perfeito, e, por conseguinte, dizemos que

além do "eu" está um "super-eu", um "eu" mais alto, uma entidade espiritual atemporal. Mas, visto que a pensamos, esta entidade espiritual está ainda dentro da esfera do tempo, não é verdade? Se podemos pensá-la, então é bem evidente que ela está na esfera do tempo, não achais? Se podemos pensá-la, ela se acha evidentemente na órbita do nosso raciocinar.

Atentai bem nisto, por favor: se eu posso pensar a entidade espiritual, se sei o aspecto que ela tem, o gosto que tem, as sensações que produz, ela já está no campo de meu conhecimento; e meu conhecimento se baseia na memória, em condicionamento. Sem dúvida, uma coisa que eu posso pensar não é espiritual, não é atemporal. O pensamento resulta do passado, da memória, do tempo; e o pensamento criou essa chamada entidade espiritual, porque eu estou condicionado para aceitar tal teoria, fui educado, desde a infância, para pensar dessa maneira. Outros, talvez, estão condicionados para não crerem em nenhuma entidade espiritual — como de fato está acontecendo, atualmente, no mundo. Estes negarão a existência de uma entidade espiritual, porque foram condicionados para pensar desse modo.

A mente, ao perceber a sua própria impermanência, a sua transitoriedade, anseia por um estado permanente, e esta própria ânsia cria o símbolo, a sensação, a ideia, a crença, a que nos apegamos. Temos, pois, o "eu" transitório, e o "super-eu", o "eu superior", que consideramos permanente; e a mente, buscando o permanente, cria a dualidade, o conflito dos opostos. Ao dividir o pensamento num "eu" superficial, impermanente, e num "eu" oculto, distante, atemporal, espiritual — com toda uma série de degraus entre os dois — fiz nascer o conflito da dualidade; e para alcançar o atemporal digo que necessito de tempo,

necessito de um desenvolvimento psicológico, um vir a ser. Nesse processo está sempre presente o "eu", o observador, e a coisa que ele está observando e vai conquistar; e, entregando-se a essa luta, fortalece ele as suas ânsias, os seus desejos. E, para alcançar o que está procurando, ele precisa de tempo, precisa do futuro; por conseguinte, tem ele a reencarnação — se não for agora, será amanhã. Mas, se pudermos saltar por cima de tudo isso, veremos que, enquanto existir "pensador" separado do pensamento, observador separado da coisa observada, haverá conflito, e pelo conflito não há possibilidade alguma de compreensão nem de paz.

Ora, podem o pensador e o pensamento, o observador e a coisa observada, ser uma só entidade? Nunca o descobrireis, se apenas relanceais os olhos no problema e me pedis, superficialmente, que vos explique o que entendo por "'isto" ou por "aquilo". O problema é vosso, não é só meu; não estais aqui para descobrir minhas ideias sobre este problema ou os problemas mundiais. Esta constante batalha interior, que causa tanta destruição e tanta corrupção, é um problema vosso, não achais? Assim como também vos compete descobrir a maneira de operar uma transformação fundamental em vós mesmos, em vez de vos satisfazerdes com superficiais revoluções políticas, econômicas, burocráticas. Não estais procurando compreender a mim ou a maneira como eu considero a vida. Estais procurando compreender a vós mesmos, e estes são os problemas que vos concernem e que tendes de enfrentar; estudando-os juntos, como estamos fazendo, nestas palestras, talvez possamos nos ajudar mutuamente a vê-los com mais clareza, mais distintamente. Mas não basta ver com clareza só no nível verbal. Daí não resulta nenhuma transformação psicológica criadora. Cumpre transcender as palavras, transcender todos os símbolos e as

respectivas sensações — o símbolo do amor, o símbolo de Deus, os símbolos hinduístas e cristãos; porque, embora possam criar certas reações, todos eles estão no nível verbal, no nível das imagens. Devemos por de parte todas essas coisas e nos chegar ao problema central, que é: Como dissolver o "eu", que nos prende ao tempo, e no qual não existe nem amor nem compaixão? Só é possível passarmos além, depois que a nossa mente não mais se divida em pensador e pensamento. Quando pensador e pensamento são uma só unidade, só então há silêncio, silêncio em que não há construção de imagens, nem a expectativa de "mais" experiência. Nesse silêncio não há nenhum experimentador experimentando, e só então há uma revolução psicológica criadora.

PERGUNTA: Quais são os requisitos essenciais de uma boa educação?

KRISHNAMURTI: Eis, por certo, um problema muitíssimo complexo. Julgais que ele pode ser resolvido em alguns minutos? Entretanto, talvez possamos ver o que há de importante nesta questão. Para que fim nos estamos educando e aos nossos filhos? Para a guerra? Para sabermos mais, e mais eficazmente nos destruirmos uns aos outros? Para adquirirmos conhecimentos técnicos, a fim de ganharmos a vida? Para termos ilustração, cultura, prestígio? Afinal, porque estamos educando os nossos filhos? Em verdade, não o sabemos, não é exato? Como podemos sabê-lo, se nós mesmos nos achamos em tão extrema confusão? Praticamente, tudo o que fazemos leva à guerra, à destruição dos nossos semelhantes e de nós mesmos. Estamos educando a criança para a competição, estamos-lhe fortalecendo o "eu", condicionando-a, a fim de que possa sobreviver nesta batalha; e, para isso, fazemos-lhe ministrar

variados conhecimentos e noções. Eis o que chamamos educação. Ou, condicionamos o nosso filho para pensar segundo certas diretrizes e para agir em conformidade com padrões fiscos; queremos que ele seja católico, "christian scientist", comunista, hinduísta, etc., etc. Nessas condições, não é necessário, em primeiro lugar, educar o próprio educador? Educação, por certo, não é o mero transmitir fatos, que qualquer um pode colher numa enciclopédia, desde que saiba ler. O essencial é que se desperte a inteligência, para que a mente seja capaz de pesquisar, descobrir, e enfrentar a vida sem se deixar prender em nenhuma espécie de condicionamento, religioso, social, ou político; e, para tanto, é necessário que não só os mestres, mas os pais sejam inteligentes, não é verdade?

Sendo este um problema muito complexo, que deve ser examinado de diferentes pontos de vista, não se pode determinar, com precisão, quais sejam os requisitos essenciais da educação correta; mas pode-se ver que o que estamos fazendo no mundo inteiro é errôneo, destrutivo, estéril. Criação não é o mero produzir de quadros, invenções, não é escrever poemas, ensaios, livros. Isso pode ou não pode ser criador. Mas o que tem importância é a ação criadora interior, isenta de temor, de desejo de autoexpansão, de agressividade, de dependência psicológica — sendo esse um estado em que há liberdade, em que há um sentimento de singularidade, que não significa solidão. Este é o estado verdadeiramente criador, e só depois de o termos despertado em nós mesmos, podemos ajudar os estudantes a desenvolver os seus talentos, ajudá-los nos estudos, nas relações, sem encarecer o "eu". Mas, para se quebrarem as atividades egocêntricas da mente e se chegar a esse estado criador, requer-se extraordinária vigilância interior.

Nosso problema, consequentemente, não é fácil; mas precisamos começar por nós mesmos, não é verdade? O autoconhecimento é o começo da sabedoria; e sabedoria não é a mera repetição da experiência ou das frases de outra pessoa. A sabedoria não tem autoridade; ela vem à existência quando a mente começa a compreender as profundezas e amplidões da sua própria natureza, sobre as quais não é possível especular. Para descobrirmos o que é criador, precisamos proceder de maneira nova. A mente deve estar vazia, livre de todo saber, livre da memória. Só então existe a possibilidade de relações de uma nova espécie, de um mundo novo.

30 de agosto de 1952.

10ª PALESTRA

Sendo esta a última palestra da presente série, talvez seja conveniente dar uma olhada no que estivemos discutindo nestas últimas semanas. Mas, assim fazendo, não vou apresentar-vos um resumo, pois isso significaria recapitular e repetir o que já se disse, e tal não é minha intenção.

O que temos tratado é o problema da transformação. Creio que a maioria de nós percebe a necessidade de transformação, tanto interior como exterior, no mundo econômico e no mundo social, mas, preliminarmente, no nível psicológico da nossa existência. Quando pensamos na questão da transformação, em geral só temos em mente o nível superficial; entendemos uma transformação que se faz necessária nas relações entre nações, grupos, comunidades, raças. Falamos de revelação econômica e social e sobre a maneira de levá-la a efeito — e aí, em geral, paramos. Satisfazemo-nos com conceitos intelectuais, formulações verbais, ou com a visão de um mundo novo a que possamos consagrar a nossa fé e oferecer as nossas vidas em holocausto. Reconhecemos, pois, a necessidade de transformação; mas sinto que uma transformação radical não pode se efetuar na periferia, no exterior, na circunferência, mas somente no centro, isto é, no nível psicológico. Em nossas apreciações deste problema, o examinamos de diferentes pontos de vista; e talvez possamos hoje apreciá-lo do ponto de vista da autoridade, para vermos como a autoridade é um empecilho à transformação fundamental. Há a autoridade do saber, a autoridade da nossa própria experiência, a autoridade da memória, a autoridade da

opinião dos outros, a autoridade do interpretador; e sempre que a mente está apegada à autoridade fechada no seu círculo, não há, obviamente, possibilidade alguma de transformação radical.

Julgo que a autoridade é um dos maiores estorvos à transformação interior, que é tão essencial, já que desejamos uma alteração exterior em que possa ser resolvido o problema da guerra e da fome. Enquanto não houver uma revolução psicológica, uma transformação fundamental em cada um de nós, a mera reforma do exterior não surtirá o resultado desejado; e essa transformação interior é impedida, quando vós e eu, como indivíduos, estamos apegados à autoridade. Nós temos medo de mudanças. Queremos que as coisas fiquem como estão, sobretudo no nível físico, se nos achamos em boa situação. Temos uma casa, alguns recursos, e tememos qualquer mudança no nível físico. E tememos, também, modificações com relação à nossa crença, porque estamos incertos quanto ao futuro. A mente — por mais inteligente, engenhosa, "intelectual", que seja está sempre apegada a alguma espécie de crença. A crença se torna a autoridade, o ideal, a visão. Em nossas relações, na experiência, temos sempre o desejo de segurança ou de continuar num determinado nível psicológico, e tememos qualquer mudança fundamental nesse setor. Porque tem medo, a mente cria a autoridade: a autoridade política, a autoridade da religião, da crença, do dogma, a autoridade da nossa própria experiência, etc.

Não é importante verificar como a mente está sempre criando as suas próprias barreiras de autoridade, as quais impedem a transformação fundamental radical? Não está cada um de nós submetido a alguma autoridade, ainda que sob forma sutil? Temos a autoridade do livro, que é o saber; mas não é

necessário que o saber seja posto de parte, completamente, a fim de que a mente esteja livre para ver o novo? E pode a mente, afinal, ficar livre dessa aquisição de saber? Por "saber" entendemos conhecimento relativo ao que foi dito pelos indivíduos talentosos, pelos intelectuais, pelas pessoas que são capazes de exprimir as suas ideias muito clara e sutilmente. A mente, no seu temor, não faz desse conhecimento uma autoridade, à qual se apega? E, também, não erigimos a nossa própria experiência com autoridade, num padrão de ação, de acordo com o qual funcionamos? Não fazemos da crença uma autoridade? Como, em nós mesmos, estamos incertos, temendo alterações, o que nos possa acontecer, há sempre a crença, o ideal, a realidade suprema, a autoridade de um livro, da experiência alheia e da nossa própria. Nós andamos em busca de algo a que a mente possa apegar-se e em torno do que possa construir a sua própria segurança, sua continuidade, não é exato? E pode a mente, afinal, ficar livre dessa ocupação, desta construção de muralhas que a retem prisioneira? Pode a mente, enquanto está sufocada, subjugada pela autoridade, transformar-se? Este não é um dos nossos problemas, vosso e meu? Pode a mente ficar livre da autoridade, mesmo no nível superficial?

Talvez não façais de mim uma autoridade, porque, afinal de contas, não estou dizendo nada que não sejais capazes de achar por vós mesmos, se tendes muito interesse, se sois vigilante e se investigais profundamente; todavia, o desejo de autoridade está sempre presente. Como estais confusos, dependeis de intérpretes para vos explicarem o que eu desejo dizer ou não quero dizer; buscais intérpretes da verdade. Estais, em vós mesmos, tão incertos, tão desorientados e confusos, que precisais de alguém que vos guie e ajude. No momento em que começais a contar com outra pessoa, por maior ou por mais

absurda que ela seja, não há liberdade e, por conseguinte, nenhuma possibilidade de transformação radical. Na sua própria incerteza, na sua própria confusão e desejo de segurança, a mente estabelece, pouco a pouco, a autoridade da igreja, do partido político, do líder, do mentor, do livro; e, vendo isso, a igreja, o Estado, os políticos, os sagazes, assumem a autoridade e nos mandam pensar o que querem. Pelo geral, estamos satisfeitos com a autoridade, porque ela nos confere uma continuidade, uma certeza, um sentimento de estarmos sendo protegidos. Mas o homem que queira compreender todo o alcance daquela profunda revolução psicológica, deve estar livre de autoridade, não achais? Não deve contar com autoridade alguma, quer criada por ele mesmo, quer imposta por outrem. E isso é possível? É possível eu deixar de apoiar-me na autoridade de minha própria experiência? Mesmo depois de ter eu rejeitado todas as expressões exteriores da autoridade —livros, instrutores, sacerdotes, igrejas, crenças — resta, entretanto, o sentimento de que posso confiar no meu próprio juízo, nas minhas próprias experiências, na minha própria análise. Mas posso deveras confiar na minha experiência, no meu juízo, na minha análise? Minha experiência é o resultado de meu condicionamento, tal como a vossa é o resultado vosso condicionamento, não é verdade? Posso ter sido educado como maometano, ou budista, ou hinduísta, e minha experiência há de depender do meu fundo cultural, econômico, social e religioso, exatamente como a vossa. Posso confiar nessa experiência? Posso confiar no meu juízo — buscar nele um guia, uma esperança, uma visão que me dê fé — sendo ele o resultado de lembranças e experiências acumuladas, resultado do condicionamento do passado em contacto com o presente? E se o faço, o analista é então diferente da coisa que analisou?

Pois bem. Depois de fazer todas estas perguntas a mim mesmo e de me tornar cônscio do problema, percebo que só pode haver um estado no qual a realidade, o novo, pode manifestar-se e promover uma revolução. Esse estado se realiza quando a mente está de todo vazia do passado: quando não existe nem analista, nem "experimentador", nem julgamento, nem autoridade de espécie alguma. Não é este, afinal de contas, um dos nossos problemas profundos? Enquanto a mente está entravada pelo passado, pejada de saber, de lembranças, de juízos, o novo não pode existir; enquanto a mente constitui o centro do "eu", que é resultado do tempo, não há possibilidade de realizar-se o atemporal. Eu não sei o que é esse atemporal, o que é essa realidade suprema; mas reconheço que nenhuma possibilidade terei de conhecer qualquer coisa além das minhas próprias criações, enquanto a minha mente se achar em mero estado de experimentar, analisar, julgar, seguir. Se, pois, tenho muito interesse em descobrir se existe algo novo, a mente deve conhecer a natureza das suas próprias criações, das suas próprias ilusões, E a mim me parece que esta é uma das nossas maiores dificuldades, porquanto a nossa educação nos ensina a venerar o intelecto, a mente. Inúmeros livros já foram escritos sobre a mente, e tudo quanto temos lido nos está guiando, moldando, condicionando. Aqui não há que concordar ou discordar de mim; não estais cônscios dessas coisas, em vossa vida? Como uma mente que está entravada pelo passado, pelas suas próprias experiências, motivos, impulsos, exigências, ambições, crenças, pelo nosso perene lutar por ser alguma coisa — como pode uma mente, em tais condições, tornar-se capaz, em algum tempo, de perceber o que é novo? Se tendes qualquer conhecimento dos vossos problemas interiores e percebeis que as crises políticas, religiosas e econômicas, no mundo inteiro, estão relacionadas com os conflitos psicológicos, não podeis deixar de fazer-vos

estas perguntas. Qualquer mudança que se opere sem se libertar a mente do passado, continua dentro do campo do tempo, e, portanto, dentro do campo da corrupção; e, sem dúvida, tal mudança não é mudança alguma, sendo apenas uma continuação do "velho" sob forma diferente.

Cônscio de tudo isso, pergunto-me a mim mesmo — como também, sem dúvida, vos perguntais — se há possibilidade de a mente ser livre, de ficar completamente vazia do passado e capaz, por conseguinte, de ver algo que não seja projeção dela própria, que não seja fabricado por ela. Para descobrirdes se isso é possível, deveis experimentar, o que significa que deveis descrer completamente de qualquer forma de autoridade, imposta por vós mesmo ou pelas circunstâncias exteriores. A autoridade atua muito sutilmente. Vós estais sendo influenciados por mim; não podeis deixar de estar. Mas, se vos deixais só influenciar, não haverá transformação radical, pois só há, nesse caso, uma mera sensação, que produzirá reação, a qual repelirá esta influência para adotar outra. Se, ao contrário, estais profundamente interessados no problema da transformação radical fundamental, reconhecereis, então, diretamente, por vós mesmos, que essa transformação é indispensável para que possa haver paz no mundo, para que não haja mais fome e ao mesmo tempo muita gente bem nutrida. Para que haja o bem-estar universal do homem, faz-se necessária uma transformação, não no nível superficial, porém no centro. O centro é o "eu", que está sempre acumulando, positiva ou negativamente; e um dos seus métodos de aquisição está representado pela autoridade. Por efeito da autoridade tem ele continuidade. Nessas condições, se vós e eu reconhecemos esse fato, surge então o problema: pode a mente despojar-se de todo o seu conteúdo, libertar-se de toda a carga que ela mesma se impôs ou que lhe foi imposta? Só

quando a mente está vazia existe a possibilidade da criação; mas não falo desse vazio superficial de que quase todos nós nos queixamos. Nós somos vazios superficialmente, o que se revela pelo nosso desejo de distração. Queremos distrair-nos, entreter-nos, pelo que recorremos aos livros, ao rádio, corremos a ouvir conferências, a ouvir autoridades; a mente está incessantemente procurando encher-se. Não falo dessa espécie de vazio, que é falta de reflexão. Pelo contrário, refiro-me ao vazio que resulta de uma extraordinária atividade de reflexão, quando a mente, percebendo a sua própria capacidade de criar ilusões, passa além.

O vazio criador não é possível enquanto existe o pensante, sempre em expectativa, sempre vigilante, sempre observando, com o fim de acumular experiência e fortalecer-se a si próprio. A mente pode ficar livre de todos os símbolos, de todas as palavras, com as respectivas sensações, de modo que não haja mais experimentador ocupado em acumular. Será possível a mente por de parte, completamente, todos os raciocínios, experiências, imposições, autoridades, e ficar num "estado de vazio"? Naturalmente não podeis responder a esta pergunta; ela é irrespondível, para vós, pois não sabeis nem nunca tentastes tal coisa. Mas, se posso sugeri-lo, ouvi a pergunta, deixai que a semente caia; e essa semente dará fruto, se ouvirdes a pergunta realmente, se não resistirdes, dizendo "Como pode a mente estar vazia? Se ficar vazia, não poderá funcionar, não poderá cumprir suas obrigações de cada dia". E que são essas obrigações de cada dia? Rotina, tédio, monótona continuidade. Nós todos sabemos disso. Nessas condições, julgo importante que averigueis isso por vós mesmo; e para o averiguardes, deveis escutar, investigar. Falando-vos, estou-vos

ajudando a investigar, não vos estou impingindo algo. Também eu estou investigando. Tal é a finalidade destas palestras.

Depois de todas estas semanas de palestras e de exame do problema da transformação, temos de chegar, por fim, a esta questão: Se a mente pode tornar-se vazia, para que possa receber o novo. Se cultivais o padrão do "velho", toda mudança há de ser uma continuidade modificada do "velho", nada contendo de novo nem de criador. A ação criadora só é possível quando a mente está nova; e a mente só pode se renovar quando capaz de perceber todas as suas atividades, não só no nível superficial, mas também muito profundamente. Quando a mente percebe as suas próprias atividades, percebe os seus próprios desejos, exigências, impulsos, buscas, a criação de autoridades para si própria, seus temores; quando percebe em si mesma a resistência ocasionada pela disciplina, pelo controle, pela esperança que projeta crenças e ideais — quando a mente vê todo esse processo, de ponta a ponta, está cônscia dele, na sua inteireza, pode ela desembaraçar-se de tudo isso e se tornar nova, criadoramente vazia? Só verificareis se pode ou se não pode, se "experimentardes", sem ter nenhuma opinião a respeito do "estado criador", sem desejar nenhuma experiência dele. Se desejais experimentá-lo, "irá experimentá-lo"; mas não será a experiência do "vazio criador" e, sim, mera projeção do desejo. Se desejais experimentar o novo, estai-vos apenas se entregando a uma ilusão. Mas, se começardes a observar, a ficar cônscios de vossas próprias atividades, dia a dia, momento a momento, observando, como em um espelho, todo o "processo" de vós mesmos, então, com o aprofundardes mais e mais, chegareis à questão fundamental relativa ao vazio em que pode existir o novo. A verdade, Deus, ou como quiserdes, não é algo que se possa experimentar; porque o "experimentador" é resultado do

tempo, resultado da memória, do passado ; e, enquanto houver experimentador, não pode haver realidade. Só temos a realidade quando a nossa mente está de todo livre do analista, do "experimentador" e da coisa experimentada.

Não podeis escutar isso, simplesmente, assim como o solo recebe a semente, e ver se a mente é capaz de ser livre, vazia? Ela só pode estar vazia ao compreender todas as projeções de si própria, suas atividades, não intermitentemente, mas dia a dia, momento a momento. Então, infalivelmente, tereis a resposta, vereis como a transformação vem, sem ser pedida, e que o estado de "vazio criador" não é coisa cultivável; ele se manifesta, chega imperceptivelmente, sem chamado. Só nesse estado há possibilidade de renovação, revolução.

PERGUNTA: Li recentemente a respeito de uma menina hindu que era capaz de resolver facilmente problemas de alta matemática, difíceis até para os grandes matemáticos. Como explicar isso, a não ser pela reencarnação?

KRISHNAMURTI: Não é extraordinária esta tendência a nos satisfazermos com explicações? Tendes uma determinada teoria da continuidade, chamada "reencarnação". Tendes essa crença, essa convicção. Não sei porque a tendes, ou, antes, sabemo-lo muito bem: é porque desejais existir continuamente. Uma vez com essa crença, essa explicação, tudo quereis ajustar em torno dela; e, desse modo, a autoridade da vossa crença vos tolhe o descobrimento do novo. A extraordinária faculdade dessa menina pode ser ou pode não ser resultado da reencarnação; mas, sem dúvida, o que importa é averiguardes o vosso próprio estado, e não o dessa menina; averiguar porque a vossa mente vive enredada por palavras e explicações. Oh meu

Deus! há mil explicações para este caso, mas porque escolheis justamente a explicação que vos satisfaz individualmente? Isso é que importa descobrir, não achais?

Porque, se o investigardes, descobrireis como a vossa mente está entravada pela crença, pela sensação, pelo desejo de sua própria continuidade. Ora, sem dúvida, o que continua não pode se tornar novo. Só no morrer se encontra o "novo". Mas não queremos morrer, queremos existir continuamente. Toda a nossa estrutura social, todas as nossas crenças religiosas estão baseadas nessa continuidade do "eu", o que significa que tememos a morte, tememos o findar. Como sentimos medo, arranjamos inúmeras explicações, para cobrir o nosso medo; e, quanto mais o cobrimos, tanto mais ele nos contamina. E que é esse medo? Ouvi bem: que é esse medo de não ser, de não continuar a existir? Que é o "vós", que deseja existir continuamente? Não serão as vossas posses, as coisas que juntastes na vossa casa, os móveis, o rádio, a máquina de lavar — as qualidades, as virtudes que lutastes por adquirir — o nome, a reputação, a memória, as experiências? E, se investigardes realmente, seriamente, — que são todas essas coisas? Que são elas senão palavras ocas, símbolos que vos proporcionam sensações a que vos apegais? É isso que desejamos que exista continuamente; por isso nunca temos "o novo", nunca há morte, mas só adiamento. Só no morrer se encontra o novo; só no findar do "velho" se encontra a possibilidade de algo criador. É possível morrer dia a dia? É possível deixarmos de acumular ressentimentos, ideias, objetivos e acabarmos com esse processo de consecução, gerador de luta perene? O temor é uma coisa a que nunca demos verdadeiramente atenção: a morte, nunca a olhamos de frente. Vemos outras pessoas morrerem, mas não sabemos o que

significa a morte, porque lhe temos medo; por isso, fugimos através de explicações, de palavras, de ideias, de crenças. E pode a mente encarar o temor face a face? Pode a mente dar-lhe atenção? Que é o temor, — palavra ou realidade? Tende a bondade de escutar, de investigar. A coisa de que temos medo é a palavra "medo", ou é algo real? Temos o fato da morte; mas temos ideias e opiniões a respeito da morte. As ideias relativas ao fato geram o medo. É a palavra relativa ao fato que cria o temor, e não o próprio fato. E pode a mente ficar livre da palavra e encarar o fato? O que significa, em verdade, prestar atenção ao fato, sem atividade por parte da mente. A mente só está ativa com palavras, símbolos, opiniões; por isso, a mente cria a barreira e só olha o fato através dessa barreira, do que resulta o temor. Pode a mente encarar o fato, sem estar munida de uma ideia a respeito dele, sem ter nenhuma opinião, sem julgamento? Se pode, há então uma completa revolução, não é verdade? Há então a possibilidade de se transcender a morte.

PERGUNTA: Que é o sofrimento?

KRISHNAMURTI: Investiguemos a questão. Existe a dor física, que gradualmente se converte em sofrimento mental, do qual a mente se serve para criar situações, criar problemas, para se fortalecer ou se diminuir. E há, também, o sofrimento que nos vem de não sermos amados suficientemente, isto é, da nossa necessidade de amor; e há o sofrimento ocasionado pela morte, quando amamos alguém e essa pessoa se vai para sempre; há o sofrimento causado pela frustração, o sofrimento que resulta do sermos ambiciosos e não podermos alcançar o alvo de nossas ambições; há sofrimento quando perdemos os nossos haveres, a nossa saúde. Que indica tudo isso? Que é essa coisa a que chamamos sofrimento? Não existirá ela porque, em

razão dessas atividades da mente, o processo de "fechamento" se acentua e se fortalece cada vez mais? Quando vos tornais cônscio de que estais fechado, aprisionado, isso não é sofrimento? Não existe sofrimento quando estais cônscio de vós mesmos, de vossas batalhas, vossas lutas, vossas frustradas ambições? Quanto mais envolvido vos vedes nos conflitos do "eu", tanto maior o vosso sofrimento. O sofrimento, por conseguinte, é uma reação do "eu"; e para compreendermos bem o sofrimento, precisamos procurar compreender, na íntegra, o processo do "eu" — e é o que temos feito nestas palestras.

O sofrimento é um indício das atividades da mente. Não se pode negar o sofrimento; mas, quase todos nós procuramos cobri-lo, fugir-lhe, através de explicações, através de palavras confortantes. Não investigamos o problema do sofrimento, para colocarmos o "eu" em completa nudez; e quando, repentinamente, o vemos descoberto, não queremos coabitar com ele, não queremos observá-lo, tratamos de fugir. Na fuga, há resistência, e essa resistência mesma cria mais conflito e mais luta; por isso nos vemos envolvidos neste perene processo do sofrimento. Mas se, quando se apresenta o sofrimento, somos capazes de olhar aquela nudez, aquela solidão, aquele vazio, que é o "eu", teremos então — e só então — a possibilidade de transcendê-lo.

PERGUNTA: O que é meditação?

KRISHNAMURTI: Talvez vós e eu possamos averiguar juntos o que é a meditação; vamos, pois investigar a questão. Não estais à espera de uma resposta da minha parte, a fim de vos satisfazerdes com palavras e explicações. Vós e eu vamos investigar, em conjunto, o que a meditação é realmente.

Que é meditação? É ficar sentado, de pernas cruzadas, ou deitado, em completo repouso? Evidentemente, há necessidade de repouso para o corpo: mas, ainda quando o vosso corpo está em repouso, a vossa mente está muito ativa, em incessante agitação. Cônscio disso, dizeis: "Preciso controlar esta agitação, por-lhe fim. Necessito de uma certa sensação de tranquilidade". E, consequentemente, começais a controlar e a disciplinar a vossa mente. Prestai bem atenção a tudo isso, e vereis. Levais anos e anos a controlar e disciplinar a vossa mente agitada; vossa energia se consome no obrigar a mente a sujeitar-se a um padrão desejado, mas nunca lograis bom êxito; e quando o lograis, a vossa mente se torna sobremodo cansada, letárgica, vazia, insensível. Ora, isso, evidentemente, não é meditação. Ao contrário, a mente precisa estar em extremo vigilante, e não estar presa a uma rotina de hábito ou disciplina.

Vejo, pois, que a minha mente, não obstante a sua incessante agitação, não pode ser obrigada a adaptar-se a determinado padrão de pensamento. Como, então, serená-la? Como aquietar a mente agitada? Vede bem o alcance deste problema. Se o observador, o analista, impõe uma disciplina à mente que está agitada, dá-se então um conflito entre o observador, o analista, e a coisa que observa, que analisa. O pensador está lutando para obrigar o seu pensamento a sujeitar-se ao padrão por ele desejado, o qual deverá serenar a mente; e, assim, ele a disciplina, a controla, a domina, a reprime — o que implica o conflito da dualidade. Há uma divisão entre o observador e a coisa observada, e nessa divisão existe conflito; mas a meditação, evidentemente, não é um interminável processo de conflito.

Nessas condições, como pode a mente, que está sempre agitada, tornar-se quieta? Quando vos faço esta pergunta, qual é o estado da vossa mente? Tende a bondade de observar-vos. Qual é o estado da vossa mente quando vos faço esta pergunta? Estais habituado a disciplinar, a controlar, mas agora reconheceis como isso é absurdo, reconheceis a sua natureza ilusória; por conseguinte, o estado da vossa mente é que não sabeis como aquietar a mente. Lançastes fora as explicações, o saber — que é condicionamento; o fato é que a vossa mente está agitada, e não sabeis como serená-la. Qual é, pois, o estado da vossa mente? Estais investigando realmente, não é verdade? Estais observando, não tendes nenhuma resposta. O que sabeis é só que a vossa mente está agitada e desejais saber como pode ela se tornar quieta — mas não de acordo com um método. Ora, no momento em que vos fazeis a pergunta "Como pode a mente tornar-se quieta?", cessa a sua agitação. Penetrastes já na esfera em que a mente está quieta, não é exato? Sabeis que a vossa mente está sempre ativa, numa batalha incessante, cada camada contra outra camada, o observador contra a coisa observada, o "experimentador" a desejar "mais"; estais cônscio dos incessantes caprichos do pensamento, e não sabeis, com efeito, como subjugá-lo. Não sabeis de que maneira ele pode tornar-se quieto. Rejeitais todos os métodos, porque não têm nenhuma significação. O seguir um método, o copiar um padrão, é apenas um meio de entravar a mente pelo hábito. Hábito não é meditação. A rotina de uma disciplina não liberta a mente para descobrir o novo. Por essa razão, rejeitais tudo, completamente; mas resta-vos a pergunta: "Como pode a mente tornar-se quieta?". No momento em que vos fazeis esta pergunta, realmente, com verdadeiro interesse, qual é o estado da vossa mente? Não está ela quieta? Já não está "tagarelando", analisando, julgando; está vigilante, observando, porque "não

sabeis". O próprio "estado de não saber" é o começo da tranquilidade. Descobris que, enquanto existir conflito entre o padrão desejado e aquilo que sois realmente, tem de haver uma batalha; e essa batalha é um desperdício de energia, que redunda em inércia. Percebe a mente, pois, a falsidade de tudo isso e o rejeita.

No observar, a mente se torna quieta; entretanto, resta o problema do "pensador" separado do pensamento e, por conseguinte, temos de novo uma batalha. A meditação compreende todo esse processo e não, apenas, um processo limitado, com determinado fim em vista. Ela é essa busca ampla, esse tatear, sem se estar preso a nenhuma ideia, crença, ou experiência; é o percebimento de que toda projeção da mente é ilusão, hipnose. E se investigardes mais e mais profundamente, não com um "motivo", não com o desejo de determinado resultado, mas simplesmente observando o processo total em vós mesmo, vereis então que, sem nenhuma espécie de compulsão, repressão ou disciplina, a mente se torna criadoramente vazia, tranquila. A tranquilidade não vos dará nenhuma riqueza neste mundo — não a traduzais tão depressa em dólares. Se vos chegais a ela com uma vasilha de esmolar na mão, ela nada vos oferecerá. Essa tranquilidade é livre de todo sentimento de continuidade; nela, não há nenhum "experimentador" ocupado em experimentar. Quando está presente o "experimentador", então já não há tranquilidade, mas, apenas, uma continuidade de sensação. A meditação é todo esse processo que produz um estado no qual a mente se torna tranquila, não mais "projetando", não mais desejando, defendendo, julgando, experimentando. Nesse estado, o novo pode existir. "O novo" não pode ser verbalizado; não há palavras que o exprimam; portanto, ele não é comunicável. É

algo que se manifesta quando a mente é também nova; e todo esse complexo "processo" de autoconhecimento é meditação.

31 de agosto de 1952.

Estas palestras não são meras preleções para vós escutardes e eu desenvolver; devem, antes, representar uma viagem que empreendemos juntos, com o fim de descobrir aquilo que não é criado pela mente.

Não estais procurando compreender a mim ou a maneira como eu considero a vida. Estais procurando compreender a vós mesmos, e estes são os problemas que vos concernem e que tendes de enfrentar; estudando-os juntos, como estamos fazendo, nestas palestras, talvez possamos nos ajudar mutuamente a vê-los com mais clareza, mais distintamente. Mas não basta ver com clareza só no nível verbal.

Nessas condições, julgo importante que averigueis isso por vós mesmo; e para o averiguardes, deveis escutar, investigar. Falando-vos, estou-vos ajudando a investigar, não vos estou impingindo algo. Também eu estou investigando. Tal é a finalidade destas palestras.

Compreendendo-se isso, como se pode operar uma mudança interior profunda? Para uma pessoa que sinta verdadeiro interesse, e não para os indivíduos superficiais que andam em busca de alguma ilusão confortante, em busca de gurus, mentores, e os demais contra-sensos, este é o problema, não concordais?

A tranquilidade não vos dará nenhuma riqueza neste mundo — não a traduzais tão depressa em dólares. Se vos chegais a ela com uma vasilha de esmolar na mão, ela nada vos oferecerá.

KRISHNAMURTI ABANDONANDO A ESCURIDÃO